C O M U N I D A D E P G E M

Biblioteca Esotérica Virtual
http://www.pgem.hpg.com.br

MAGIA APLICADA

Dion Fortune

SUMÁRIO

PREFÁCIO 2
O CAMINHO OCULTO 3
ALGUMAS APLICAÇÕES PRÁTICAS DO OCULTISMO 6
A MENTE-GRUPO 11
A PSICOLOGIA DO RITUAL 16
O CIRCUITO DA FORÇA 18
OS TRÊS TIPOS DE REALIDADE 23
OS HABITANTES DO INVISÍVEL 25
As Almas dos Mortos 25
Projeções dos Vivos 26
As Hierarquias Angélicas 27
Elementais 28
Não-Humanos 29
MAGIA NEGRA 35
UM CORPO MÁGICO 38
O CAMPO OCULTO NOS DIAS ATUAIS 42
ELEMENTOS SUBVERSIVOS NO MOVIMENTO OCULTO 49
O "Perigo Judeu" 53
GLOSSÁRIO ESOTÉRICO 56
A SOMBRA - O HABITANTE DO LIMIAR 60
SÍMBOLOS ANIMAIS-RACIAIS 61
NOTAS VARIADAS SOBRE ASTROLOGIA 63
NOTAS SOBRE LOUCURA, PECADO LEMURIANO, ETC. 66

pG9@gmx.net
cadppus@yahoo.com

PREFÁCIO

As obras da falecida Dion Fortune foram escritas há muito tempo e desde então muitas coisas mais foram percebidas e compreendidas, de modo que muitas das ideias expressas naquela época, hoje não são necessariamente aceitáveis. Além disso, o que ela escreveu foi escrito do ponto de vista do psíquico. O psiquismo é, simplesmente, um tipo de percepção interior, e há outros tipos que pelo menos são igualmente válidos e igualmente comuns. Os leitores não psíquicos, portanto, podem traduzir em termos da sua própria percepção interior as experiências em termos de imagens psíquicas.

A publicação destes livros prossegue porque ainda há muito de valor neles e porque eles podem atuar como preciosos indicadores para aqueles que procuram.

A Sociedade da Luz Interior, fundada por Dion Fortune, tem um Curso de treinamento preliminar para aqueles que desejam entrar em contato direto com o Grupo e sua doutrina, tornar-se sócios e tomar parte nas atividades do Grupo. Esclarecimentos sobre o Curso e informações a respeito do Grupo e de seus objetivos e métodos poderão ser remetidos mediante solicitação enviada ao Secretário da Society of the Inner Light, 38 Steele's Road, London, N.W.3, England.

O CAMINHO OCULTO

O Caminho Místico que conduz à União Divina está tão divulgado que frequentemente se esquece que há uma outra Senda, com uma rota totalmente diferente na aparência, que conduz á mesma meta. Estamos tão acostumados a ouvir a apresentação da renúncia ao mundo e da abnegação como sendo a única Senda verdadeira para a alma que procura o Mais Alto, que dificilmente nos atrevemos a sussurrar que poderá haver um outro Caminho - o Caminho do domínio da existência manifesta e da apoteose do eu.

Há duas maneiras pelas quais Deus pode ser adorado; podemos adorá-lo em Essência não manifesta, ou podemos adorá-lo em Sua forma manifesta. Ambas as maneiras são legítimas, desde que ao adorarmos a forma manifesta não nos esqueçamos da Essência e adorando a Essência não a confundamos com a forma manifesta, pois estas coisas constituem o pecado da idolatria, que consiste numa ênfase erroneamente colocada.

O místico procura adorar Deus em essência. Mas a essência, ou raiz de Deus, pelo fato de não ser manifesta escapa à consciência humana. O místico, então, para poder conceber o objeto da sua adoração, tem que transcender a consciência humana normal. Não é possível conhecer a natureza mais recôndita de um estado de existência a não ser que possamos entrar nela e participar, pelo menos até um certo limite, das suas experiências. A tarefa do Místico, então, é a liberação da sua consciência dos habituais laços que a aprisionam à forma. Ê para esta finalidade que a disciplina ascética está dirigida, matando o mais inferior para que o mais superior possa ser liberado para unir-se a Deus e, desse modo, CONHECÊ-LO. O Caminho do Místico é um caminho de renúncia até o momento em que ele rompe todas as limitações da sua natureza inferior e entra em liberdade; então, nada mais resta que possa separá-lo de Deus, e sua alma voa para o alto, para entrar na Luz e nunca mais retornar.

A outra Senda, porém, não é um caminho de Renúncia, mas sim um Caminho de Realização; não é uma fuga da senda do destino humano, mas uma concentração e uma sublimação desse destino. Toda a alma que envereda por essa Senda vive, através da sua própria experiência, cada fase e cada aspecto da existência manifesta, e equilibra-a, espiritualiza-a e absorve-lhe a essência.

O objetivo daqueles que seguem tal Senda é obter o domínio completo sobre cada aspecto da vida criada. Contudo, quando dizemos domínio, não queremos significar o tipo de domínio que o dono exerce sobre o escravo. Antes, queremos significar o domínio do virtuose sobre seu instrumento; um domínio que está assentado sobre o poder de adaptar-se à natureza desse instrumento, penetrar-lhe o espírito e, desse modo, invocar a sua capacidade total de interpretação. O adepto que conseguiu dominar a Esfera de Luna interpreta a mensagem da Lua para o mundo e demonstra os poderes dela numa proporção equilibrada. O reino governado pelo Mestre do Templo não é uma monarquia absoluta. Ele não obtém esse domínio com o fito de fazer com que tronos, impérios e forças o sirvam, mas sim com o fito de trazer-lhes a mensagem de salvação vinda de Deus e para faz é-los lembrar de uma herança superior. Ele é um servo da evolução; cabe-lhe a tarefa de trazer ordem ao caos, harmonizar a discordância e levar o equilíbrio às forças desequilibradas.

A doutrina Vêdanta da Tradição Oriental distingue claramente entre a devoção ao Deus Não Manifesto, a essência espiritual da criação, e os aspectos manifestos, ou deuses. "Identifique o eu com os aspectos parciais, que são os Yoginis, e os vários Poderes (Siddhis) são

alcançados. Identifique o eu com a própria Maha-yogini e o homem está livre porque ele já não é mais um homem, é Ela.... Aquilo com que um homem deverá identificar-se depende daquilo que ele deseja. Mas seja qual for esse seu desejo, ele conseguirá o Poder bastando apenas desejar e trabalhar para obtê-lo" (World as Power, Power as Reality, por Woodroffe).

O que um homem deve almejar? Esta é a próxima pergunta que devemos fazer a nós mesmos. A resposta depende inteiramente do estágio de evolução a que chegamos. Antes de estar pronta para a União Divina, a almaprecisa completar a sua experiência humana. Ela deve passar o nadir da descida para a matéria, antes de poder entrar na Senda de Retorno. Enquanto não estivermos próximos da hora da nossa liberação da Roda do Nascimento e da Morte, não estaremos preparados para o Caminho Místico; tentar escapar prematuramente dessa Roda é fugir ao nosso treinamento. Assim como o barco que está numa regata e deixa de dar a volta em tomo da última bóia de marcação, nós somos desclassificados; não preenchemos as condições de liberação, cujas determinações são as de não nos esquivarmos de coisa alguma e só deixarmos para trás aquilo que tenhamos dominado, equilibrado e superado.

Ê uma doutrina falsa aquela que ordena que devemos erradicar da nossa natureza qualquer coisa que Deus ali tenha implantado, tão falsa e tola quanto a de aleijar um fogoso potro puro sangue porque ele é selvagem e não foi domado. O amor à beleza, o vitalizante impulso do instinto puro, normal e saudável, a alegria da batalha - sem estas coisas nós seríamos criaturas realmente miseráveis. Deus legou-as para nós, e podemos presumir que Ele sabia muito bem o que estava fazendo. Quem somos nós para julgar o Seu trabalho e condenar aquilo que Ele achou que era bom?

O que a lei de Deus proíbe é o abuso destas coisas, não o uso delas para aquelas finalidades às quais foram destinadas. A Senda do Fogo-da-Terra proporciona uma disciplina dos instintos muito mais completa e muito mais eficaz do que as cavernas dos eremitas de Tebas, com suas torturas ascéticas e suas automutilações, cometendo violências contra a natureza e ultrajando o trabalho de Deus.

Amedrontado ante as forças Elementais, quando se defronta com elas sem estar purificado e preparado, o asceta foge daquilo que ele acredita ser a tentação. É uma política muito mais lógica a de equilibrar as forças antagónicas existentes na nossa própria natureza, até podermos controlar a nossa turbulenta parelha de instintos e fazê-la puxar a carruagem da alma com a força da sua velocidade incansável.

Chegará, para todos nós, o dia em que estaremos livres da Roda do Nascimento e da Morte e entraremos na Luz para nunca mais retornar; se tentarmos afastar os Elementos e seus problemas antes do amanhecer desse dia, estaremos virando o nosso leme na direção do caminho de casa antes de termos dado a volta em torno da última bóia de marcação; nós somos como o homem que sepultou o seu talento no chão porque tinha medo dele. Nosso Senhor não nos agradecerá por nossa devoção erroneamente dedicada a um ideal imaturo, porém nos chamará de servos imprestáveis.

A chave para todo este problema, assim como para muitos outros, está na doutrina da reencarnação. Se acreditamos que todas as realizações humanas têm que ser alcançadas em uma única vida e que no final desta seremos julgados, estamos sujeitos a ser impelidos, em massa, para um idealismo que ainda não conquistamos por meio de um processo de amadurecimento natural. A liberação da Roda, o abandono da matéria, a União Divina estas coisas chegarão para todos nós no devido curso do tempo evolucionário, pois o objetivo da evolução é conduzir-nos para elas, mas talvez ainda não tenha chegado a hora e seremos muito tolos se deixarmos uma outra pessoa, embora avançada, julgar, para nós, em que ponto estamos

na escada da evolução e decidir qual deverá ser o nosso próximo passo. Devemos ter coragem para assumir as próprias convicções e seguir as nossas inspirações mais profundas. Se o nosso anseio é adorar a Deus em sua manifestação gloriosa, que o façamos fervorosamente; aí está o caminho da realização. Isto, porém, não significa desatrelar os impulsos; a Dança da Natureza é um movimento rítmico e ordenado e não devemos abandonar o nosso lugar no esquema da vida, caso contrário estragaremos tudo. Devemos trabalhar com a Natureza e pelos objetivos da Natureza, se tencionamos que ela seja a nossa Mãe. Eis aqui uma disciplina suficiente para qualquer alma.

Se, por outro lado, nossa inspiração se dirige para um afastamento pelo Caminho Místico, indaguemos de nós mesmos, honestamente, se estamos seguindo esse Caminho porque o chamado de Deus em nossos corações é muito forte, ou se, por acharmos a vida tão difícil preferimos escapar, para sempre, dos problemas que pesam sobre nossos ombros.

ALGUMAS APLICAÇÕES PRÁTICAS DO OCULTISMO

Quando pela primeira vez me aproximei do estudo da Ciência Oculta, ela era extremamente oculta e misteriosa. As várias sociedades abertas que então existiam, ou eram puramente exotéricas e elementares, ou então eram realmente bastante espúrias. Assim sendo, tornava-se difícil saber onde procurar qualquer ensinamento verdadeiro. Conseqüentemente, a menos que fosse psíquica, a pessoa estava completamente excluída de qualquer conhecimento. Isto, porém, já não acontece com a mesma intensidade e, para muitas pessoas, resta apenas a opção de, se interessar ou não pelo ensinamento oculto. Estamos condicionados a pensar que para obter qualquer conhecimento prático do ocultismo temos que nos separar do mundo, e para uma grande maioria toma-se totalmente impraticável seguir por esse caminho. Isto significa que muitas e muitas pessoas, que poderiam ser imensamente auxiliadas por essa doutrina, estão impedidas de se dedicar ao seu estudo, o que considero uma lástima. Quando eu estava em treinamento, o processo todo exigia um esforço imenso. Quanto mais eu entendo a respeito, mais eu sinto que o trabalho do adepto é uma coisa e a transmissão geral da doutrina é outra. As proezas que são realizadas pelo ginasta treinado estão inteiramente fora do alcance do homem comum; não obstante, os mesmos exercícios com os quais o ginasta é treinado, porém, não levados a um nível extremo, mantêm o homem comum forte e em boa forma quando são praticados regularmente. Penso que o mesmo acontece com o ocultismo. Se você desejar ser um adepto e realizar impressionantes proezas de Magia, tal como o ginasta, deverá submeter-se a um treinamento muito árduo. Mas eu acho que a aplicação posterior deste trabalho será a transmissão dos ensinamentos, de modo que se tornem acessíveis às pessoas impossibilitadas de abandonar tudo e cujo Carma as mantêm aprisionadas à vida cotidiana. É interessante notar que na época em que a recrudescência do ocultismo começou no Ocidente - mais ou menos em 1875 três movimentos tiveram lugar: o Ocultismo, o Movimento Espiritualista e a Ciência Cristã, com o Novo Pensamento como seu rebento. Estas são três Unhas distintas que lidam com as forças ocultas. O ocultista baseia seu trabalho na tradição e geralmente utiliza um cerimonial. O espiritualista está abordando o mesmo terreno, mas não tem tradição e baseia o seu trabalho na experimentação. O cientista cristão não tem tradição e não tem experimentação, porém baseia seu trabalho na hipótese dos poderes da mente. O Espiritualismo e a Ciência Cristã são procedimentos empíricos. Se estudarmos o movimento de cura da Ciência Cristã, veremos que ela tem um método muito bom, mas os seus praticantes raramente podem explicá-lo. O Ocultismo é a base científica de todos estes movimentos e pode explicar os fenómenos destes diferentes modos de experiência e de prática. Ê nisso que reside o seu valor. A Ciência Cristã e o Novo Pensamento produzem frutos valiosos, mas não dão nenhuma explicação que possa ser aceita por uma pessoa que pense, não obstante, mesmo assim, elas obtém os seus resultados. Portanto, que se encontre essa base e não se deixem escapar os resultados valiosos. Eu sustento que nas doutrinas esotéricas podemos encontrar uma explicação de tantas coisas na vida que todos ficariam mais ricos se elas lhes fossem franqueadas. Obtendo-se um indício do seu significado, a vida se torna um assunto bem diferente. Sem esse indício somos como folhas sopradas pelo vento, não sabemos onde estamos ou para onde vamos; estamos cegos e vagueamos ao acaso, com grande esforço, tateando pelo caminho afora, sem nenhuma garantia de que não vamos rolar num precipício. Todavia, se adotamos as doutrinas esotéricas, então nos vemos como parte do grande todo.

Vemos o nosso lugar na Natureza, vemos de onde viemos e para onde estamos indo, vemos o nosso relacionamento com o Cosmo, e a amplitude da vida se revela. È isto que a ciência esotérica pode dar uma aplicação muito ampla, profunda e prática, do ocultismo. Minha experiência com muitos cientistas esotéricos ensinou-me que - se eles fazem uma espécie de estudo intelectual, não é para aplicá-lo em problemas práticos - estão envolvidos, em maior ou menor grau, num trabalho de pesquisa, no estudo de sistemas de símbolos e da Cabala, apenas como um meio de fazer adivinhações. Além do mais, tais adivinhações são muito espúrias e, de um modo geral, tendem a desmoralizar a ideia que as pessoas têm da vida. Se alguma coisa boa ou má em breve deverá acontecer a alguém, qual é o benefício de revelar isso a ela? Todavia, numa interpretação da vida pode-se encontrar uma explicação para os acontecimentos. Quando estudamos as doutrinas esotéricas da evolução, vemos um imenso panorama abrindo-se â nossa frente. E, naturalmente, a crença na reencarnação está implícita no ocultismo, o mesmo se dando com a transferência do pensamento.

Aqui nós temos, penso eu, um dos ensinamentos mais esclarecedores que poderiam ser dados a respeito dos problemas da vida. O que é que qualquer ser pode fazer em uma só vida, para ganhar o Céu ou o Inferno por toda a eternidade? Certamente, a doutrina da reencarnação é bem mais racional o ir e o voltar, o tornar a ir, uma vez mais, para a reencarnação, em busca de mais experiência. Para a minha mente, é um conceito de existência deveras maravilhoso saber que atrás de nós se estende uma longa corrente de encarnações. Não nos lembramos delas porque o elo da memória está quebrado, mas elas estão lá e a Centelha Divina é o núcleo, de cada um de nós, ao redor do qual a experiência construiu um todo; este todo constitui o temperamento e as capacidades de cada ser. Esse conceito apresenta uma filosofia de vida muito profunda. Se as coisas boas da vida são um acaso cego, então, somos realmente muito infelizes. Mas se percebemos que as linhas gerais das experiências espirituais que a vida nos traz são determinadas por nossa própria alma, então começaremos a ver de que maneira devemos receber os acontecimentos.

Agora, outra questão se apresenta a grande doutrina esotérica dos planos invisíveis de existência. Esta doutrina nos diz que aquilo que os cinco sentidos podem ver ou aquilo com que podem entrar em contato não constitui o todo da existência. Isto a ciência exotérica pode confirmar por meio do microscópio, etc.

O ocultista, porém, vai mais além e diz que também existem os domínios da mente e do espírito, que você não percebe com os seus sentidos físicos. Nestes vivem as grandes forças que influenciam a vida e suas circunstâncias. Neles você encontrará a chave para as condições de vida no plano físico, uma chave que nunca irá encontrar em qualquer outro lugar. Pessoas, tais como Coué, estão manipulando com sucesso estas forças invisíveis. Se compreendermos bem as condições, então estaremos livres, estaremos capacitados para trabalhar com tais forças e manipulá-las nós mesmos. Todavia, só poderíamos fazê-lo dentro de limites muito definidos. A Ciência Cristã não estabelece limites; mas se observamos os resultados obtidos por seus adeptos, poderemos ver que existem limites. Há certas coisas que você fará melhor se não se meter com elas. O ocultista não tenta dominar a Natureza, mas sim colocar-se em harmonia com estas grandes Forças Cósmicas e trabalhar com elas. Você poderá ter uma ilustração disto se observar as barcaças do Tamisa afastando-se das margens quando a maré está virando; os barqueiros estão tirando vantagem do seu conhecimento das marés, e o rio faz o resto. No nosso caso e na questão da vida, deveríamos ter o mesmo conhecimento e sabedoria. Temos que compreender estas leis naturais do invisível. Elas são leis naturais e não há nada de espectral a respeito delas. Se as entendemos, podemos

fazer da vida uma coisa muito diferente. Naturalmente, há certas condições que somos obrigados a aceitar e que são os frutos do Carma; mas eu não quero que você aceite o Carma da maneira grosseira como às vezes ele é apresentado. Não se trata de uma questão de assassinato por assassinato, de que se você rouba de uma pessoa nesta vida essa mesma pessoa roubará de você na próxima. Não é tão simples assim. Significa que alguma coisa, na sua natureza, tem que ser percebida e modificada para que você possa estar em harmonia. Enquanto esse fator particular permanecer na sua natureza, ele lhe precipitará na vida um tipo similar de problema. Erros de intenção ou más ações deliberadas são dívidas geralmente pagas em vidas futuras; você poderá escapar impune nesta vida - nós todos vimos a florista malvada na forma de um verde loureiro mas o efeito da ação prossegue, é lançado na sua conta e, no devido tempo, terá que pagar. O pagamento, porém, é sempre em valores espirituais. Você aprende que tem que fazer certos ajustes, e quando termina de fazê-los a pressão afrouxa e você está livre. Assim, ponto por ponto, ganhamos caráter e equilíbrio. Conquistamos a nossa liberdade aprendendo as lições que a vida nos impõe; e se recusamos, elas se tomam cada vez mais e mais drásticas.

Quando as pessoas já atingiram um certo grau de desenvolvimento, são mais sensíveis e têm maior força espiritual, e sendo assim, os seus problemas tornam-se mais pungentes. A alma poderá ter decidido avançar rapidamente e com isso atrai todo o seu Carma de uma forma concentrada. A aflição parece abater-se constantemente sobre esta alma, e por meio de uma encarnação de sofrimento tal alma é purificada - então, a próxima encarnação se apresenta livre destas condições.

Uma simples encarnação não nos oferece qualquer indicação, porém nos deixa com um sentimento de injustiça; mas se podemos enxergar todas as nossas vidas passadas, estendendo-se em linha, então percebemos as coisas de maneira diferente. Devemos sempre observar os fatos na luz de três vidas. E também podemos alcançar nossos objetivos em três vidas. Nós agora estamos criando as condições para a nossa próxima vida, embora no presente tenhamos que assumir todo, ou em parte, o Carma proveniente da vida anterior. Algumas pessoas dizem "Certamente, uma vida já é bastante cansativa". Há, porém, uma outra maneira de encarar essa questão. Se nós avaliamos os nossos problemas em comparação com os imensamente longos períodos de tempo de todas as nossas vidas, eles assumem uma proporção diferente. Uma grande sensação de liberdade invade a alma quando acontece a percepção real de que o "eu" está caminhando e de que esta encarnação é apenas um incidente no seu percurso. Não podemos dar essa liberdade para ninguém simplesmente explicando as bases lógicas; mas vem, subitamente, a compreensão de alguma coisa que já existiu antes e isto determina uma grande alteração de valores. Mais uma vez, analisando os problemas existenciais, podemos descobrir que eles talvez estejam presentes porque estamos solucionando rapidamente os nossos assuntos e desenvolvendo-os bem depressa. Nós dizemos: "É a condição material que nos aflige, portanto, precisamos dela e devemos aprender as lições que ela veio nos dar". Procuramos interpretar a significação espiritual desta experiência. Vamos, então, desenvolver nossa alma, meditando sobre isso.

Quando a alma já adquiriu esta qualidade, ou já aprendeu as lições que precisava aprender, então o peso do Carma é retirado. Quando as pessoas atacam as suas condições, elas não mudam até que a liberdade seja ganha. Pensamos que poderíamos ser felizes se apenas certas coisas fossem mudadas; mas não, as condições estão em nós mesmos e somente trarão de volta outras condições similares. Quando estava trabalhando numa clínica de doenças nervosas, víamos isso acontecer repetidamente. O mesmo tipo de problemas estava sempre se repetindo na vida da mesma pessoa. Havia uma

mulher que tinha sido atacada por vagabundos por três ou quatro vezes. No curso normal das coisas, isto não acontece com todas as pessoas. Ou, antes, uma mulher poderá encontrar-se constantemente sob o domínio de um tirano e ser tratada com crueldade primeiro por um pai, depois por um marido e por fim no seu trabalho. Vemos que uma determinada forma de problema repete-se vezes e vezes na vida de uma mesma pessoa. Deve haver alguma coisa que determine a experiência que se repete. Se nós, se quase todos nós, olharmos para trás e fizermos um exame retrospectivo nas nossas próprias vidas poderemos verificar isso, pelo menos em certa extensão. Deve haver algum fator proeminente, na nossa própria constituição, que afasta as forças invisíveis. A única maneira de estabelecer relações com elas é modificando o caráter por meio da meditação, construindo formas-pensamento ou destruindo deliberadamente aquilo que chamamos de formas-pensamento e que são os canais através dos quais as coisas indesejáveis chegam até você. Estas são as aplicações práticas do Ocultismo e, para colocá-las em uso, não precisamos ser adeptos. Durante todo o tempo, nós estamos constantemente criando formas-pensamento de um tipo ou de outro. Nossos pensamentos não somente nos influenciam mas também formam canais de ingresso e atraem as forças correspondentes, existentes no próprio Cosmo. Se você se cerca de pensamentos de ódio, estará atraindo um tipo de ódio Cósmico para você mesmo. O ocultista tem um método para classificar essas forças, ele resolve todas essas coisas. Nós temos um sistema desse tipo na Árvore da Vida, da Cabala, e as crenças que estão ocultas sob ela podem ter um grande valor na vida, pois ensinam o tremendo poder da mente e os limites estritos dentro dos quais a mente trabalha e com os quais podemos realizar tanto. Estas doutrinas deveriam impregnar o pensamento, cada vez mais e mais.

A Sociedade Teosófica tem realizado um grande trabalho neste sentido, mas tem, principalmente, atraído o interesse do não-ortodoxo e do rebelde. Esta é uma grande perda porque estes ensinamentos podem e devem ser apresentados de uma forma tal que não desagradem a mente treinada, que é indispensável na ciência pura.

A física moderna está se voltando inteiramente para os ensinamentos ocultos. As coisas que Blavatsky disse - e que por tê-las dito foi ridícularizada e escarnecida agora estão se tornando uma questão de física pura. Há grandes aplicações destas coisas, que devem ser feitas. Devem ser aplicadas à sociologia, à administração das prisões e dos asilos, onde as formas-pensamento criadas tornam a infectar as pessoas, a menos que as neutralizemos.

Podemos estudar as suas aplicações práticas na medicina, cuja verdadeira chave só elas possuem. Se você trata do homem como sendo apenas um corpo, isso é bastante insatisfatório. Do mesmo modo, se você adota o ponto de vista ortodoxo e lida com o homem como sendo apenas um espírito, não está fazendo justiça a ele. A auto-intoxicação e o pecado são diferentes. O homem é um ser quádruplo, e você deve tratá-lo como tal. Você deve distinguir em qual nível o problema tem origem. As forças de vida do nível espiritual são as verdadeiras chaves para o problema inteiro, e essas forças-vida, traduzidas através do intelecto e através da compreensão, são trazidas para os outros planos.

Há alguns ensinamentos esotéricos por meio dos quais qualquer pessoa pode beneficiar-se. Creio que a grande necessidade de segredo oculto já é praticamente uma coisa do passado, mas um pouco ainda é necessário. Em parte porque uma mente-grupo é necessária para algumas formas de ocultismo prático, e estas formas precisam ser conservadas, não podem ser dissipadas como acontece quando alguma coisa é do conhecimento de todos e é propriedade comum; e, também, para proteger os indivíduos contra o

preconceito popular. Madame David-Neel contou-nos, em seus livros sobre o Tibé, que lá não há segredos a respeito dos ensinamentos dos Lama e da sabedoria secreta. As coisas que são mantidas em segredo são os métodos para treinar seus estudantes. Ela mesma, em seus livros, revelou muitos ensinamentos que são chaves importantes para a compreensão de muitas doutrinas ocultas. Não há mistérios a respeito dos ensinamentos, mas somente a respeito dos métodos práticos, com os quais as pessoas poderão causar males.

Assim, vemos que o trabalho prático do ocultismo só pode ser realizado por mentes exercitadas e exige um alto grau de treinamento; mas os princípios podem ser extremamente valiosos e quanto mais divulgados tanto melhor.

A MENTE-GRUPO

O termo Mente-Grupo às vezes é usado incorretamente entre os ocultistas, como se fosse intermutável com Alma-Grupo. Os dois conceitos, porém, são inteiramente distintos. A Alma-Grupo é o material bruto da matéria-mente, do qual a consciência é diferenciada por meio da experiência; a Mente-Grupo é construída por meio da contribuição de muitas consciências individualizadas, concentrando-se sobre a mesma ideia.

Para tornar isto mais claro, tomemos um exemplo concreto. Durante o clímax da sua popularidade, o Marechal Joffre visitou a Inglaterra e recebeu uma grande ovação. Enquanto estava se dirigindo do seu hotel para Mansion House, para ser recebido pelo Prefeito, seu carro circulou por muitas ruas. Indivíduos o reconheceram e pararam para olhá-lo, mas não foi feita nenhuma demonstração. Todavia, quando ele chegou no movimentado cruzamento da Mansion House, os policiais pararam o tráfego e fizeram continência; a multidão viu que alguma coisa estava acontecendo; ele foi reconhecido, seu nome passou de boca em boca e num instante formou-se uma onda de ardente entusiasmo. Pessoas pacatas e controladas foram levantadas e arrebatadas pela onda de excitação e se viram gritando e agitando seus chapéus como se fossem loucas. Note a diferença entre o comportamento da multidão, quando agiu como uma multidão, e o comportamento dos indivíduos isolados, muito embora numerosos, que simplesmente pararam para olhar com interesse mas nïo demonstraram qualquer emoção.

Este incidente nos faz recordar um outro incidente também ocorrido em Mansion House, que ilustra muito bem a psicologia da multidão e a mente-grupo. Há muitos anos, Abdul Hamed, o detestado sultão da Turquia, visitou a Inglaterra. Ele também foi recebido pelo Prefeito e se dirigiu, de carro, para a Mansion House. Repetiram-se exatamente as mesmas cenas, porém com um conteúdo emocional diferente. O seu carro passou tranquilamente por ruas cheias de gente, indivíduos pararam para encarar, boquiabertos, o visitante notório, mas sem fazer a menor demonstração; todavia, quando o tráfego foi paralisado para dar-lhe passagem no cruzamento da Mansion House, e a multidão o reconheceu, daqueles tranquilos e sóbrios cidadãos maduros elevou-se um uivo de execração igual ao grito de uma matilha de lobos. A multidão arremeteu para a frente como um só homem e foi com grande dificuldade que ele foi salvo de ser arrancado da carruagem.

Considerados individualmente, qual destes homens citadinos, empregados de escritório satisfeitos com as suas escrivaninhas, teria assaltado, sozinho, o idoso e augusto Sultão? Não obstante, quando apanhados no frenesi da multidão, foram capazes de fazer um ataque selvagem em meio a uma babel de rosnidos animalescos. Durante aquele momento, alguma coisa como uma entidade obsessora tomou posse da alma de todos eles, uma imensa Alguma Coisa, de um caráter que não era a soma da massa de almas individuais, porém algo mais vasto, mais potente, mais feroz e mais intensamente vivo e consciente dos seus impulsos. Todavia, em momentos comuns as multidões que se acotovelavam em Mansion House passavam pelo cruzamento e depois cada indivíduo tomava o seu próprio caminho, absorvido em seus próprios pensamentos, indiferente, sem dar atenção aos seus vizinhos. O que foi que transformou essa massa de unidades indiferentes e apressadas em um bando unido e arrebatado pelo entusiasmo de um ideal, ou em um organismo capaz de perigosa violência?

A chave para a situação toda está na direção da atenção de um grupo de pessoas para um objeto comum, a respeito do qual todas elas nutrem,

fortemente, o mesmo sentimento. A direção da atenção, sem emoção, para um objeto comum, não tem o mesmo efeito. Embora a multidão pare e fique olhando para os semáforos de Picadilly Circus, eles não determinam a formação de uma mente-grupo.

Com o auxílio de todos esses dados, consideremos o problema nas suas aplicações ocultas. O que é esta estranha Superalma, que se forma e se dispersa tão rapidamente quando um grande número de pessoas tem o mesmo pensamento em um mesmo lugar? Para uma explicação, devemos analisar a teoria dos Elementais Artificiais.

Um Elemental Artificial é uma forma de pensamento que tem por alma uma essência Elemental. Esta essência poderá ser extraída diretamente dos reinos Elementais ou poderá provir da própria aura do mago. Uma forma-pensamento construída por meio de contínua visualização e concentração, e com relação à qual é sentida uma emoção forte, fica carregada com essa emoção e é capaz de ter uma existência independente, fora da consciência do seu criador. Este é um fator muito importante no ocultismo prático, e é a explicação de muitos dos seus fenómenos.

Exatamente o mesmo processo, que conduz à formação de um Elemental Artificial por um mago, tem lugar quando um grande número de pessoas se concentra, com emoção, sobre um único objeto. Essas pessoas criam um Elemental Artificial, vasto e potente, relativamente proporcional ao tamanho e à intensidade dos sentimentos da multidão. Este Elemental tem uma atmosfera mental própria, muito marcante, e esta atmosfera influencia, com poderosa intensidade, os sentimentos pessoais de cada integrante da multidão emocionada. Dá a ela sugestões telepáticas, faz soar a nota do seu próprio ser nos ouvidos de cada um, reforçando, desse modo, a vibração emocional que originalmente o fez nascer; há ação e reação, estímulo mútuo e intensificação, entre o Elemental e seus criadores. Quanto mais a multidão se concentra sobre o objeto da sua emoção, mais vasto se torna o Elemental; quanto mais vasto ele se torna, mais forte é a sugestão em massa que ele envia aos indivíduos componentes da multidão que o criou; e estes, recebendo esta sugestão, percebem que os seus sentimentos vão se intensificando. Ë desse modo que as multidões são capazes de atos de paixão, dos quais cada membro individual se esquivaria com horror.

Um aglomerado Elemental, porém, dispersa-se com a mesma rapidez com que se formou, porque uma multidão não tem continuidade de existência; no instante em que o estímulo da emoção é removido, a turba deixa de ser uma unidade e reverte à heterogeneidade. Ê por isso que os exércitos indisciplinados, embora cheios de entusiasmo, são máquinas de lutar indignas de confiança, pois o entusiasmo se evapora se não for continuamente estimulado. Ele se fraciona em partículas componentes de muitas unidades com interesses diversificados, cada uma ativada pelo instinto de autopreservação. Para construir uma mente-grupo que tenha qualquer durabilidade, é essencial que haja algum método para assegurar a continuidade da atenção e do sentimento.

Sempre que uma tal continuidade da atenção e do sentimento é formada, também é formada uma mente-grupo ou um Elemental-grupo que, com a passagem do tempo, desenvolve uma individualidade própria e deixa de depender, para a sua existência, da atenção e da emoção da multidão que o fez nascer. Tão logo isto acontece, a multidão já não tem poder para retirar a sua atenção ou para dispersar-se; o Elemental-grupo a tem sob seu controle. A atenção de cada indivíduo é atraída e mantida a despeito dele próprio; os sentimentos são espicaçados dentro dele, mesmo à sua revelia.

Cada recém-chegado que se aproxima do grupo entra nesta atmosfera potente, aceita-a e é absorvido pelo grupo, ou então a rejeita e ele

próprio é rejeitado. Nenhum membro de um grupo que tem uma atmosfera forte, de uma mente-grupo ou de um Elemental-grupo (de acordo com o termo que preferirmos), tem liberdade para pensar sem predisposição sobre os objetos da concentração e da emoção do grupo. Ë por essa razão que as reformas são tão difíceis de realizar.

Quanto mais vasta é a organização que precisa de reformas, mais difícil é mudar e mais forte deve ser a personalidade que tenta realizar essa tarefa. Contudo, assim que essa personalidade enérgica começa a causar impressão, ela rapidamente descobre que um grupo está se reunindo sob a sua liderança, que este, por sua vez, está desenvolvendo um Elemental e que o impulso que ela originou a está impelindo para diante. Quando ela agita a bandeira da sua liderança, o movimento que criou obriga-a a seguir para a frente. O indivíduo solitário poderá desviar-se e parar nos momentos de dúvida e de desencorajamento, mas isso não acontece com o líder de um grupo fortemente emocionalizado; tão logo retarda o passo, ele sente a pressão da mente-grupo que está atrás, e esta o impele para a frente durante as horas de fraqueza e de escuridão. Se o seu plano foi imprudentemente concebido, esta também poderá arrastá-lo e despedaçá-lo contra as rochas de uma política errónea, uma política cuja imprudência ele teria enxergado se tivesse analisado racionalmente o assunto. Não há meios de fazer parar o impulso de um movimento que se está deslocando ao longo das linhas de evolução. A mente-grupo dos participantes forma um canal para a manifestação das forças de evolução e o impulso desenvolvido é irresistível. Contudo, por mais potente que seja a personalidade, por mais vastos que sejam os recursos, por mais populares que sejam as frases que funcionam como isca, se o movimento é contrário às leis cósmicas, então é apenas uma questão de tempo até que o grupo todo se precipite loucamente por uma rampa íngreme e caia no mar. Pois, num caso deste tipo, o próprio impulso que foi criado é que é a causa da destruição. Dê corda suficiente a um movimento falso e ele sempre se enforcará sozinho, caindo por causa do seu próprio peso, quando se tornou suficientemente instável para perder o equilíbrio.

Este fator da Mente-Grupo é uma chave extraordinariamente importante para a compreensão dos problemas humanos, e explica a irracionalidade dos homens em massa. Há alguns livros muito interessantes sobre este assunto, destacando-se: The Psychology of the Herd in Peace and War, por Wilfred Trotter, e The Group Mind, por William McDougal. Estes livros recompensarão muito bem a sua leitura pela luz que lançam sobre os problemas da vida cotidiana e da natureza humana. O ocultista leva a aplicação prática da doutrina das mentes-grupo muito mais longe do que o faz o psicólogo e nela encontra a chave para o poder dos Mistérios.

Analisado através de uma compreensão da psicologia das multidões, torna-se óbvio que o método dos Mistérios e das fraternidades secretas de todas as épocas baseia-se na experiência prática dos fatos. O que poderia ser mais propício à formação de uma poderosa mente-grupo do que o segredo, as roupas especiais, as procissões e os cânticos de um ritual oculto? Qualquer coisa que diferencia da massa um grupo de indivíduos e os aparta, forma, automaticamente, uma mente-grupo. Quanto mais um grupo fica isolado, maior a diferença entre ele e o resto da humanidade, mais forte é a mente-grupo que assim foi criada. Pense na força da mente-grupo da raça judaica, isolada pelo ritual, pelos costumes, pelo temperamento e pela perseguição. Não há nada igual à perseguição para dar vitalidade a uma mente-grupo. Ë bem verdade que o sangue dos mártires é a semente da Igreja, pois ele é a argamassa da mente-grupo.

É por essa razão que o segredo dos Mistérios nunca será inteiramente abolido. Por mais que seja revelado, alguma coisa sempre deve ser mantida em reserva e em segredo, porque esta alguma coisa, que não é partilhada

com outros e que é o centro da atenção do grupo é o núcleo da mente-grupo e o foco da sua atenção; ela é para a mente-grupo aquilo que o grão de areia é para a pérola que se está formando dentro da ostra. Se não existisse o grão de areia não existiria a pérola. Remova aquilo que diferencia o iniciado do resto dos homens e a mente-grupo da qual ele faz parte cairá em pedaços.

A potência do cerimonial fisicamente executado não se limita apenas a um apelo dirigido à entidade invocada, mas também a um apelo dirigido à imaginação dos participantes. Um adepto trabalhando sozinho realizará um ritual em imagens conscientes no astral, sem sair da sua postura de meditação, e este ritual será eficaz para os propósitos da invocação. Mas se ele deseja criar uma atmosfera na qual o desenvolvimento dos seus discípulos avance, como num gerador de força, ou se ele deseja elevar a sua própria consciência além das suas limitações normais, transcendendo o seu próprio poder de vontade e de visão a olho nu, ele fará uso dos poderes do Elemental-grupo desenvolvido por meio do ritual.

Esta mente-grupo, ou Elemental ritual, age sobre aqueles que participam da cerimônia exatamente da mesma maneira como a emoção da turba agiu sobre os cidadãos pacíficos quando viram o Marechal Joffre. Ficam fora de si; durante aquele momento, são mais do que humanos, pois um Elemental-grupo, formado pela emoção apropriada, é tão capaz de elevar a consciência ao nível dos anjos como de rebaixá-la até o nível das bestas.

Quando a nossa emoção é fortemente dirigida para um objeto, nós estamos derramando uma sutil mas não obstante poderosa forma de força. Se essa emoção não é um simples derramamento cego, porém se formula dentro da ideia de fazer alguma coisa, especialmente se essa ideia faz com que surja na mente uma dramática imagem mental, a força derramada é formulada numa forma-pensamento; a imagem mental é animada pela força derramada e se torna uma realidade no astral. Esta forma-pensamento logo começa a emitir vibrações, e estas, pela lei da indução simpática da vibração, tendem a reforçar os sentimentos da pessoa cuja emoção lhes deu origem, e a induzir sentimentos similares em outras pessoas presentes, cuja atenção está dirigida para o mesmo objeto, mesmo que até aquele momento elas tenham sido apenas observadores desinteressados.

Será notado que a teoria da mente-grupo agora está sendo associada à teoria da auto-sugestão, conforme formulada por Baudouin, e estes dois conceitos psicológicos estabelecidos são aumentados, por associação, com o conceito esotérico da telepatia. Junte estes três fatores e teremos a chave não somente para o fenômeno da psicologia da multidão mas também para o pouco compreendido poder do ritual, especialmente o ritual conforme é realizado em uma loja secreta.

Observemos o que acontece quando é realizado um ritual deste tipo. Todos os presentes mantém a atenção concentrada sobre o drama da apresentação da cerimônia. Cada objeto ao alcance da visão é um símbolo da ideia que está sendo expressa pela cerimônia. Nenhuma circunstância que possa intensificar a concentração e a emoção é negligenciada. Conseqüentemente, é construído um grupo altamente concentrado e altamente energizado.

Conforme já pudemos ver, quando pensamos em qualquer objeto com emoção, derramamos força. Se um grupo de pessoas está pensando no mesmo objeto com emoção, com a atenção concentrada e com os sentimentos exaltados pelo ritual da cerimônia, elas estão derramando, num tanque comum, uma quantidade de força sutil que não tem nada de insignificante. É esta força que forma a base da manifestação de qualquer potência que possa estar sendo invocada.

Nas religiões onde os deuses ou os santos são livremente representados de forma pictórica, a imaginação dos adoradores está acostumada a idealizá-los conforme os viram representados; quer seja o Hórus da cabeça de

falcão, quer seja a Virgem Maria. Quando um grupo de adoradores devotos está reunido, com as emoções concentradas e exaltadas pelo ritual e mentalizando todos a mesma imagem, a força derramada por eles é modelada na forma de uma simulacro astral do ser assim intensamente imaginado; e se esse ser é a representação simbólica de uma força natural que é justamente aquilo que todos os deuses estão destinados a ser essa força encontrará um canal de manifestação através da forma que foi assim construída; a imagem mental sustentada na imaginação de cada participante da cerimônia subitamente dará a cada um deles a impressão de tornar-se viva e objetiva, e eles sentirão o afluxo da força que foi invocada.

Depois desse processo ter sido repetido regularmente durante consideráveis períodos de tempo, as imagens que foram construídas permanecem no astral, exatamente do mesmo modo como a marca de um hábito é formada na mente pela execução repetida da mesma ação. A força natural fica permanentemente concentrada desta forma. Em consequência disso, os adoradores subsequentes não precisam fazer grandes esforços para formular o simulacro; eles têm apenas que pensar no deus e logo sentem o seu poder. Foi deste modo que foram construídas todas as representações antropomórficas da Divindade. Se pensarmos um instante, veremos que o Espírito Santo não é uma chama e também não é uma pomba; e que o aspecto-terra maternal da Natureza não é fsis e nem é Ceres ou a Virgem Maria. Estas são as formas das quais a mente humana lança mão para compreender estas coisas; quanto mais inferior e menos evoluída é a mente, tanto mais grosseira é a forma.

Aqueles que têm algum conhecimento dos poucos aspectos desvendados da mente humana, quer se trate de um sacerdote egípcio, de um hierofante eleusiano ou de um ocultista moderno, fazem uso do seu conhecimento deste raro tipo de psicologia para criar condições nas quais a mente humana possa ser capaz de transcender a si mesma, romper a barreira das suas limitações e lançar-se num espaço mais vasto.<!

A PSICOLOGIA DO RITUAL

Quando da Reforma, os homens que criaram o ritual Anglicano não compreenderam a significação psicológica do cerimonial romano. Eles o viram na sua degradação, como um canal vazio, e quebraram o encanamento porque ele estava seco. Na nossa geração, tratemos de ser mais prudentes e em vez de quebrar o encanamento vamos ligá-lo à fonte.

Há uma realidade espiritual por trás das formas das religiões organizadas, e é unicamente esta realidade que lhes dá o seu valor. Elas não foram criadas com a intenção de que funcionassem como uma disciplina para treinar a alma, ou nem mesmo para que servissem como um meio para agradar a Deus, mas sim para possibilitar que a Luz do Espírito possa ser colocada em foco na consciência. Se compreendermos a psicologia do ritual, jamais seremos prisioneiros da superstição e nunca estaremos em luta contra formas vazias. Compreenderemos que uma forma é um canal para uma força, e que o canal físico para uma força não é apenas o material usado num sacramento, mas também a vívida imagem pictórica criada, por seu uso ritual, na mente dos adoradores.

Quando estamos procurando a validade das formas da Igreja, é para a força que está por trás do símbolo que devemos olhar. O signo exterior e visível, seja ele uma taça ou uma cruz, é apenas o ponto focal da atenção, o ponto que capacita o adorador a entrar em contato psíquico com a forma de força espiritual que é a vida que anima aquele símbolo. Quando queremos encontrar uma explicação sobre o significado dos símbolos e rituais da Igreja, devemos olhar para a psicologia, não para a história. Aquilo que é comemorado não é um ato mundano, mas sim uma reação espiritual, e somente quando nós mesmos criamos essa reação interior é que podemos partilhar da eficácia do ato que foi o seu protótipo. A crucificação de Nosso Senhor, nas mãos da autoridade romana, foi apenas a sombra projetada, sobre o plano material, pela luta que estava sendo travada no mundo espiritual. Não foi o derramamento do sangue de Jesus de Nazaré que redimiu a humanidade, mas o derramamento da força espiritual emanada da mente de Jesus, o Cristo.

O simbolismo que comemora a Sua morte faz com que concentremos a nossa atenção no Sacrifício da Cruz e no trabalho que esse sacrifício tem feito pela humanidade. A subconsciência racial dos povos cristãos está profundamente impregnada com este ideal, e quando contemplamos o símbolo universalmente associado a ele ativamos uma Unha subconsciente de ideias que desperta profundas memórias raciais. O ritual que faz com que uma congregação concentre a sua atenção está utilizando a mente-grupo. Ë bastante sabido que a mente-grupo, sob a influência do medo ou da raiva, é capaz de pânicos e linchamentos dos quais os membros individuais que compõem essa multidão são absolutamente incapazes; o mesmo acontece com os impulsos da vida espiritual. Uma congregação é uma multidão organizada, cuja atenção é canalizada, por apelos aos cinco sentidos físicos, para um único foco o sacrifício da Missa - e a emoção-grupo desse modo engendrada é capaz de elevar a mente-grupo a alturas que os indivíduos que compõem essa congregação são incapazes de alcançar sem ajuda.

Não se deve pensar que uma explicação deste tipo, do aspecto psicológico do poder da Eucaristia, possa ter qualquer intenção de diminuir o reconhecimento do seu aspecto Divino; sua única atenção é mostrar a maneira pela qual as forças espirituais operam no nível da mente. Se desejamos compreender o modus operandi das forças espirituais, devemos

distinguir entre o espiritual e o mental. A confusão entre estes dois tipos de psicologia é que leva a tantos mal-entendidos.

Para ser apreendido pela mente humana não treinada, o poder de Deus tem de ser corporificado numa ideia concreta. Daí a necessidade da Encarnação, que apresentou Deus ao homem que ele pode compreender.

Portanto, os sacramentos da Igreja são encarnações, ou corporifïcações na forma, de verdades espirituais primárias, por demais abstratas para poderem ser apreendidas pela mente não instruída. Por meio do seu simbolismo pictórico, a mente é capaz de contemplar aquilo que jamais poderia conceber sem ajuda. Esta contemplação possibilita que ela estabeleça uma ligação com a potência espiritual que realiza o trabalho projetado pelo sacerdote que está no plano físico. Desse modo, ligada em pensamento, a força espiritual se derrama na alma e realiza o seu trabalho divino.

Há, portanto, três aspectos para um sacramento o poder sem forma de Deus, transportado do abstrato para o concreto por Nosso Senhor; segundo, o ritual simbólico que nos faz lembrar da função particular do trabalho de Nosso Senhor; e, terceiro, a imagem formada na nossa imaginação. Quando esta última se firma na consciência, o circuito foi completado e Nosso Senhor nos colocou em contato com Deus.<!

O CIRCUITO DA FORÇA

Não é fácil traduzir o pensamento oriental para os leitores ocidentais, porque o dicionário equivalente, dos termos empregados, está muito longe da sua significação no pensamento místico. Aqueles que penetraram, com referência a estes assuntos, além da Corte Exterior, sabem muito bem que existe o uso de uma linguagem especial, um double entendre, por assim dizer, que é utilizado sempre que questões de procedimentos práticos estão em discussão, caso contrário o "renascido" não poderia descobrir os atalhos que levam aos lugares secretos da alma. É certo, e também é necessário, que seja adotada esta precaução, e ela será observada nestas páginas; pois estes atalhos são eficientes dispositivos psicológicos e podem ser utilizados tanto pelos não dedicados quanto pelos dedicados, e se empregados por pessoas que têm mente impura e indisciplinada podem trazer infortúnio para elas e para o próximo. Eu seria a última pessoa a negar a um adulto o direito de queimar os seus próprios dedos se ele quiser queimá-los, mas penso que é melhor afastar dele os meios para provocar incêndios em outras pessoas.

Outra dificuldade, com respeito à questão de traduzir o pensamento oriental para os leitores ocidentais, reside no fato de que a maneira de encarar a vida do Oriente e do Ocidente difere completamente; isto é ilustrado, de uma forma impressionante, pelos edifícios sagrados existentes nos dois hemisférios. No Ocidente, o emblema central celebra o sofrimento; no Oriente, ele celebra a alegria. Os homens e as mulheres condicionadas por estes emblemas naturalmente avaliam as experiências da vida de maneira diferente. Como disse Kipling, com muita verdade: "Os sonhos mais loucos de Kew são os fatos de Khatmandu e os crimes dos puristas Clapham, em Martaban".

A melhor maneira de nos aproximarmos do pensamento oriental é através de uma educação clássica. O grego e o hindu não teriam dificuldade em entender um ao outro; tinham ambos o mesmo conceito da Natureza e a mesma consideração pelo ascetismo como um meio para atingir um fim, e não como um fim em si. Todavia, o pensamento oriental penetrou muito mais fundo na religião natural do que os gregos puderam fazê-lo, e os Mistérios de Ceres e de Dionísio são apenas sombras pálidas dos seus protótipos orientais.

Com relação a isso, não será inútil examinar aquilo que se sabe a respeito da origem dos Mistérios gregos. Acredita-se - e para conhecer as bases desta crença o leitor poderá encaminhar-se para as páginas de Prolegomena to the Study of Greek Religion por Jane Harrison - que quando a religião nacional grega começou a perder a sua influência sobre um povo cada vez mais esclarecido, foi feita uma tentativa, de modo algum mal sucedida, de providenciar uma versão dela que pudesse ser aceitável para os homens inteligentes, para isso tomando emprestado o método dos Mistérios egípcios e expressando esse método em termos dos cultos gregos da Natureza, mais antigos e mais primitivos, que precederam a tradição altamente poetizada dos radiosos olímpicos. Estes velhos cultos ainda sobreviviam nas partes mais remotas da Grécia, nas ilhas e nas montanhas, e os mitos do Mistério mostram claramente que os seus fundadores conheciam este fato, pois neles o deus desce das montanhas ou a deusa se refugia em uma ilha. Deve-se reconhecer claramente que estes mitos do Mistério não são, de modo algum, um material primitivo, mas sim um material realmente sofisticado, sendo o trabalho de eruditos e de místicos, de uma era altamente civilizada, procurando fontes de inspiração, ainda não interceptadas, nas raízes tradicionais da religião

grega. Foi exatamente como se um inglês de hoje procurasse inspiração no folclore celta ou escandinavo. Sem dúvida, os iniciados nos Mistérios foram vistos como pagãos na sua própria época.
Há um outro fato que, embora sendo do conhecimento dos especialistas que seguem esta Unha de estudos, não é percebido pela maioria dos autores que escrevem sobre misticismo e, conseqüentemente, pela maioria dos seus leitores. Sem dúvida, para muitos será uma surpresa ficar sabendo que os iniciados indianos acreditam que a inspiração dos seus Mistérios veio originalmente do Egito. Informações relevantes poderão ser encontradas nas obras de Sir John Woodroffe (Arthur Avalon). Veja, em particular, o extrato retirado de Panchkori Bandyapadhyga, na pág. XXIV do Vol. II, de Principles of Tantra, desse autor.
Segue-se, então, que os iniciados na Tradição Esotérica Ocidental e que, aos graus alquímicos mais conhecidos, adicionaram também aqueles inspirados na Grécia e no Egito, não terão dificuldade em compreender muito do que é obscuro, ou até mesmo obsceno para o estudante comum, no pensamento oriental.
Todavia, embora possam ser valiosas como corretivo para a nossa insularidade, as aplicações práticas de tais ensinamentos são difíceis de conseguir. É frequentemente dito que o Yoga, conforme é ensinado no Oriente, é impraticável no Ocidente porque as condições ocidentais de vida são absolutamente inadequadas para ela e a atitude ocidental é de total indiferença. Eu só posso repetir, mais uma vez, o clássico conselho de que o estudante não deve, em hipótese nenhuma, tentar realizar o trabalho prático do Yoga avançado, a menos que tenha as necessárias condições de mente, corpo e estado, pois cada uma delas tem um papel relevante. O Yoga prático não deverá ser realizado de nenhum modo improvisado, mas sim com o devido cuidado e atenção dirigidos a todas as condições materiais indispensáveis à sua realização. Dada a inexistência de tais condições, é aconselhável a não fazer a tentativa com substitutos. Entre as necessidades indispensáveis está o número de pessoas a serem adequadamente treinadas, em local convenientemente equipado e preparado, e a salvo de profanação. Mais uma vez, eu enfatizo que as improvisações são mais prejudiciais do que inúteis. Afinal, se você pratica o Yoga, pratique-o sob condições adequadas ou então desista.
Contudo, a despeito destas cláusulas e avisos, acredito ser válido escrever sobre o assunto Yoga por achar que o meu treinamento sobre os antigos Mistérios do Ocidente me deu uma penetração que o cristão comum não possui. Tem surgido um grande número de livros, sobre esse assunto, cujos próprios autores reconhecem, francamente que o Yoga em sua forma original é inadequado para o Ocidente, e todos, sem exceção, tentam apresentar-nos uma adaptação que possa ser mais conveniente; contudo, até onde vai a minha experiência, todos eles, sem exceção, jogaram fora o bebé junto com a água do banho e apresentaram uma versão dessa antiga ciência, correspondente talvez á uma versão do Hamlet editada por um racionalista que tivesse removido todas as referências ao sobrenatural. O resultado não faz sentido.
Permanece, porém, o fato de que o Yoga, em si mesmo, não é adequado para o Ocidente, e que se a montanha não pode ir a Maomé, Maomé terá que ir à montanha se quiser apreciar as delícias de uma altitude elevada. Nossa cultura ocidental trouxe muitos benefícios na forma de saneamento físico, mas o mesmo não pode ser dito no que se refere ao saneamento mental, e uma modificação na sua atitude é necessária e já está atrasada, conforme os psicanalistas têm apontado desde muito tempo.
Em escritos anteriores tentei mostrar as implicações práticas da doutrina da Manifestação por meio dos Pares de Opostos, doutrina essa das mais fundamentais e importantes da tradição esotérica. Muito daquilo que eu

tive que dizer é tão profundamente esotérico e tão imediatamente prático que fui obrigada a aderir ao antigo método do mito e da metáfora. Estas coisas não são para o profano, que não as entenderia ou então faria um uso abusivo delas. Aqueles que têm olhos para ver podem ler nas entrelinhas.

Neste presente contexto tentarei resumir os princípios envolvidos e conduzir o conceito todo para um único foco; todavia, mesmo assim a sua natureza é tão inerente â doutrina - como é, de fato, a natureza de toda a manifestação que o meu raciocínio precisa mover-se num circuito, retornando ao ponto de onde partiu, para a sua explanação e explicação final.

A Manifestação tem lugar quando o Um se divide em Dois que agem e reagem um sobre o outro. A Manifestação termina quando a Multiplicidade é solucionada ou reabsorvida na Unidade. A transição de plano para plano de manifestação tem lugar da mesma maneira. A fim de que qualquer coisa ou fator possa ser trazido de um plano mais elevado para um plano mais inferior, é preciso analisá-lo considerando, separadamente, os fatores contraditórios que são mantidos em equilíbrio na sua natureza. Para fazer isto, imaginamos os extremos opostos, que ele é capaz de ter e de expressar separadamente, embora conservando, na consciência, a sua unidade essencial quando em equilíbrio.

Do mesmo modo, se o que se deseja é elevar qualquer fator, de um plano inferior para um plano mais alto, concebemos o seu oposto e reconciliamos o par na imaginação e na percepção.

Qualquer par de fatores, dividido a bem da manifestação, age e reage um sobre o outro, lutando alternadamente para estabelecer uma união e, no ato da união, fazer uma troca de magnetismo; e então, tendo sido feita uma troca mútua de magnetismo, cada um repele o outro e luta para separar-se, restabelecendo assim a sua individualidade isolada; em seguida, esta tendo sido estabelecida e tendo sido gerada uma nova carga de magnetismo, novamente eles anseiam um pelo outro para uma nova troca de magnetismo, o mais potente emitindo e o menos potente recebendo a carga. Com respeito a este ponto, nunca deve ser esquecido que a potência relativa não é uma coisa fixa, dependendo de mecanismo ou de forma, mas sim uma coisa variável, dependendo de voltagem ou vitalidade. Além do mais, a carga vai e volta, como uma corrente elétrica, nunca com um fluxo permanente numa só direção.

Estes são princípios básicos do conceito e têm a sua aplicação em cada aspecto da existência. A ignorância deles e a nossa inveterada tendência de tentar manter o status quo, sempre e onde quer que ele tenha se estabelecido, causa uma interminável esterilidade, tão desnecessária quanto destrutiva e devastadora, cuja causa é absolutamente insuspeitada.

Uma ilustração servirá para mostrar as importantes ramificações da influência deste princípio. Aplique estes conceitos ao relacionamento entre iniciador e candidato, entre líder e seguidor, entre homem e mulher; depois de tê-los aplicado, releia estas páginas e veja se pode ver o que está escrito nas entrelinhas.

Todavia, não há apenas um fluxo de magnetismo entre os Pares de Opostos, mas há também uma circulação de força entre as partes e o todo. O homem é um perfeito Microcosmo do Macrocosmo; segundo é ensinado, nenhuma outra criatura partilha deste desenvolvimento. Para os anjos, estão faltando os aspectos inferiores; para os Elementais, faltam os superiores. Em consequência da sua natureza múltipla, o homem está em relacionamento magnético com o cosmo como um todo, não simplesmente com uma limitada ou selecionada apresentação dele. Há um fluxo e um retorno entre cada aspecto dos nossos seres e caracteres e o aspecto correspondente no cosmo. Assim como os elementos químicos que existem no nosso corpo denso

são derivados e retornam para o banco de reserva geral de matéria, assim também, pelos processos de metabolismo, os fatores psíquicos existentes nos nossos corpos mais sutis não são estáticos e nem exclusivos, porém são sustentados por um perpétuo fluxo e retorno, como um circuito de água quente que flui do aquecedor para o tanque de armazenamento e torna a voltar por efeito das suas próprias propriedades físicas. Se nós, por alguma razão, somos desligados deste livre curso de força natural, algum aspecto da nossa natureza se atrofia e morre. Ou se o fluxo é interrompido, sem ser bloqueado, algum aspecto sofre de inanição. Há um estiolamento característico quando isto ocorre, prontamente reconhecível em todas as relações da vida, tão logo a sua natureza é compreendida. Se o iniciador não está em contato com forças espirituais, ele não pode passá-las para o candidato e, sendo assim, "não inicia". Se o candidato não traz, para a sua iniciação, qualquer profundidade real de sentimento, então ele não emite magnetismo; e como o magnetismo só pode ser vertido numa pessoa que o esteja emitindo - uma verdade pouco compreendida, porém de longo alcance - o candidato não recebe qualquer carga de força e a iniciação é ineficaz. Se um líder não tem grandes princípios para guiá-lo, porém é um simples oportunista, a inspiração dirigida aos seus seguidores não se converterá em nada mais além da esperança de uma parte nos despojos. Se um homem e uma mulher não estão, cada um deles, em contato com a Natureza, pouco terão para dar, um ao outro, que tenha qualquer valor vital, e por isso mesmo logo se separarão nos planos interiores, mesmo que as convenções os mantenham juntos no plano exterior.

A operação de intercâmbio magnético, em todos os seus aspectos, pode ser cultivada e desenvolvida. No seu aspecto subjetivo, ela pode ser desenvolvida por certas práticas de Hatha Yoga, que, embora definitivamente perigosas se feitas incorretamente, são muito valiosas quando realizadas da maneira certa. Sem este desenvolvimento do magnetismo subjetivo e sem a aquisição de perícia na sua direção e controle, é impossível acionar, seja com segurança ou seja satisfatoriamente, os contatos com os reservatórios correspondentes de força magnética existentes no cosmo; uma vez, porém, que algum grau de desenvolvimento e de perícia tenha sido alcançado, é uma perda de tempo perseverar no uso de métodos exclusivamente subjetives.

Contudo, assim como o contato com a descarga elétrica de um raio, os contatos com as forças cósmicas não são coisas que devam ser feitas ao acaso; portanto, são usadas fórmulas que podem dar à mente a capacidade de, primeiro, entrar em contato e, segundo, controlar a força cósmica escolhida. No caso de operadores experimentados, sumamente adestrados na arte, estas fórmulas podem ser puramente mentais e consistir de imagens na concepção representativa da força em questão. Todavia, somente pessoas altamente desenvolvidas podem obter resultados usando meios puramente mentais, e para as pessoas menos desenvolvidas é necessária a cooperação de outras, trabalhando em grupo. Como todo o estudante de ocultismo pode atestar, o trabalho solitário logo se torna árido, enfadonho e improfícuo.

Não obstante, a menos que haja um trabalho solitário, o operador ficará desmagnetizado. Conseqüentemente, devemos nos acostumar a uma perpétua mudança de estado, a uma alternação entre o trabalho solitário subjetivo e o trabalho objetivo em grupo. De nenhum outro modo podemos ter a esperança de manter a sensação estimulante que nos revela que as forças estão fluindo livremente.

Estas coisas são o segredo não somente do poder mágico mas também da própria vida em todos os seus relacionamentos. Sïo coisas que o pensamento exotérico, até mesmo o mais esclarecido, ignora totalmente, e

elas sïo a verdadeira chave para o trabalho oculto prático. Elas são os Segredos Perdidos dos Mistérios, segredos que foram perdidos quando uma religião ascética - muito embora agisse como um valioso corretivo para os excessos - destruiu a verdade dos opostos polarizantes, a única que poderia mante-la em equilíbrio. O grande erro da nossa ética é que ela é incapaz de compreender que se pode ter em demasia uma coisa boa.
Quando, com o objetivo de nos concentrarmos exclusivamente em Deus, nós nos isolamos da Natureza, destruímos as nossas próprias raízes. Deve haver, em nós, um circuito entre o céu e a terra, não um fluxo num sentido único, exaurindo toda a nossa vitalidade. Não basta tirar Kundalini da base da espinha, fazendo-a subir, mas também devemos fazer descer a Luz Divina através do Lotus de Mil Pétalas. Do mesmo modo, para a nossa saúde mental e para o nosso desenvolvimento espiritual, não basta haurirmos as forças da Lua Divina - também devemos haurir as forças da terra. Muitas e muitas vezes, por causa da ignorância ou da negação deste fato, a saúde mental é sacrificada em benefício do desenvolvimento espiritual. A Natureza é Deus manifesto, e blasfemamos contra Ela por nossa própria conta e risco.<!

OS TRÊS TIPOS DE REALIDADE

A menos que compreendamos a diferença entre o Cosmo e o Universo, jamais chegaremos a ter uma compreensão verdadeira da filosofia esotérica. Este ponto é extremamente importante, pois marca a diferença entre aqueles que sabem e aqueles que não sabem interpretar os sistemas de símbolos.
Este não é um conceito que se possa dominar facilmente, mas tentaremos apresentá-lo da maneira mais simples possível, pois dele se originam muitos pontos práticos importantes.
Para todos os propósitos práticos, o nosso sistema solar é uma unidade fechada. As influências recebidas por ele, vindas de outros corpos celestes, mudam, se é que mudam, em ciclos de tempo tão vastos que não nos faltam justificativas quando os consideramos constantes, pelo menos no que concerne a nós. Este sistema solar surgiu de uma nébula, sendo que os planetas foram lançados pelo sol e, depois, por seu turno, lançaram de si as luas que os acompanham. Por conseguinte, com respeito ao nosso universo, podemos dizer que "No começo havia uma nébula".
Contudo, tendo dito isto não nos livramos do problema. De onde veio a nébula original? Ela foi formada pela condensação da matéria espalhada pelo espaço - esta poderá ser a resposta para tal pergunta. Contudo, ainda não chegamos ao princípio. De onde a matéria do espaço, seja ela o que for, recebeu as características inerentes que se revelaram no processo da sua evolução? De fato, a própria palavra evolução implica em involução. Nada, que não tenha sido previamente dobrado, pode ser desdobrado. Deve ter havido uma fase de existência que precedeu ao desdobramento da evolução, pois evolução não é uma criação contínua de alguma coisa tirada do nada, mas sim uma manifestação de latências.
Tendo em vista qualquer raciocínio que queiramos seguir, solucionamos esse problema pressupondo o Grande Não-Manifesto, a Raiz de Todas as Coisas, que é, realmente, o equivalente metafísico de X, a quantidade desconhecida. Na álgebra, X permite que sejam feitos cálculos com quantidades conhecidas, mas no fim nem por isso ficamos sabendo mais a respeito da sua própria natureza. Na metafísica, sempre que aparece qualquer coisa que não entendemos nós nos referimos a este X, que não somente é o Grande Não-Manifesto mas também é o Grande Desconhecido.
Todavia, o Desconhecido é um termo relativo e os esoteristas e também, com respeito a este assunto, os evolucionistas não concordam com Herbert Spencer que diz que o Grande Desconhecido também é o Grande Incognoscível. Com o alongamento da consciência humana, seja no decorrer do desenvolvimento evolucionário ou seja por meio de métodos intensivos, passaram a ser conhecidas muitas coisas até então desconhecidas. De fato, o cientista, o filósofo e o metafísico conhecem muitas coisas que, no que toca ao homem comum, fazem parte do Grande Desconhecido; e muitas coisas são do conhecimento do homem comum que também fazem parte daquilo que para uma criança é o Grande Desconhecido.
O Grande Desconhecido, portanto, não é uma coisa em si, mas antes um relacionamento que existe, ou talvez, mais acuradamente, que não existe entre o Ser e certos aspectos do Não-Ser.
O Grande Não-Manifesto não pode ser o Grande Não-Existente. O Não-Existente simplesmente não é, e isso é tudo o que se pode dizer a respeito dele. Contudo, o Grande Não-Manifesto é muito, e chamá-lo de Raiz de Todas as Coisas é uma boa descrição. Ele só não é manifesto no que diz respeito a nós, porque nós não temos, pelo menos no nosso estado atual de evolução, quaisquer faculdades ou sentidos por meio dos quais possamos entrar em contato com ele. Contudo, se ocorre uma ampliação da

consciência, por meio da qual nos tornamos conscientes de um aspecto da Raiz de Toda a Existência, um aspecto que até então não tínhamos percebido, para nós ele deixou de ser Não-Manifesto, e passou a ser Manifesto.

Poderíamos dizer, então, que a manifestação se dá por meio da compreensão ? As realidades, que são as essências numênicas subjacentes de tudo o que existe, nunca se tornam manifestas no sentido de que se tornam objeto de experiência sensorial. Todavia, aquilo que apreendemos está limitado à experiência sensorial? Os psicólogos dizem que sim. Os esoteristas dizem que não. Nenhuma experiência sensorial tornou Darwin capaz de apreender a lei da evolução. Os cinco sentidos podem ter-lhe dado capacidade para observar os inúmeros fenômenos sobre os quais se baseou a sua dedução final, mas esta foi uma faculdade absolutamente distinta da consciência sensorial, por meio da qual ele finalmente percebeu a natureza da coesão oculta entre as inumeráveis unidades separadas, alvos da sua observação no decorrer das pesquisas.

Uma fórmula que resume um número de fatos objetivos pode ser menos realidade do que os próprios fatos? A sua realidade consiste nas impressões dos números e das letras que a representam no papel? Não é ela uma coisa em si, no seu próprio plano? Precisamos tirar da mente a ilusão da ideia de que somente a matéria densa é real. Há muitas formas de energia que não são físicas. Por trás da realidade física há uma realidade psíquica, e por trás da realidade psíquica há uma realidade espiritual. Pensar somente em termos de matéria é um mau hábito mental e dá uma visão totalmente falsa da existência.

Podemos definir a realidade psíquica dizendo que ela consiste da soma-total das compreensões embora nebulosas que a consciência embora rudimentar - alcançou. Quanto à realidade espiritual, o melhor será nos limitarmos a dizer que ela consiste do ainda não apreendido Grande Não-Manifesto e que nela está a Raiz de Toda a Existência.

E mesmo quando uma realidade psíquica é formada através da compreensão, a realidade espiritual não foi extinta, porém, permanece na forma de essência subjacente que dá validade ao todo. Pois pode haver percepções psíquicas que não são realidades, mas sim irrealidades, porque são inadequadas ou incorretas e nelas podemos procurar a raiz do Mal Positivo.

Bem que gostaríamos de saber, quais as consequências práticas que po-derSo advir, ao nosso mundo rotineiro, em decorrência destas sutilezas metafísicas insubstanciais. Quando estamos suportando a carga e o calor do dia de trabalho, para nós, qual é a importância de saber se há uma realidade psíquica à parte da coisa-em-si, da realidade espiritual? E se soubéssemos, isso aliviaria o nosso fardo ?

É sobre reflexões como esta que repousa toda a estrutura da aplicação prática do poder da mente, e é no campo da realidade psíquica que os argumentos e afirmações da Ciência Cristã e do movimento do Novo Testamento geralmente encontram o seu escopo e derivam a sua força. É no campo da realidade psíquica que o adepto e o mago trabalham por meio da mente treinada, pois o plano da realidade psíquica é suscetível de manipulação mental.

OS HABITANTES DO INVISÍVEL

Qualquer um que entre em contato com o mundo invisível, seja por meio do próprio psiquismo ou seja empregando o psiquismo de uma outra pessoa, como um canal de evocação, tem necessidade de usar algum sistema de classificação para poder compreender os diferentes fenómenos com os quais se defrontará. Nem todos estes se devem aos espíritos dos que já partiram; no mundo invisível há outros cidadãos além daqueles que certa vez tiveram forma humana. E nem todos os fenómenos, atribuídos à mente subconsciente, são inteiramente subjetivos. A confusão tem origem quando aquilo que deveria ser atribuído a uma divisão é designado para outra. É possível mostrar claramente que a explicação oferecida não responde pelos fatos. Não obstante, não é possível solucionar os fatos simplesmente mostrando que a explicação é enganadora. Uma classificação correta trará uma explicação que pode resistir a qualquer investigação imparcial e justificar-se por sua própria sabedoria.
A classificação cujo emprego se propõe nestas páginas é, em sua maior parte, retirada das fontes ocultas tradicionais, e acredita-se que ela poderá lançar luz sobre certas experiências enfrentadas pelos que trabalham na pesquisa psíquica. Ë oferecida num espírito de cooperação, como um testemunho independente para uma experiência comum.

As Almas dos Mortos

De todos os habitantes do mundo invisível, aqueles com os quais toma-se mais fácil estabelecer um contato são as almas dos seres humanos que se despojaram da sua vestimenta exterior de carne, temporária ou permanentemente. Qualquer um que esteja familiarizado com o pensamento espiritualista ou esotérico logo se habitua à ideia de que o homem não é modificado pela morte. A personalidade permanece, apenas o corpo é que se vai.
O esoterista, no seu conceito sobre a natureza das almas que partiram, estabelece uma distinção entre aquelas que estão atravessando a fase internatal, isto é, que estão vivendo, entre encarnações, nos mundos não-físi-cos, e aquelas que não tornarão a encarnar. Há uma grande diferença, em capacidade e concepção, entre estes dois tipos de almas, e muitas das questões, atualmente em evidência, entre espiritualismo e ocultismo, sem dúvida se devem ao não reconhecimento deste fato.
O ocultista não sustenta que a existência é uma eterna sequência de nascimento e morte, porém afirma que em certas fases de evolução a alma entra numa série de vidas materiais e, através do desenvolvimento realizado durante estas vidas, ela finalmente deixa para trás a fase mundana de evolução, tomando-se cada vez mais e mais espiritualizada à medida que este período vai chegando ao seu termo, até que, finalmente, conquista a sua liberação da matéria e não torna a reencarnar, continuando a sua existência como um espírito sem corpo e com mente humana. O intelecto, afirma o ocultista, só pode ser obtido através da encarnação na forma humana. Aqueles seres que não passaram por esta experiência não têm intelecto na forma em que o compreendemos, com certas exceções que analisaremos mais tarde.
Na maioria das vezes, é com a alma de mortos viventes que são feitos os contatos no decurso das sessões. As almas liberadas vão para o seu próprio lugar e não se pode alcançá-las com facilidade. Só aquelas que têm alguma coisa que fazer aqui é que retornam para ficar ao alcance da

esfera da terra. A discussão deste ponto abriria um vasto campo de interesse com o qual não nos podemos ocupar no momento. Será suficiente dizer que, conforme é do conhecimento de todos os aficcionados à pesquisa psíquica, há almas de um tipo mais elevado do que aquelas comumente encontradas, almas que estão envolvidas na evolução da humanidade e no treinamento daqueles que estão dispostos a colaborar com elas no trabalho que realizam.

Podemos dizer, então, que as almas dos mortos podem ser divididas em três tipos: as almas dos mortos viventes, que tornarão a voltar para a vida terrena; as almas liberadas, que deixaram para trás a vida terrena e foram para uma outra esfera de existência; e as almas liberadas que, tendo partido, tornaram a voltar para a esfera terrestre porque têm aqui um trabalho a cumprir. O reconhecimento dessa divisão servirá para explicar muitas das discrepâncias que encontramos entre as afirmações dos espiritualistas e dos ocultistas. O ocultista visa principalmente entrar em contato com as almas liberadas, tendo como propósito o trabalho específico no qual ambos, ele e elas, estão envolvidos; quase sempre se mostra rigoroso no que concerne a deixar em paz as almas dos mortos viventes. Pessoalmente, sou da opinião que ele está enganado ao agir assim. É bem verdade que estas pouco poderão ajudá-lo no trabalho por ele escolhido, mas a convivência normal dos vivos com os mortos poderia despojar a morte da maioria dos seus terrores e construiria, firmemente, uma ponte entre aqueles que estão aqui e aqueles que já se foram. O ocultista certamente não solicita a cooperação dos mortos viventes, como solicitaria das almas liberadas, pois elas têm o seu próprio trabalho para fazer; e nem ele pode depositar tanta confiança, no conhecimento e na penetração delas, como depositaria naquelas que já foram liberadas da roda do nascimento e da morte; além disso, ele não tem qualquer direito de usá-las, no curso das suas experiências, como usaria os espíritos Elementais. Admitindo estas limitações, porém, parece não haver nenhuma razão para que o ocultista não possa tomar parte no intercâmbio de cortesias que está ocorrendo continuamente na linha da fronteira. Afinal de contas, a morte é um dos processos da vida e os mortos estão bem vivos e são absolutamente normais.

Projeções dos Vivos

A aparição do simulacro de um ser humano, na hora da morte, é extraordinariamente comum e existem inúmeros exemplos, muito bem atestados, da sua ocorrência. O que não é tão sabido, e nem impossível, é que o simulacro, ou forma astro-etérica, seja projetado voluntariamente pelo ocultista treinado. Comparadas com a multidão de almas desencarnadas, que são encontradas quando o limiar é transposto, tais projeções são extremamente raras; não obstante, elas ocorrem e podem ser encontradas, portanto, devem ser incluídas em qualquer classificação que tenha a intenção de ser compreensível. Normalmente, uma tal alma projetada aparenta estar inteiramente preocupada com os seus próprios negócios e dá a impressão de estar numa condição de absorção que faz com que ela pareça ignorar o ambiente que a rodeia. Diga-se de passagem, acontece, com muita frequência, que o espírito sem corpo tem um trabalho elaborado para manter um pouco de consciência nos planos mais elevados e a sua auto-absorção é igual à de alguém que está aprendendo a andar de bicicleta. Ocasionalmente, uma comunicação pode ser estabelecida entre um tal corpo etérico projetado e um grupo de experimentadores, e os resultados obtidos são muito interessantes, contudo, a menos que haja uma materialização suficiente para tornar o simulacro visível para aquele que

não é psíquico, o experimento terá uma natureza mais próxima da telepatia praticada por intermédio da mediunidade do que de uma projeção verdadeira da forma astro-etérica.
Tais visitantes não são anjos e nem são demônios, mas sim "humanos, demasiadamente humanos".

As Hierarquias Angélicas

O Protestante comum tem uma noção muito vaga no tocante às hierarquias angélicas, o grande exército de seres de uma outra evolução que não a nossa, muito embora sejam filhos do mesmo Pai Celestial. A Cabala, porém, é explícita a respeito deste ponto e os classifica em dez arcanjos e dez ordens de seres angelicais. As teologias Budista, Hindu e Maometana, são igualmente explícitas. Podemos, portanto, reconhecer que esta concordância dos testemunhos prova a certeza da afirmação, e será benéfico para o nosso propósito tomarmos como guia aquele sistema do qual o Cristianismo tirou a sua origem - o Judaísmo místico.
Não entraremos nas classificações elaboradas empregadas pelos rabinos judeus, que, embora importantes para propósitos de magia, não dizem respeito ao assunto em foco. Basta compreendermos que há seres, divinamente criados, de vários graus de grandeza, desde o mais poderoso arcanjo que São João, o Profeta, viu em pé no sol, descendo até os anónimos mensageiros celestes que de tempos em tempos têm visitado a humanidade.
Além das esferas, para as quais são remetidos os espíritos desencarnados da humanidade, habitam estes seres celestiais, e em alguns níveis elevados de luz espiritual, o psíquico, ou médium, às vezes entra em contato com eles. Nos escritos de Vale Owen há muitas coisas, de grande interesse, referentes a eles.
É dito, pelos rabinos, que estes seres são perfeitos, cada um igual ao outro; mas eles não evoluem e é evidente que não são intelectualizados. Quase poderíamos chamá-los de Robôs divinos, cada um rigidamente condicionado, pela sua própria natureza, para executar com perfeição o trabalho para o qual foi criado; livre de todas as lutas e conflitos interiores, porém imutáveis e, conseqüentemente, sem possibilidade de evolução.
Segundo se afirma, nenhum anjo jamais sai da sua própria esfera de atividade. O anjo que tem "cura em suas asas" não pode dar visão, nem aquele que confere a visão serve como poderoso guarda contra o poder das trevas.
Os esoteristas fazem uma distinção fundamental entre os anjos e as almas dos homens. Eles dizem que as Centelhas Divinas, que são os núcleos das almas dos homens, provêm do cosmo numênico, do mesmo plano onde o Logos Solar tem o Seu ser. Eles são, portanto, da mesma natureza mais interior da Divindade. Por outro lado, os anjos são criados pelo Logos Solar, sendo os primeiros dos Seus seres criados. Eles nem caem em geração e nem se elevam pela regeneração, porém, permanecem em imutável perfeição, sem evoluir, até o final dos tempos.
As funções dos anjos são diversas e aqui não podem ser abordadas pormenorizadamente. Cada um, de acordo com sua função e hierarquia próprias, é o mensageiro de Deus nas coisas do espírito, mas não tem contato direto com a matéria densa. Essa função é inteiramente realizada por uma outra ordem de seres, os Elementais, que diferem, em origem e natureza interior, tanto dos anjos quanto dos homens.

Elementais

Existe muita confusão de pensamento no que se refere às ordens de seres conhecidos como Elementais. Às vezes eles são confundidos com os espíritos dos homens. Indubitavelmente, muitos acontecimentos atribuídos a espíritos devem ser consignados às atividades destas outras ordens de seres. Mais uma vez, não devem ser confundidos com os demónios do mal ou, para dar a estes o seu nome cabalístico, com os Qliphoth.

Os Elementais são as formas-pensamento geradas por sistemas coordenados de reações que se tornaram estereotipadas pela repetição constante e imutável. Tornam-se necessárias algumas explicações para tornar claro este conceito, e nós o compreenderemos melhor se examinarmos os meios pelos quais os elementais são criados.

Cada época de evolução é constituída pela ida e volta de uma onda-vida de almas viventes. Na terminologia esotérica, estas ondas-vida são citadas como os Senhores da Chama, da Forma e da Mente. A evolução atual se transformará nos Senhores da Humanidade. Cada onda-vida desenvolve sua contribuição característica para a evolução. Quando as Centelhas Divinas, que constituem os núcleos evoluídos das almas de cada evolução, são levadas de volta para os planos e reabsorvidas no Reino de Deus, o trabalho que elas realizaram permanece além delas, naquilo que construíram, quer sejam os elementos químicos evoluídos pelos Senhores da Forma, ou as reações químicas desenvolvidas pelos Senhores da Chama, ou mesmo as reações de consciência desenvolvidas pelos Senhores da Mente.

Segundo é dito, a humanidade está desenvolvendo o poder da consciência coordenada, portanto, os Senhores da Humanidade mantêm com os Senhores da Mente o mesmo relacionamento que os Senhores da Chama mantém com os Senhores da Forma. Todavia, estes seres, de três ondas-vida anteriores, já ultrapassaram o nível de vida na terra, cada grupo indo para o seu plano apropriado; e os Senhores da Humanidade ainda estão absorvidos na tarefa de construir e, com exceção de alguns poucos que se tornaram Mestres, ainda não escaparam do aprisionamento do material no qual trabalham. Conseqüentemente, é muito raro que qualquer psíquico, salvo um adepto dos graus mais elevados, alguma vez entre em contato com qualquer um destes seres.

Todavia, conforme já foi apontado, eles deixaram para trás as formas que construíram no decorrer da sua evolução. Estas formas, conforme os psíquicos ensinam, na realidade, consistem de sistemas coordenados de repetições eletromagnéticas. Toda a vez que qualquer movimento tem lugar, uma corrente elétrica se estabelece, e, se a série de movimentos coordenados é repetida muitas vezes, estas correntes tendem a fazer ajustamentos entre si e se tornam coordenadas por sua própria conta, totalmente independentes das formas físicas cujas atividades deram origem a elas. Ë destas coordenações que são desenvolvidos os Elementais.

Nestas páginas não podemos penetrar mais fundo neste assunto, por demais interessante e complexo. Este é um tema para estudo à parte. Todavia, foi dito o suficiente para indicar que, embora o produto final da evolução dos reinos angélico, elemental e humano, seja o de produzir consciência e inteligência, a origem dos três tipos de seres é totalmente diferente, o mesmo acontecendo com o destino deles.

As Centelhas Divinas são as emanações do Grande Não-Manifesto, Ain Soph Aur, na terminologia dos cabalistas; os anjos são as criações do Logos Solar e os Elementais são "as criações dos criados", quer dizer, originados pelas atividades do universo material.

Dos Elementais assim desenvolvidos, há muitos tipos. Em primeiro lugar, as quatro grandes divisões dos espíritos Elementais da Terra, do Ar, do Fogo e da Água, que os alquimistas conhecem, respectivamente, como

Gnomos, Silfos, Salamandras e Ondinas. Estes representam, na verdade, quatro tipos de atividade originados por quatro tipos de relacionamento. Nos sólidos (o Elemento da terra) as moléculas estão reunidas. Nos líquidos (o Elemento da água) as moléculas se movem livremente. Nos gases (o Elemento do ar) elas se repelem mutuamente e, em consequência, dispersam-se até os seus limites mais extremos. E no fogo a propriedade essencial da sua atividade é mudar de plano, ou transmutar. Os quatro reinos de Elementais primários, comandados por seus reis angélicos, representam a ação coordenada, deliberada e inteligente destas quatro propriedades da matéria o lado mental do fenômeno material, para ser exata.
Este fato é muito conhecido dos ocultistas e no seu trabalho mágico eles utilizam o lado-mente da matéria. Conseqüentemente, muitos destes sistemas Elementais de reações foram, por assim dizer, domesticados por adeptos. Os Elementais assim domesticados ficaram impregnados de consciência de um tipo humano. Os psíquicos às vezes se encontram com estes Elementais desenvolvidos (ou iniciados).
Nós agora estamos violando alguns dos aspectos mais secretos do ocultismo, e o que pode ser dito não é muito; e mesmo que mais fosse dito, pouco seria entendido, exceto por aqueles que já estão bem versados na ciência esotérica.

Não-Humanos

Neste artigo, por este termo queremos significar, em sentido geral, todo e qualquer tipo de inteligência sensível que agora não esteja encarnada em um corpo humano isto inclui aqueles espíritos desencarnados que falam por intermédio dos médiuns e aqueles que nós chamamos de Mestres ou Adeptos do Plano Interior, que não participam da vida humana, embora sendo espíritos humanos, mas que incluímos na categoria de não-humanos para fins de classificação. Examinaremos os contatos com seres que não estão em corpos físicos. Na literatura medieval lemos muito acerca desses contatos, portanto, homens do passado e também dos nossos dias, entre as tribos primitivas do Oriente e do Novo Mundo, têm muito para dizer sobre o assunto. Também há muito material a respeito em certas seções do folclore americano, especialmente entre os Celtas. O anglo-saxão comum se contenta apenas com um não-humano, e este é o Demónio. Sendo assim, então, estamos lidando com um considerável conjunto de testemunhos do contato entre seres humanos e não-humanos, e não existe fumaça sem fogo. Portanto, temos que refletir. Essas coisas existem? A comunicação é possível, e se é possível, será aconselhável sob quaisquer condições ou apenas sob certas condições?
Tomando a questão geral das outras fases de evolução, não há nenhuma razão por que não devam existir outras formas de existência além daquelas da matéria física densa. Para a pessoa sem treinamento, nada é real exceto as coisas materiais nas quais ela pode tropeçar e sobre as quais pode cair. Todavia, qualquer um que tenha experiência no trabalho científico sabe que há forças de existência invisíveis no nível logo além da matéria densa, que podemos alcançar com absoluta certeza. Por que não haveria outras, apenas um pouquinho mais além? Devemos nos limitar àquilo que podemos ver, ou devemos dizer que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia ?
Por ora, no intuito de economizar tempo, tomemos isto como certo e sigamos em frente, a fim de estudarmos a natureza dos não-humanos. A ciência esotérica nos ensina que, assim como há a nossa, também há outras linhas de evolução. Assim como a luz e o som não ocupam espaço no nosso

ar, assim também estes seres não ocupam espaço, não têm peso ou massa, interpenetram a matéria e você pode passar através deles como passaria através de um fantasma. Eles são modos de consciência diferentes do nosso. Podemos ver um musicista mergulhado em êxtase, num estado de êxtase ante aquilo que para nós soaria como um simples barulho, isto porque o seu ouvido treinado distingue os sons. Portanto, estes outros modos de existência são diferentes do nosso e interpenetram o nosso. Entramos em contato com estes outros modo de vida somente sob três condições. Primeiro, temos que começar a percebê-los de uma maneira diferente; então descobriremos que estamos travando conhecimento com seres de um tipo cuja existência ignorávamos, e para ambos essa é uma experiência surpreendente. Segundo, podemos entrar em contato com estes outros seres se há alguém, por perto, que seja um médium de materialização e possa exsudar ectoplasma. Terceiro, os ocultistas que se dedicam a tais formas de trabalho podem invocar, por meio de operações mágicas, seres de outras formas de existência, fazendo com que se materializem. Assim sendo, vemos então que existem condições por meio das quais podemos estabelecer contato com eles, mas este é um processo fora do normal para ambas as partes. Quando um ser humano eleva a sua consciência para os planos sutis, ele se torna, por assim dizer, um fantasma para os habitantes desses planos. Conseqüentemente, isso nos transmite uma sensação de perigo, uma sensação hostil; na verdade, são esses seres que têm medo de nós e se colocam na defensiva. O assunto passa a ser diferente no caso do ocultista iniciado, que vai para o invisível levando "cartas de apresentação" e então há um relacionamento fraternal. Desse modo, a consciência do adepto se movimenta, com suas credenciais, ao longo de trilhas bem conhecidas e ele já não acha que esses planos são hostis, ele sabe como se comportar e a questão muda de figura. Estas viagens, porém, não devem ser empreendidas ao acaso por ninguém. Poderíamos ofender gravemente os seres de outro plano e até ser expulsos à força. A questão da comunicação entre os dois planos é resolvida por meio da troca dos níveis de consciência do nosso lado, ou pela estruturação de uma forma substancial do outro lado, e nos dois casos é essencial que ambos saibam o que estão fazendo e observem certas precauções.

E agora, que tipos de seres são aqueles com os quais um contato é estabelecido dessa maneira? Primeiro, eles são mortos viventes, são aqueles com quem os espiritualistas habitualmente entram em contato quando alcançam o invisível. O movimento espiritualista foi formado mais ou menos na época em que surgiram o movimento oculto moderno e a Ciência Cristã. Quatro grandes movimentos entraram em funcionamento no último quartel do século passado: o espiritualismo; a Ciência Cristã e seus similares, Novo Pensamento, etc.; a Sociedade Teosófica, sob a direção da Blavatsky; e uma agitação e movimentação geral de vida na própria Tradição Esotérica Ocidental, que é muito menos conhecida. Cada um deles teve o seu próprio trabalho para realizar. Os espiritualistas tiveram, como tarefa, a associação com os espíritos humanos dos mortos que ainda estão dentro da esfera terrena. Eles nunca fizeram muita coisa além disso. Assim como o ocultista, acionando as suas ligações para cima e para baixo, num determinado raio, entra em contato com seres desse raio, os espiritualistas também trabalham e sua experiência é igualmente limitada. Estes seres são Personalidades humanas.

Muitos de vocês sabem que a Personalidade humana perdura por algum tempo depois da morte do corpo, passando por uma experiência purificatória, partindo daí para um céu inferior, a fim de repousar num sonho agradável, e depois indo para a segunda Morte, a morte da Personalidade desta encarnação, inclusive da mente interior, que é desintegrada; a partir daí

o Eu Superior é liberado e passa algum tempo no céu mais elevado, antes de reencarnar. Os tipos de seres que os espiritualistas encontram são aqueles que estão no céu inferior; não vejo o menor indício de seres operando na Individualidade.
A função do movimento espiritualista é a de romper as barreiras entre os vivos e os mortos. Por outro lado, o ocultista está proibido, por sua condição, de ter quaisquer contatos com os mortos viventes. Ele deve estabelecer suas ligações com aqueles, da espécie humana, que já passaram além da fase evolutiva da reencarnação, e também com algumas outras formas diferentes de existência, que são muito interessantes. De modo que, quando é capaz de operar na sua consciência mais elevada, o ocultista descobre que começa a encontrar seres de espécies muito diferente da sua seres classificados. Podemos considerá-los como Elementais. São de uma espécie absolutamente diferente da espécie humana. Não possuem Centelha Divina e serão desintegrados no fim desta evolução, deixarão de existir, a menos que consigam desenvolver uma natureza espiritual dentro de si mesmos.
Estes seres passam a existir da seguinte maneira: sempre que se manifesta em você uma série de ações e reações constantemente coordenadas, você obtém aquilo que podemos chamar de "rastros no espaço", que permanecem após o término das atividades que lhes deram origem. Podemos compará-los ao remoinhar da água numa vasilha que foi agitada; cessada a agitação, os remoinhos continuam durante algum tempo. Esta é, na natureza inteira, a base de todo e qualquer ser, e sobre esta base desenvolvem-se as possibilidades de memória e de reação ao ambiente. Assim, gradualmente chegamos ao difícil conceito da construção da consciência por obra de um fenômeno natural.
Os Espíritos Construtores, que quando estavam sendo criados produziram, desse modo, os primeiros grandes fenómenos naturais, são Seres Angélicos. Afastaram-se para os planos e deixaram as consciências Elementais encarregadas de prosseguir com o modo estereotipado de reação. Estas ficaram e se desenvolveram, e nós as chamamos de "criações dos criados" são vidas chamadas para a existência, não por Deus, mas por criaturas de Deus, que não têm poder para dotá-las de vida imortal. Sempre que você encontra, na natureza, um sistema que reage como uma unidade -uma montanha, um pequeno vale, um bosque você encontra o mesmo sistema de enfatizações coordenadas no seu substrato, e assim surgem os pequenos espíritos da natureza, ou Devas, ou deuses de localidades, que os nossos ancestrais adoraram. A mesma ideia está por trás das diferentes espécies de animais.
Se você tem qualquer conhecimento sobre biologia, saberá que há seres muito simples, unicelulares, cuja consciência geral poderá não ter apenas uma única vida sob o seu controle, porém muitas. Na existência destes seres há certos períodos em que existe apenas uma mancha verde sobre uma superfície úmida, e depois esta mancha se rompe em inumeráveis pontos; estes vivem por algum tempo numa espécie de nado livre e depois todos se juntam e formam uma larga massa homogénea, chamada plasmódio. O que acontece com a consciência como una, na sua forma que se move livremente? Ou então, veja as abelhas; aqui a unidade é a colmeia e não a abelha. A unidade poderia ser chamada de anjo-abelha. Possuímos estas curiosas e diferentes unidades de consciência evoluída. E em seguida, qual é a consequência lógica? Modos de forças da natureza, mais elevados e mais desenvolvidos.
Há uma doutrina oculta, muito curiosa, que diz que estes seres, tomando-se mais e mais desenvolvidos e parecendo-se cada vez mais com os tipos de consciência com os quais estamos familiarizados, passam a ter percepção de que são almas perdidas - a menos que desenvolvam uma natureza

espiritual. Eles procuram, como iniciadores, aqueles que têm uma natureza espiritual; o homem iniciado é o iniciador do ser Elemental; humanos os tomam como pupilos e os ajudam a desenvolver as suas "centelhas" de consciência individual. Em troca, os Elementais realizam serviços para o mago. Lemos sobre eles como sendo espíritos familiares. Via de regra, os que escreveram sobre estas questões foram os padres, que tendo sido encarregados, pela Inquisição, de investigar este assunto, quase sempre se mostravam um tanto parciais.

Há, porém, um certo relacionamento entre pessoas que compreendem os planos interiores e seres de uma outra ordem. E também há, com certa frequência, um relacionamento involuntário entre aquelas pessoas que são psíquicas por natureza, mas não têm treinamento e por isso entram, de maneira absolutamente espontânea, em contato com outros seres. A consequência disso raramente é saudável; tem o efeito de desequilibrar essas pessoas. Ê um contato demasiadamente estimulante.

Os Elementais são de um tipo puro, compostos apenas de um elemento, seja ele qual for, ao passo que um ser humano é uma mistura de todos os elementos. Assim, são eles um estímulo por demais potente para aquele um Elemento existente no nosso ser, que é bem capaz de tirar um ser humano do seu equilíbrio, induzi-lo a seguir em sua companhia e a abandonar os modos humanos. A pessoa fica "possuída pelas fadas", ou por aquilo que poderíamos chamar de uma patologia. Você pode ver o controle do pensamento afastando-se do veículo físico. Essas pessoas ouvem o chamado das fadas e o que fica é apenas uma concha vazia, insana.

Ao invocar um espírito para uma aparição individual, o mago se coloca dentro de um círculo, desenha um triângulo fora desse círculo e faz com que o espírito se manifeste nesse triângulo; depois, ele executará o ritual para fazê-lo sair e voltar para o lugar de onde veio, para o seu próprio plano. Normalmente, porém, ele só o fará como trabalho de pesquisa ou para ajudar num caso patológico. Devemos traçar a distinção entre o trabalhador que se empenha em pesquisa séria e a pessoa que o faz por mera experiência. Neste último caso, provavelmente nada de bom poderá resultar.

Que outras formas de criaturas existem? Eu mencionei os Seres Angélicos e os grandes Arcontes, os espíritos construtores que construíram os planos da natureza no tempo de outras evoluções. Há todos os tipos de seres espirituais muito elevados, cujo modo de manifestação está na natureza. Eles são classificados de maneiras diferentes. Nós falamos do pagão que adora muitos deuses, mas em todas as religiões sempre há o Ser por trás dos deuses, o Pai dos deuses, a Alma exterior, uma concepção muito abstrata de um Ser. Os "deuses" de qualquer sistema são estas forças naturais, que no sistema hebreu, que nós mesmos usamos, são chamadas de Arcanjos e de Anjos.

Os seres espirituais nunca tiveram uma encarnação material, nunca desceram para a matéria. A velha tradição diz que a escolha foi oferecida aos espíritos se eles queriam permanecer nos planos interiores, nunca se elevando ou decaindo, ou se queriam descer para as profundezas da matéria para depois ascender além do ponto de onde haviam começado; e uma parte deles escolheu uma direção um grupo liderado por Adão, ou melhor, por Eva e outros escolheram a outra. Portanto, as hostes angélicas são da nossa mesma natureza, e se você voltar para trás o suficiente irá encontrar um tempo no qual anjos e homens andavam juntos. Desse modo é possível, sob certas condições, estabelecer contato com esses seres angélicos, mas na maioria dos casos, não fazemos contato com o verdadeiro ser, que é muito vasto; fazemos contato com o seu raio, com a sua emanação.

Se você for suficientemente rico poderá contratar uma grande cantora de ópera para vir a sua casa e cantar na sua sala de visitas; mas se tivesse apenas o suficiente para comprar um aparelho de rádio, poderia ouvi-la no ar. Quando invocamos o Arcanjo Rafael não podemos esperar que ele apareça em pessoa, mas esperamos sentir a sua força, o seu raio. O mesmo se dá com as aparições do Cristo que têm sido vistas a Bela Visão. Não é o ser real, mas sim o ser sintonizado no raio, muito embora no fim, para os propósitos práticos, seja a mesma coisa. Precisamos compreender tudo isso. Não estamos lidando com uma forma antropológica real, mas com modos de consciência, e alguns são tão diferentes do nosso que não há analogia. Não devemos pensar a respeito de todos eles como se fossem figuras ilusórias são consciências absolutamente incompreensíveis para nós.

Em adição a todos estes, há um inumerável exército de formas-pensamento expelidas pelas consciências humanas, Elementais artificiais deliberadamente criados por seres humanos. Estes perduram por vários períodos de tempo, de modo que há uma legião de diferentes tipos de seres que não são anjos e nem demónios. A ideia de que tudo o que não é físico é divino ou é demoníaco, não é verdadeira. Os não-humanos são muito parecidos com os humanos, não são perfeitos e nem oniscientes, mas estão evoluindo. Um ponto final - os seres que os cabalistas chamam de Qliphoth. Estes são demoníacos e habitam no Reino da Força Desequilibrada, que começou a existir antes de que o equilíbrio fosse estabelecido; diferentes tipos de desarmonia, desde então reforçados pela massa de pensamentos maus.

Quando você toca o Invisível, não é provável que possa entrar em contato com os seres divinos de qualquer esfera sem também entrar em contato com os Qliphoth dessa esfera. Se estabelece uma comunicação com um Sephira, também estabelecerá uma comunicação com o seu lado desequilibrado. Não se atreva a abrir um contato mais elevado com qualquer uma destas esferas, a menos que seja capaz de controlar as mais inferiores. Esta é uma grande verdade da vida espiritual. O adepto iniciado tem conhecimento dela. Ele sempre tem como alvo o equilíbrio destas grandes forças. No fim, todos os reinos da terra e abaixo da terra serão redimidos. Nosso Senhor foi orar pelos espíritos que estavam na prisão, para redimi-los. Eles são simplesmente uma força extraviada, que deixará de ser maligna quando tiver voltado para o seu lugar adequado. O adepto não amaldiçoará os demónios, ele deverá colocá-los no lugar certo, para equilibrá-los. O adepto nunca fala do inferno, mas sim dos reinos de força desequilibrada. A Árvore da Vida nos permite viajar pelos trinta e dois caminhos, que são trilhas diferentes e bem palmilhadas, e o adepto se movimenta com precisão entre os seres Elementais e sabe onde se encontra; ele pode manter o seu próprio equilíbrio.

Qual é a utilidade do contato com estas forças? Primeiro, às vezes o adepto tem necessidade de criar tais condições com o fito de esclarecer alguma coisa que tenha saído errada com alguma alma. Ele poderá ter que abrir uma esfera para, como um Cirurgião, realizar uma operação a fim de restituir o equilíbrio e fazer retornar, para sua própria esfera, aquilo que está errado. E ele também poderá operar as forças de uma esfera com o propósito de trazer o poder concentrado dessa esfera para o seu próprio ser, a fim de poder trabalhar com ele. Terceiro, pode ser que ele tenha que realizar algum trabalho especial, que só pode ser feito dessa maneira. Em suma, para trazer harmonia, para intensificar a sua própria natureza e, possivelmente, por outras razões. Este reino é de uma natureza variada. As condições sob as quais a comunicação pode ser feita corretamente são raras; deve haver um distinto abrir e fechar do canal comunicante; mas, usando esses meios podem ser realizadas coisas que de outro modo seria impossível.

pG9@gmx.net
cadppus@yahoo.com

MAGIA NEGRA

A magia negra não é uma coisa que qualquer pessoa estudaria ou seguiria por amor ao que ela é, mas é quase impossível, e dificilmente é aconselhável, estudar os métodos técnicos do ocultismo sem dar atenção às patologias às quais eles estão sujeitos. O tipo de atenção popular que o ocultismo recebe está, em sua maior parte, confinado ao seu aspecto negro; as revelações deste aspecto sempre podem atrair a mesma espécie de atenção que é dispensada a um acidente de rua. Qualquer um que possua algum conhecimento de ocultismo sempre é imediatamente tocado pelo fato de que os pretensos magos nunca chegam a meter seus dedos no verdadeiro mal. Eles sentem o mal do mesmo modo que um animal fareja um matadouro, mas não têm percepção do significado dos fatos que registram e nem têm qualquer compreensão a respeito das razões por que as pessoas envolvidas estão fazendo tais coisas.

A técnica da magia negra não difere em nada daquela da magia branca; os mesmos princípios se aplicam, os mesmos métodos são utilizados; o mesmo treinamento em concentração é necessário; a diferença reside na atitude do operador, no simbolismo empregado e nos poderes com os quais o contato é estabelecido; assim como a mesma educação musical é necessária ao condutor de uma orquestra sinfônica ou ao condutor de uma banda de jazz. E, mesmo quando dizemos que certos símbolos e forças pertencem aos domínios da magia negra, devemos fazer ressalvas porque estes símbolos podem ser usados e estes poderes podem ser evocados com muita legitimidade, do mesmo modo como em certas ocasiões os cirurgiões têm que assumir riscos perigosos. Todavia, podemos afirmar com segurança que, se qualquer um desses métodos mágicos for exibido para uma audiência, eles podem, sem hesitação, ser classificados como negros porque não deixarão de despertar os instintos inferiores dos espectadores, que não estão ali motivados por qualquer propósito útil. Há, também, certas técnicas de magia de sexo e de sangue que, embora possam ser bastante inofensivas entre povos primitivos, certamente estão deslocadas entre povos civilizados e só são empregadas com o fito de provocar um sensacionalismo barato. A estas devemos ajuntar a evocação deliberada do mal; normalmente, porém, isto só é feito com propósitos de vingança. Todavia, há certos tipos de pessoas que têm um traço inato de crueldade em sua natureza; estas prontamente recorrem à evocação do mal com propósitos de vingança e, tendo tido a experiência dos resultados, passam a gostar disso por amor ao próprio mal e se tornam adeptos da crueldade apenas pelo prazer da emoção que ela proporciona. A menos que reconheçamos esta característica peculiar existente na natureza humana, uma característica que é muito mais comum do que geralmente se percebe e que os psicólogos distinguem pelo nome de sadismo, nós nunca compreenderemos certos aspectos da magia negra, pois é no sadismo que a sua chave deve ser procurada.

A invocação de certos tipos primitivos de forças naturais, embora não intrinsecamente negras, é uma operação que é bem capaz de resultar numa infecção e só deve ser realizada por operadores experimentados e dedicados, trabalhando protegidos por condições de laboratório. Esta é uma parte importante do treinamento de todo o adepto, pois quando as forças cósmicas são invocadas elas sempre vem em pares, ação e reação sendo iguais e opostas; o adepto nunca sonharia em evocar o próprio aspecto desequilibrado ou Qliphótico, pois essa seria uma operação demasiadamente arriscada. Para fins práticos, quando as forças Elementais são manipuladas lida-se com elas em suas formas sublimadas, sendo

Sekhmet, por exemplo, a deusa do fogo, de cabeça de leão, uma forma preferível a Kali. Estas grosseiras formas de força, porém, precisam ser compreendidas pelo ocultista, caso contrário elas causarão aborrecimentos.

Qualquer um que faça um estudo sério do ocultismo já tem condições de compreender estas coisas, e as pessoas não devem ser rotuladas como magos negros só pelo fato de estudá-las; na verdade, elas seriam alunos muito superficiais se não as estudassem; todavia, qualquer um que faz uma exibição pública ou uma exposição popular da magia negra certamente merece ser condenado; pois não é necessário que ninguém tome conhecimento dela, exceto os especialistas, e para o bem geral da humanidade é melhor não mexer com ela; pois o pensar nela demoradamente tende a colocar-nos em contato com ela e, a menos que sejam tomadas as precauções que o iniciado toma, estaremos sujeitos à infecção.

Não podemos traçar uma linha divisória bem nítida separando a magia branca da negra; há aquilo que poderia ser descrito como magia cinzenta, com a qual as pessoas se envolvem por ignorância ou por amor à sensação. Devemos, portanto, reconhecer as variedades cinzentas, das quais existe no mundo uma quantidade maior do que qualquer uma das outras duas, branca e negra; mas, com referência a isso também precisamos dizer que enquanto o branco é branco, para o cinza passar a ser negro trata-se apenas de uma questão de graduação. Há um teste ácido que pode ser aplicado a todos os tipos de operação na magia branca, a operação é planejada e realizada com o devido respeito à lei cósmica; qualquer operação que não leva em conta a lei cósmica, mas segue o seu próprio curso sem dar atenção a quais possam ser os princípios espirituais da questão, pode ser classificada como cinza; e qualquer operação que desafia deliberadamente a lei cósmica pode ser classificada como negra.

Esclareçamos este ponto por meio de exemplos. Algumas pessoas, achando que a dieta mental da vida moderna é deficiente em vitaminas espirituais, volta-se para a inspiração dos antigos deuses pagãos. Isto não é magia negra, desde que reconheçamos que Afrodite Anadiomene é uma coisa e Afrodite Cotito é outra. Isto é, de fato, um remédio corretivo muito útil para a mente moderna. Além do mais, é um remédio que vamos tomando, sem perceber, em pequenas doses constantes, pois muito da arte e da poesia vai buscar a sua inspiração nos clássicos. Esta é uma operação que pessoas intolerantes poderiam chamar de magia negra; mas ninguém que tenha qualquer percepção da vida, ou qualquer conhecimento de psicologia, pensará desse modo.

Por outro lado, o patinhar indiscriminável em sessões espíritas, cartomancia, psiquismo e coisas semelhantes, é classificado como magia cinza na nossa definição, porque essa atitude não leva em consideração outra coisa além dos desejos pessoais, e o indivíduo nunca pergunta a si mesmo qual poderá ser a qualidade espiritual daquilo que ele está praticando. Não existindo a presença imediata de qualquer mal óbvio, e havendo, de fato, grande evidência de uma abundante quantidade de devoção capciosa uma devoção na qual Deus é invocado para abençoar o que está sendo feito, mas nunca é perguntado se isso que está sendo feito está de acordo com a Sua vontade têm-se como certo que aquilo que está acontecendo é um divertimento inofensivo ou até mesmo ativamente edificante, pois tende a elevar a consciência acima do materialismo, portanto, fortalecendo a fé. Na magia negra não são considerados os efeitos posteriores, e a experiência mostra que tais efeitos têm um alcance muito longo e embora não provoquem, necessariamente, uma deterioração moral nas pessoas de caráter naturalmente saudável - e nós devemos absolvê-las dessa acusação lançada com tanta frequência eles determinam uma deterioração marcante na qualidade da mente, especialmente

na capacidade de lógica e julgamento. Qualquer envolvimento amadorístico e promíscuo com o psiquismo ou o supernormal é decididamente indesejável, na minha opinião, e desqualifica as pessoas que se entregam a isso julgando ser um trabalho sério.

UM CORPO MÁGICO

James Branch Cabell tem uma estória sobre o insípido e comum Felix Kennaston que criou para si mesmo uma personalidade chamada "Horvendile", atrave's da qual ele experimentou aventuras excitantes. Tal brincadeira é comum entre as crianças, mas as sombras do presídio se fecham sobre a maioria de nós e um campo de fascinantes experiências e experimentações é perdido justamente quando se está tornando produtivo. Nas imaginações substitutivas dos filmes e das novelas, encontramos um sucedâneo para as criações da nossa própria imaginação, na qual já não confiamos mais porque nos tornamos demasiadamente insípidos ou inibidos.

Quando os laços da mente são desatados nos estados psicopáticos, para desgraça nossa, a imaginação criativa produz estranhas imagens. Ela pode aterrorizar-nos com fantasmas do passado primitivo, ou pode transformar-nos em comedores de lótus, esquecidos da realidade. Quando a consciência nuclear mantém o controle, o mesmo elemento destrutivo, que existe na psique, pode ser disciplinado e conduzido para a criação através de formas de arte tão sofisticadas e estilizadas que o seu conteúdo original quase não é discernível, salvo quando está trabalhando e tem como base o material tradicional do mito e do folclore. Através deste elo de ligação, podemos perceber o relacionamento entre a imaginação criativa do artista e a técnica do adepto que usa os mitos como sendo fórmulas. Ambos estão trabalhando com o mesmo nível de consciência subliminal e cada um deles tem em si alguma coisa do outro; talvez o grau de criatividade, quer no ramo da arte, quer no ramo da magia, dependa da proporção na qual um está presente no outro.

No repertório do adepto há uma técnica por meio da qual ele se estrutura como um veículo de experiência exatamente igual ao que Cabell fez o seu insípido herói criar na personalidade imaginária de "Horvendile". Equipados com um tal tipo de instrumento, feito de um material igual àquele de que são feitos os sonhos, podemos entrar no mundo dos sonhos do plano astral e encenar uma representação dramática das nossas vidas subliminais. Se isto é bom ou não é bom para a nossa saúde mental, irá depender do grau de bom senso com que encaramos o fato. A fuga da realidade para a fantasia pode ser um perigoso artifício psicológico, mas um feriado longe da realidade pode ser muito recomendável na forma de compensação e de repouso.

Todavia, se os planos interiores são, realmente, os planos de causação para este mundo de forma e de matéria, os resultados de tais expedições poderão ter influências sutis cujos resultados finais, em círculos cada vez mais amplos, alcançarão o nosso alvo de tempo e de espaço. Tais empreendimentos não devem ser desprezados e a experimentação paciente e corajosa poderá produzir resultados que bem valerão o esforço e o risco se houver algum. Pessoalmente, creio que há pouco ou nenhum para a personalidade bem integrada, que compreende a psicologia do comportamento; de fato, não há nenhum outro risco a mais além daquele que está ligado a qualquer tipo de imaginação criativa à qual nos entreguemos a casa poderá cair sobre a cabeça de um mau arquiteto, ou a ponte poderá ruir sob o engenheiro incompetente, ou qualquer outra obra do génio humano poderá voar pelos ares e matar o seu criador, se estiver em sua natureza voar pelos ares, mas nem por isso abandonamos o trabalho da invenção mecânica só porque achamos que ele é demasiadamente arriscado para ser um campo de esforço humano justificável.

Portanto, aqui estão algumas notas sobre a questão de tais experimentos, que ainda são tentativas porque o trabalho está nos seus estágios mais

iniciais, mas que podem ser úteis no sentido de lançar luz sobre aspectos obscuros da mente humana, tanto normal como anormal.
Já fazia muito tempo que eu me familiarizara com o método de partir em expedições noturnas no corpo de Horvendile, mas não consegui praticar tal coisa com sucesso até que o meu "nome mágico" me foi dado. O nome mágico, quer seja revelado por um mestre, quer seja descoberto por nós mesmos, parece ser um ponto importante na formação do corpo de Horvendile; parece desempenhar o mesmo papel que o grão de areia desempenha na formação da pérola. A psicologia dos usos do nome mágico necessita de mais estudo do que aquele que posso dedicar a ela no momento sem me desviar do assunto. Basta dizer que tais usos são tradicionais e que lhes tenho comprovado, na prática, a eficácia. Como a maioria das pessoas de imaginação vívida, não sou alheia ao prazer de me entregar a vôos de fantasia nos quais sou o centro de aventuras românticas, vividas na minha própria pessoa; como a maioria dos escritores de ficção, coloquei alguma coisa de mim mesma nos meus personagens; mas a criação de uma personalidade mágica é um assunto diferente, pois para que possa ter qualquer valor ela deverá ser, em todos os pontos, mais grandiosa do que nós mesmos e como a parte pode ser maior do que o todo que lhe dá origem?
Aparentemente, o problema é solucionado pelo recurso de retrocedermos para o passado da nossa história evolutiva, chegando até o período em que o intelecto não tinha obliterado os níveis primitivos de consciência, e ao mesmo tempo usando a mente de hoje para dirigir as atividades subliminais. Este é, de fato, o método do psicopata, porém usado em sentido inverso, pois neste caso são os níveis primitivos que se erguem e inundam a mente consciente, usurpando o trono do núcleo de consciência.
Pode ser que o uso do nome mágico tenha alguma relação com o processo de retroceder para o tempo que já passou e tornar a despertar o modo de consciência de uma fase de desenvolvimento desde muito tempo deixada para trás. Os nomes primitivos são sons imitativos ou frases descritivas, e sendo assim as sílabas bárbaras dos nomes mágicos poderão servir para despertar lembranças na alma que vagueia tão distante. Nós não podemos desdobrar na evolução aquilo que não foi dobrado na involução; esquecemos que toda a manifestação deve ser antecedida por uma fase de preparação. Nas fases primitivas do nosso desenvolvimento possuíamos poderes que tiveram que ser sacrificados para que pudéssemos conquistar os elevados poderes da mente humana. Se, embora conservando estes poderes, pudermos recobrar os segredos perdidos, então teremos os meios para modelar uma consciência Horvendile que transcenderá os limites do seu criador, pois teremos somado o passado ao presente, ou, se for preferida uma outra terminologia, teremos estendido a consciência até os domínios usualmente ocupados pela subconsciência.
Na minha própria experiência dessa operação, o proferir o meu nome mágico, para mim mesma, levou-me a uma imagem de mim mesma numa forma idealizada, não de tipo diferente, porém numa escala muito mais grandiosa, super-humana, de fato, mas que se podia reconhecer como sendo minha, do mesmo modo como uma estátua muito maior do que o tamanho normal ainda assim pode apresentar uma grande semelhança. Uma vez percebida a imagem, pude tornar a desenhar, sempre que queria, esta versão idealizada do meu corpo e da minha personalidade, mas não podia identificar-me com ela a menos que pronunciasse o meu nome mágico. Tão logo eu afirmava esse nome como sendo meu, a identificação era imediata. A consciência se transferia para a forma assim visualizada e eu passava, nua, para o mundo dos sonhos. Sobre essa nudez, que era como a nudez de uma estátua antiga, eu podia, por um simples ato de imaginação, colocar quaisquer roupagens ou tecidos que quisesse para simbolizar o papei que queria representar.

O nível consciente da mente foi construído enquanto a humanidade estava no plano astral, enquanto descia, pelo arco involutivo, para a sua imersão na matéria, e a mente subconsciente ainda conserva os seus métodos astrais de mentação, que são em termos de valores emocionais e de imagens pictóricas; e quando conseguimos compreender o funcionamento da mente inconsciente é que podemos apreciar melhor o funcionamento da consciência elemental. Assim também, voltando a ter acesso aos níveis subconscientes da mente, nos tornamos capazes de operar no plano astral. É por esta razão que as impressões dos domínios astrais são sempre muito confusas por causa da mistura de elementos subconscientes subjetivos. Nas comunidades civilizadas, a mente subconsciente do ser humano é principalmente subjetiva, mas nas raças primitivas o subconsciente humano normal também é em grande parte objetivo, isto é, tem consciência do seu ambiente astral; daí a predominância da magia entre os povos primitivos, pois os primitivos são magos naturais. O ocultista aprende, no decorrer do seu treinamento, a prolongar novamente o limiar da consciência até a mente subconsciente; mas enquanto, na humanidade primitiva, a mentalidade terminou com a subcons-ciência, no homem evoluído os poderes da mente humana retornam para os planos e se encarregam da operação das faculdades astrais subconscientes. Todavia, a iniciação no plano astral significa muito mais do que a exploração dos poderes psíquicos. O plano astral é o plano de controle para o grande reservatório de energia etérica, e quando obtemos o direito de entrada no plano astral também ganhamos o acesso e o controle dos subplanos etéricos do plano físico. Destes subplanos provêm as forças vitais dos organismos físicos, e o contato com estes grandes reservatórios naturais de força é que dá a qualidade magnética peculiar e tão evidente nas almas que têm contatos elementais.

Os contatos do Raio Verde também são citados como sendo a Iniciação Céltica, e por esta razão as iniciações operadas pelos gregos e pelos druidas eram do Astral Superior, em contraste com as iniciações de uma época mais remota, que eram iniciações do Astral Inferior, como dão testemunho as terríveis divindades de Acad e da Babilónia. Os gregos na arte, e os Celtas na música e na dança, foram os verdadeiros iniciados do Raio Verde, e hoje em dia a influência dos contatos astrais pode ser claramente vista no temperamento das raças célticas.

O Raio Verde é, essencialmente, o raio do artista, pois â mente subconsciente, ou astral, é que é o fator criativo nas artes, e o grau de inspiração sempre está de acordo com a proporção predominante desta mentação. A técnica pertence à mente humana consciente, mas o verdadeiro impulso artístico criativo pertence â antiga mente astral da raça, que está oculta embaixo do limiar da consciência sobreposta. Sem a técnica tão penosamente adquirida por meio da disciplina da mão e do olho, não pode haver manifestação, na matéria, do impulso astral criativo. Existem muitos que, tendo os contatos astrais, não podem reduzi-los a formas do plano físico. Estas pessoas tendem a se afastar cada vez mais deste plano e penetrar no astral, e nelas deparamos aqueles extremos do temperamento artístico que tende para o desequilíbrio mental.

De maneira idêntica, há certos tipos de insanidade, além de sintomas de doenças de origem puramente física, os quais podem ser explicados à luz do conhecimento dos domínios astrais, tanto quanto existem certas drogas, da variedade do haxixe, que abrem artificialmente os centros psíquicos, facultando-lhes a percepção do astral, assim como há também certas condições tóxicas do sangue que agem da mesma maneira, e isto tudo explica muitas das alucinações dos loucos. Na realidade, estão experimentando um psiquismo patológico e estão vendo, ao seu redor, os habitantes do astral e as suas próprias formas-pensamento pululando nas suas próprias auras. A psicologia explica muito satisfatoriamente este

último fenômeno, mas não compreende o primeiro, portanto, vê-se obrigada a recorrer a explicações forçadas a fim de colocá-los em linha com a classe anterior de fenómenos, os quais ela é capaz de explicar satisfatoriamente. A psicologia da insanidade pode lançar luz sobre muitos dos fenómenos da experiência psíquica e isto não é dito com nenhuma intenção depreciativa, mas simplesmente porque é a pura verdade, uma vez que as alucinações da loucura são um tipo de fenômeno astral que tem sido comprovado por meio da ciência moderna.

Muitos outros fenômenos aguardam esse mesmo processo para a sua elucidação; e quando a ciência - e especialmente as ciências que lidam com a personalidade humana, tanto mental quanto física - tiver percepção da função e da natureza das influências astrais que estão agindo dentro e sobre a matéria densa, terá sido dado um grande passo e terá sido aberta uma nova era de descoberta científica. Na hora atual estamos pairando nos minutos que antecedem esta percepção, tal como uma gota de água que fica pendurada no bico de uma jarra; quando a força de gravidade superar a atração capilar, a inundação começará. Quando houver uma percepção das realidades imponderáveis, invisíveis, uma nova era de descoberta científica e de conquista terapêutica se abrirá. Ë a falta desta percepção que está desnorteando a ciência no momento atual e que está tornando abortivas linhas de pesquisa tais como a investigação do câncer e das glândulas endócrinas, que, como o ocultista sabe, estão ambas intimamente relacionadas com o plano astral.

Podemos muito bem perguntar por que qualquer estudante sério do ocultismo (e nenhum outro é desejado nos Mistérios) deverá, nos dias atuais, procurar os contatos do Raio Verde quando ambos os contatos, o hermético e o cristão, estão abertos para ele. O estudante hermético procura-os para completar suas iniciações, para tornar-se capaz de fazer as forças descerem através dos planos até a sua manifestação final no plano físico. Este contato é especialmente necessário para ele, se também for um terapeuta esotérico, pois os processos das duas coisas, doença e cura, estão intimamente associados às condições astrais que influenciam a consciência diretamente e o corpo físico indiretamente, por meio do seu efeito sobre o duplo etérico. Por conseguinte, o terapeuta esotérico deve, necessariamente, ter os contatos do plano astral.

O CAMPO OCULTO NOS DIAS ATUAIS

A publicação de dois livros muito importantes sobre magia, The Tree of Life, escrito por Israel Regardie, e Magick, escrito pelo "Mestre Theríon" (Aleister Crowley), faz com que seja aconselhável a Fraternidade da Luz Interior definir a sua posição nesses assuntos. Para qualquer um que compare estes dois livros, um com o outro e ambos com o método que é explanado no meu livro A Cabala Mística, tomar-se-á óbvio que o mesmo sistema é usado em todos os três. Portanto, é bom que sejam dadas algumas explicações para que ninguém seja acusado de plágio ou de roubar as revelações sensacionais de outra pessoa; ou, também, para que nenhum deles seja considerado um associado ou um representante de um dos outros dois.

A explicação é muito simples; todos os três estão se servindo da mesma fonte à qual eu já me referi como sendo a Tradição Esotérica Ocidental. Tradição essa reorganizada e colocada ao alcance dos estudiosos ingleses pelo falecido S. L. MacGregor Mathers, em cujas mãos veio cair um certo número de manuscritos em código - e ele tinha o conhecimento oculto necessário para fazer uso deles. Mathers alegou ter entrado em contato com as fontes de onde emanaram estes manuscritos, e existe uma certa quantidade de evidências objetivas que apoiam a sua alegação; mas o assunto todo está envolto em mistério por causa do extremo segredo que ele observou e pelos drásticos juramentos de iniciação a que eram obrigados todos aqueles a quem ele ensinou o que tinha aprendido; e mesmo com estes, mostrou-se extremamente reservado a respeito de muitos pontos vitais.

Mas, se assim foi, que assim fique; e se ele obteve o seu sistema da maneira como disse que obteve, ou se tirou tudo isso da própria cabeça, na prática real a coisa toda funcionou como um sistema de ocultismo prático altamente eficiente e satisfatório e como um Caminho de Iniciação. Em assuntos ocultos, a prova do pudim se faz comendo o pudim; títulos pomposos e alegações ilimitadas - tais como as que certas organizações americanas nos habituaram a ouvir com respeito a este assunto não têm qualquer importância para aqueles que possuem algum conhecimento sobre o assunto e sobre a sua história, ou que possuem qualquer experiência prática do seu trabalho. Um dos pontos a favor da legitimidade das afirmações de MacGregor Mathers é que ele se envolveu no mais impenetrável segredo e não pode ser induzido a sair da sua concha, nem mesmo para defender-se.

Pelo menos até onde eu pude averiguar, as evidências referentes às fontes das quais MacGregor Mathers obteve os seus MSS são inconclusivas e conflitantes, e muitas coisas foram ditas, sobre estes MSS, que não puderam ser substanciadas. Todavia, que estes MSS existem isso eu posso garantir que é um fato, pois conheço pessoas dignas de confiança que realmente os viram, mas, como eles estavam em código, nem por isso os meus informantes entenderam qualquer coisa e nem por isso puderam dizer quanto MacGregor Mathers tirou deles e quanto ele colocou de seu, na forma de trabalho original.

Não foi fácil conseguir informações exatas sobre o assunto, especialmente porque entrei em cena já bem tarde, depois da morte de MacGregor Mathers, e foi quase o mesmo que tentar arranjar evidências concernentes à natureza do pano com que foram feitas as vestes do Rei Que Estava Despido. Todos juraram, por suas almas imortais, que eram verdadeiras as lendas que corriam na Ordem que ele fundou; à medida que circulavam em

forma verbal e adquiriam autoridade firmada em tantas repetições, essas lendas eram aceitas sem críticas.
Até onde pude perceber por meio daquilo que pude saber sobre o assunto e por aquilo que vi das pessoas envolvidas, MacGregor Mathers tinha um vasto grau de conhecimento, muito incomum, porém não muito acurado ou não muito profundo, no qual os estudiosos profissionais podiam encontrar furos; contudo, as raízes do assunto estavam dentro dele, pois vira a significação mística e filosófica por trás daquilo que colheu nos estranhos campos da Alquimia, da Cabala e da Egiptologia. Por uma curiosa concatenação de forças invisíveis, que são chamadas de acaso, os famosos manuscritos em código vieram a cair-lhe nas mãos e neles Mathers encontrou as fórmulas que compõem a base dos seus rituais. Estas lhe deram as chaves para a estranha massa de louca ferragem metafísica que ele já tinha descoberto ser uma fechadura. Apenas inseriu a chave psíquica na fechadura metafísica e pronto! a chave deu a volta e a porta da consciência supernormal foi aberta de repente.
Com referência aos rituais, não saberia dizer quanto deles foi dado textualmente, nos manuscritos em código, e quanto foi uma contribuição de Mathers, tirada do seu conhecimento com a ajuda das chaves que lhe haviam sido fornecidas pelos mesmos manuscritos; mas, pela experiência que adquire através dele, estou absolutamente convencida de que o sistema por ele criado contém fatores totalmente fora do comum, e não foram frutos de uma simples erudição, por mais secreta que fosse. Se MacGregor Mathers foi o único autor original desse sistema, então ele foi um dos maiores homens do mundo; mas por aquilo que presenciei da sua Ordem, não acredito que ele fosse. O efeito das cerimônias e dos métodos ensinados por MacGregor Mathers foi o de produzir as mais extraordinárias experiências psíquicas e extensões de consciência naqueles que não tinham qualquer capacidade psíquica; os métodos e objetivos destes processos foram inteligentemente ensinados nos graus mais elevados e em certas divisões desta Ordem, e aqueles que foram assim instruídos puderam produzir resultados à sua vontade e o efeitos dos experimentos repetidos foi cumulativo. De fato, por métodos psíquicos eles obtiveram os mesmos resultados que outras pessoas alcançaram por meio de drogas, tais como o haxixe e o mescal, e sem os desastrosos efeitos posteriores que resultam do "desatar os laços da mente" usando meios físicos.
Na luz da experiência assim obtida, os antigos Mistérios tornaram-se compreensíveis e as possibilidades de trabalho psíquico, desse modo reveladas, tornaram-se simplesmente ilimitadas. Considerados individualmente, os estudantes apresentaram uma imensa variação na sua capacidade de utilizar-se dos meios colocados a seu dispor; alguns foram simplesmente fúteis; alguns foram estudantes áridos e insípidos, apavorados com a possibilidade de obter quaisquer resultados práticos por meio das fórmulas; e alguns tornaram-se adeptos genuínos, e deixaram provas disso. Entre estes últimos estava Aleister Crowley, que escreveu sobre ocultismo usando o seu próprio nome e vários pseudónimos, entre outros Mestre Therion, Frater P., Perdurabo e mais uma coleção variada.
Cerca de dez anos antes do meu contato com a organização de Mathers, ocorreram guerras e rumores de guerras. A verdade sobre o assunto é difícil de ser averiguada, mas quando ambos os lados declaram que são anjos combatendo demónios provavelmente trata-se de um caso de seis de um lado e meia dúzia do outro. De qualquer modo, em consequência destas brigas Crowley publicou a maior parte dos segredos de MacGregor Mathers na sua revista The Equinox, e Mathers amaldiçoou Crowley com sino, missa e vela.
A Ordem passou por severos sofrimentos durante a primeira Grande Guerra e o próprio Mathers faleceu vitimado pela gripe, em Paris, durante a

epidemia. Quando entrei em contato com a organização, os membros que a compunham eram principalmente viúvas e anciãos de barbas grisalhas, e aquele não parecia ser um campo de trabalho oculto muito promissor.
Contudo, antes de conhecer a Ordem eu já tivera uma considerável experiência de ocultismo prático, e imediatamente reconheci uma força de um grau e de um tipo que jamais encontrara antes e não tive a menor dúvida de estar na trilha da verdadeira tradição, a despeito de sua exposição inadequada. Por algumas razões que só eles mesmos conheciam, as elucidações e as interpretações tinham sido escondidas no mais recôndito Interior, pelos chefes secretos, que simplesmente deixavam-se ficar sentados em cima delas como galinhas cismarentas sobre ovos de porcelana. A organização tinha se dividido num certo número de disjecta membro e todos se encaravam com suspeita, como se não pertencessem à verdadeira ortodoxia.
No que me toca, não tomei parte na mesquinharia humana do plano mundano, porém trabalhei no sistema e o sistema produziu frutos. Penso que outras pessoas fizeram o mesmo, entre elas Regardie. De qualquer modo, nos dois livros que escreveu, The Garden of Pomegranates e The Tree of Life, ele ensina o sistema do Áureo Amanhecer (Golden Dawn) conforme eu o aprendi nos vários ramos da Ordem da qual fui membro.
Regardie reconhece o quanto deve a MacGregor Mathers e Wynn Westcott, mas somente apresenta citações tiradas dos livros que eles publicaram. Faz muitas referências a Crowley, principalmente de sua obra em quatro volumes, Magick - na qual foram inseridos os melhores artigos da Equinox e mais algum material adicional. O ponto de vista do autor expressa tão exatamente os melhores aspectos dos ensinamentos de Crowley que eu concluo que a sua fonte é a Ordem de Crowley, a "A. A." e não a "G.D." de Mathers. A "A.A", porém, retirou o seu sistema mágico da "G.D.", portanto, para todos os propósitos práticos Regardie está usando o sistema de Mathers, assim como eu também estou.
Recomendo, sem hesitação, os dois livros de Regardie; The Tree of Life em particular, é um trabalho magnífico, na minha opinião, o melhor livro sobre magia já publicado. O livro The Magick, de Crowley, do qual Regardie faz grande uso e ao qual reconhece dever tanto, também é de grande valor para o estudante, mas só o estudante adiantado poderá usá-lo com proveito. Como obra literária apresenta muitas vulgaridades e grosserias, como acontece em todos os escritos de Crowley, e grande parte dele é deliberadamente obscura e indireta. Além disso, as fórmulas de que se utiliza seriam consideradas adversas e maléficas pelos ocultistas habituados à tradição cabalística, pois ele usa 11 em vez de 10 como base dos seus grupos de batidas nas cerimônias mágicas, e 11 é o número dos Qliphoth, ou Sephirot Demoníaco; portanto, um grupo de 11 batidas é uma invocação dos Qliphoth. No texto não há qualquer indicação a respeito e esta é uma armadilha perigosa para o estudante despreparado.
Crowley também dá o Norte como ponto sagrado para o qual o operador se volta para a invocação, em vez de dar o Oriente, "onde nasce a luz", conforme a prática tradicional. Ora, o Norte é chamado de "o lugar da mais profunda escuridão simbólica", e é o ponto sagrado de apenas uma seita, os Yezidees, ou adoradores do demônio. É evidente, portanto, que o estudante que tiver audácia suficiente para fazer uma experiência com um grupo de 11 batidas e uma invocação dirigida para o Norte, não irá entrar em contato com aquilo que a maioria das pessoas consideraria como forças desejáveis.
Crowley, porém, tem uma notável penetração na filosofia do ocultismo e quando trata deste assunto ele se revela um escritor dos mais esclarecidos, e eu, pelo menos, não desejaria minimizar a minha dívida para com os seus escritos. Quanto a seus métodos práticos, porém, é um

outro assunto e, na minha opinião, por demais perigoso para ser utilizado de qualquer forma ou maneira.
Se eu li os sinais corretamente, MacGregor Mathers, Crowley, Regardie e eu mesma estamos trabalhando todos com base na mesma fórmula a fórmula contida nos misteriosos manuscritos em código, descobertos por Mathers; via Crowley, Regardie recebeu informações de Mathers; suponho, porém, que ele desconhecia as alterações que Crowley introduziu nas fórmulas, pois tais alterações não aparecem nos seus livros e as fórmulas que ele apresenta são aquelas com as quais eu me familiarizei nos trabalhos do Áureo Amanhecer (Golden Dawn). Estas eu mesma comprovei que são seguras e eficientes; considero a versão delas, dada por Crowley, adversa e destrutiva, embora não possa falar com base em qualquer experiência pessoal do assunto porque jamais me envolvi com qualquer dos seus métodos. Contudo, falei com muitas pessoas que se envolveram e depois delas terem tido um tempo suficiente para verificação dos resultados finais parece não haver duas opiniões sobre este ponto.
Todavia, embora eu tenha me separado completamente dos métodos de Crowley, não desejaria minimizar a sua contribuição para a literatura oculta, uma contribuição que é do mais alto valor. O estudante que sabe ler nas entrelinhas e sabe separar o ouro da escória pode aprender muito através dos seus livros, e se o nosso interesse está limitado às obras de um autor, não precisamos investigar-lhe o caráter pessoal ou a vida privada.
Um dos problemas mais difíceis, no ocultismo de hoje, relaciona-se com a questão de autoridade. O que constitui uma iniciação genuína? Em que consiste uma Ordem oculta genuína? Quem são e onde estão os Mestres? Antes de podermos por um pé adiante do outro na Senda, precisamos responder inequivocamente a estas três perguntas. Nestas páginas eu não me proponho a discuti-las pormenorizadamente porque já o fiz em outro lugar, mas devo tentar, decididamente, definir um padrão de julgamento, em questões ocultas, que possibilite a formação de uma opinião em casos específicos.
A autoridade que se apresenta envolvida em mistério é uma coisa que está singularmente propensa ao abuso e, na ausência de perseguições, é muito difícil entender como isso possa ter qualquer justificativa. Quando o ocultismo tinha que ser seguido com risco para a vida e para a liberdade, a questão era diferente, mas por que, em nome do bom senso, qualquer organização oculta deveria esconder-se em baixo da terra nos dias atuais? Por motivos sociais ou profissionais os indivíduos poderão achar que é prudente esconder o seu interesse, mas é difícil entender por que qualquer pretenso mestre deve manter suas atividades em segredo, a não ser pela simples razão de que a natureza humana ama o mistério e um pouquinho de teatralidade aumenta o prestígio. O iniciador dedicado, porém, - e nenhum outro merece consideração olha para a ciência esotérica como uma filosofia e uma religião, e não a emprega em banalidades, deixando-as para os impostores que encontram no tráfico do mistério uma forma eficaz de publicidade.
Podemos, então, pegar uma esponja e apagar completamente da lista de candidatos qualquer indivíduo ou organização que não possa ou não queira colocar as cartas na mesa e revelar os seus antecedentes.
É uma infelicidade que o paladar do povo tenha sido alimentado com maravilhas ocultas até um ponto tal, que a ração saudável de fatos reais tenha se tornado repugnante para ele. A menos que a ancestralidade espiritual de uma ordem ou de um iniciador seja remota, tanto em tempo quanto em espaço, não existe prestígio. O charlatão tira vantagem disto e colhe a safra de alegações que para nós são tão impossíveis de examinar quanto são para ele difíceis de substanciar. Qualquer que seja a situação

no Oriente, no Ocidente as Unhas de contato no plano físico foram tão absolutamente quebradas e destruídas dentro do tempo histórico que os seus cacos têm que ser colados como cerâmica antiga. A experiência prova, porém, que uma certa quantidade de colagem tem sido feita e o desenho está aparecendo, sendo possível, para o psíquico, apanhar os contatos do plano interior e refazer o elo. É isto que está sendo realmente feito nos Mistérios modernos.

Porque um iniciador, ou uma organização, alega descender da Fraternidade do Himalaia ou dos Rosacruzes, ou de qualquer outra das muito divulgadas Ordens secretas, isso não quer dizer que essa descendência seja por uma Unha ininterrupta de tradição no plano físico; e também não quer dizer que a alegação seja inválida mesmo que não exista uma tal linha de descendência. Para um ocultista, que tenha um certo grau de desenvolvimento, é possível apanhar os contatos psíquicos destas grandes organizações do plano interior e trabalhar sob a influência delas. Quando isto acontece, coisas muito curiosas sucedem no plano físico e o operador descobre que está colhendo, continuamente, os fragmentos da tradição à qual está dedicado.

Olhando para trás posso ver, por experiência própria, que já estava operando os contatos da Ordem na qual fui finalmente recebida, pelo menos três anos antes de entrar em contato com ela no plano físico. Também apanhei estes contatos em pontos diferentes e em duas ocasiões, quando eles tinham sido totalmente cortados no plano físico. Tão logo são apanhados os contatos de uma das grandes Fraternidades, a impressão que se tem é de estar correndo sobre trilhos invisíveis. Há um grande número de testemunhas que podem atestar este fato.

Uma ordem oculta poderia ser comparada a um iceberg, do qual uma sétima parte flutua acima da superfície da água e o resto está submerso. O equivalente a seis sétimos do trabalho oculto é realizado nos planos interiores e, deste trabalho, cinco sextos consistem de experiências subjetivas. Então, o fator essencial para qualquer estudante ou iniciado é ter os contatos do plano interior de uma Ordem válida; obtidos estes contatos, o aspecto exterior começará a cristalizar-se ao redor deles, do mesmo modo como a pérola é formada, camada por camada, ao redor do grão de areia que está dentro da concha da ostra.

Todavia, embora o contato com o plano interior seja o núcleo vital, qualquer situação estará numa situação muito medíocre se não tiver algum corpo de conhecimento mundano de onde possa retirar informações. Os sistemas ocultos são demasiadamente complexos e demasiadamente detalhados para que o seu discernimento psíquico seja uma questão prática.

Muito embora disperso e escondido, existe um grande corpo de tradição, e o estudante, cujo olho interior está aberto, pode penetrar a sua significação enquanto o estuda. Se ele tem por objetivo ser um iniciador e treinar estudantes, é necessário que possa sistematizar este conhecimento e reduzi-lo a um sistema inteligível; o valor de uma escola oculta depende, em grande parte, da maneira pela qual é realizado este trabalho puramente mundano. A Sabedoria Antiga deve ser correlacionada com o pensamento moderno, caso se pretende colocar a sua significação ao alcance do estudante.

Uma escola oculta, então, precisa ter, em seu meio, psíquicos que estejam de posse dos contatos, e eruditos que tenham relevantes conhecimentos. Mediante estas duas coisas, as escrituras antigas têm pouca significação, pois, a menos que existam contatos vivos e a menos que o sistema tenha sido mantido nesta condição de atualização de geração para geração, elas poderão ser apenas lápides marcando o lugar de sepultamento de uma fé morta.

As organizações místicas não são coisas que tenham vida longa; elas raramente sobrevivem à geração que teve contato pessoal com o fundador. Tão logo o impulso original perde força, a senilidade se instala, e o seu renascimento tem que ser realizado em meio a indizíveis dores de parto. Velhas garrafas raramente conterão vinho novo, e a reforma normalmente se efetiva mais por meio da divisão, do que por meio da expansão e da restauração.

Se procuramos as raízes de uma experiência pessoal viva, não demonstramos sabedoria procurando por elas ao longo das linhas de uma tradição organizada no plano físico. O vento sopra onde lhe agrada, e não de acordo com o roteiro traçado pela autoridade estabelecida. A verdadeira linha de contato é uma Unha pessoal e funciona de uma maneira muito peculiar, porém muito definida. O fio de ligação é dos mais delgados, mas não obstante está ali. É como o grão de levedo que foi trabalhado e transformado em sete porções de comida diminutas, indispensáveis e eficientes. Este indispensável elo do plano físico parece consistir num encontro pessoal entre aquele que procura e alguém que possui os contatos dos planos interiores. Em todos os registros de fundação de uma Ordem nós lemos a respeito de um encontro entre o seu fundador e um mestre iluminado, que lhe deu os seus contatos graças ao seu magnetismo pessoal. Abraão, o pai de Israel espiritual, encontrou aquela figura misteriosa, Melchisedec, que veio a ele trazendo o pão e o vinho para a primeira Eucaristia. Na véspera do seu sacerdócio, Jesus procurou São João, o Batista, o último dos profetas de Israel. Christian Rosencreutz viajou para Damcar, ou Damasco, à procura de um iniciador. Abramelin encontrou o instrutor prometido entre os eremitas do deserto egípcio. Rudolph Steiner encontrou o seu mestre na Floresta Negra. Mme. Blavatsky encontrou um certo Adepto indiano em Kesington Gardens, durante a celebração do Jubileu. MacGregor Mathers encontrou os misteriosos manuscritos em código e se comunicou com um endereço nele contido.

Deixemos, porém, que fique claramente apontado que o contato pessoal com um adepto iniciado, embora fosse o ponto crítico da carreira de cada um deles, não foi mais do que uma pista que tinha que ser deslindada. Mme. Blavatsky teve que escrever os seus livros e construir a sua organização. MacGregor Mathers usou a sua erudição ímpar para dar corpo e forma visíveis ao sistema do qual ele não recebeu nada mais além das chaves. Em cada um dos casos, a grandeza do trabalho dependeu do calibre do trabalhador. Deve haver muitos outros que também entraram em contato com os mesmos mestres destes grandes pioneiros e que receberam, sem dúvida, uma iluminação de acordo com a sua capacidade, mas que nada construíram no sentido de uma organização e não deixaram marcas no mundo.

Que também seja notado que cada um dos sistemas fundados desse modo trouxe, em sua estrutura, as fraquezas inerentes dos seus fundadores, e estas fraquezas formaram a linha de fissura ao longo da qual eles finalmente ruíram. Mme. Blavatsky tinha muito pouco discernimento no que se refere ao caráter humano e, embora sua devoção aos seus ideais fosse inquestionável, ela foi singularmente imprudente na sua política e inescrupulosa em seus métodos. O movimento "Volta para Blavatsky", em sua condenação da Teosofia moderna, faria muito melhor se se lembrasse de que as ervas daninhas nas quais eles estão passando a foice representam apenas o crescimento pleno das sementes que ela semeou na sua imprudência e falta de princípios. MacGregor Mathers, também, que não teve outra fonte de renda além da sua escola esotérica, enfraqueceu-a pouco a pouco e finalmente a destruiu por meio da sua desconfiança e do seu exclusivismo.

Através destes fatos observados, aprendemos vários itens que consideramos relevantes na formação de um padrão de julgamento. Aprendemos,

primeiramente, que a doutrina física - exceto até onde ela consiste da palavra escrita, que pode ser estudada - não tem qualquer importância decisiva porque o valor real de uma longa linha de estirpe espiritual está na mente-grupo existente nos planos interiores, e esta pode ser apanhada, por meio de contatos psíquicos, até mesmo por aqueles que não são os herdeiros da linha mundana de herança. Além disso, os herdeiros legais poderão fracassar lamentavelmente na tarefa de manter os canais abertos e, desse modo, serão guias cegos orientando cegos. Somente a função, e não o privilégio, é que dá o direito de operar os Mistérios.

Em segundo lugar, aprendemos que não basta gritar Senhor, Senhor, alta e persistentemente; é preciso haver um equipamento adequado, de conhecimento e de organização no plano físico, para que as forças espirituais possam encontrar um canal. Foi dito, com muita verdade, que o poder de duração de uma fé depende inteiramente da sua literatura. Todas as grandes crenças têm como seu núcleo um livro, uma Bíblia, um Corão ou os Upanishads. Qualquer instrutor espiritual que se apoia apenas em ensinamentos orais não deixa um registro permanente atrás de si. Deve haver um livro, e um livro místico ou sagrado, que fale não para a razão e para a inteligência, mas para a intuição e para a fé. As declarações específicas da literatura Neo-Teosófica da escola Besant-Leadbeater, que tenta esclarecer e convencer a mente consciente, não é o núcleo ao redor do qual o movimento fundado por Mme. Blavatsky está reagrupando as suas forças destroçadas; A Doutrina Secreta é que é o livro sagrado que manterá o movimento unido muito tempo depois que o livro As Vidas de Alcione já tenha sido piedosamente esquecido.

Deve haver um livro, escrito sob a influência de uma poderosa inspiração espiritual, que forme o núcleo permanente de qualquer movimento que deve sobreviver ao seu fundador. Um tal livro exalta a consciência daqueles que o lêem e os coloca em contato psíquico com as fontes de onde veio a inspiração; então, eles poderão trabalhar independentemente. As pessoas nunca se satisfazem em ser alimentadas às colheradas, indefinidamente, e a menos que o sistema adotado possa proporcionar a elas os contatos vivos, um tal sistema não conseguirá prender ninguém exceto as almas jovens, e um movimento desse tipo não pode ser construído.

Será interessante verificar se a massa dos escritos de Rudolph Steiner poderá corresponder a um tal livro para os seus estudantes. Sinto-me inclinada a duvidar que eles possuam essa qualidade. MacGregor Mathers deixou atrás de si os soberbos rituais ao seu Golden Dawn (Áureo Amanhecer) e estes, com sua massa de simbolismes e eficiência mágica, formam uma inexaurível mina de inspiração para os iniciados da sua doutrina, os quais, em consequência, reacendem suas fogueiras onde quer que haja olhos para ver.

Na Doutrina Cósmica temos um núcleo de inspiração. Também estamos Ligados com os contatos do Golden Dawn. Desde o princípio, fizemos todos os esforços para tornar o nosso sistema automático e independente do ensino pessoal. No momento atual ele é mais ou menos como uma estrada arterial em curso de construção há longas extensões de ampla rodovia e há passagens e pontes estreitas, onde o trabalho de construção ainda está em andamento. Acreditamos, porém, possuir o necessário núcleo de permanência em nosso sistema, acreditamos que ele sobreviverá à geração que o viu nascer, e permitirá a expansão indispensável para adaptar-se às necessidades das gerações futuras, uma vez que depende mais de métodos do que de doutrinas.

ELEMENTOS SUBVERSIVOS NO MOVIMENTO OCULTO

O movimento oculto sempre tem sido um objeto de suspeita para os poderes em exercício, e não sem razão, pois o segredo com o qual ele trata de se envolver naturalmente mais atrai do que evita a atenção; além disso, justamente este sistema de segredo pode ser convenientemente usado como uma cobertura para outras coisas que não o ocultismo, e foi isso mesmo que sucedeu em muitas ocasiões no passado. O ocultista, portanto, não tem razão para se ofender com as suspeitas que tem despertado, mas deve procurar, por todos os meios ao seu alcance, esclarecer a situação, dar provas da sua bona fides e conduzir suas atividades de uma maneira tal que não possam servir de cobertura para malfeitores.

As influências que estão ativas no mundo de hoje alinham-se sob duas bandeiras, como sempre fizeram. A escolha de uma bandeira é uma questão de temperamento; foi dito, com muito acerto, que todas as pessoas são Radicais na sua juventude e Conservadores na sua velhice. Sempre iremos verificar que os tímidos, e também aqueles aos quais o deus deste mundo abençoou, estão do lado do conservantismo, ou da manutenção do estado de coisas do momento. Também iremos verificar que os espíritos anojados, e mesmo aqueles sobre quem o sistema social reinante exerce forte pressão, desejam realizar mudanças na ordem das coisas, e, às vezes, mudanças radicais. De ambos os lados serão encontrados homens moderados e homens extremistas, o que não deixa de ser uma questão de temperamento.

Estes dois tipos constrastantes de temperamento têm dificuldade em entender o ponto de vista um do outro, e os exemplos mais extremos normalmente carecem de um tipo de imaginação que os habilite a conceber que pode haver um outro ponto de vista razoável, além do seu; conseqüentemente, as relações tendem a se tornar acrimoniosas e cada partido atribui ao outro vícios que ele não possui, ou é dirigido por apenas uma diminuta e insignificante minoria. O interesse pessoal também exacerba a situação, pois qualquer vitória do lado de um partido só pode ser conquistada a custo de derrotas do outro. Os dois campos tendem a tornar-se campos armados, havendo entre eles um perpétuo estado de guerrilha que ocasionalmente se transforma numa campanha em grande escala.

Dentro de limites, ambos os aspectos são essenciais para o bem-estar do corpo político; a experiência tem provado isso com tanta clareza que uma oposição bem organizada é considerada essencial para a boa realização da administração nacional.

Contudo, embora a polaridade normal do ponto de vista seja um controle saudável sobre os extremos de qualquer tipo, e seja um desenvolvimento normal e inevitável neste universo que se manifesta através de pares de opostos, em ambos os campos podem ser encontrados pontos de vista extremistas que ultrapassam todos os limites do equilíbrio e que, para usar a linguagem dos cabalistas, são Qliphóticos porque tendem para o caos. O Conservador procurará manter, em sua mão morta, os benefícios adquiridos, sem se importar com as condições que vão se modificando ou com o bem-estar do mundo como um todo; o anarquista, em sua revolta contra as condições existentes, procurará destruí-las desde os alicerces até o topo, fazendo assim a casa da vida cair sobre a sua própria cabeça e condenando-se a ficar sem um abrigo enquanto o processo de reconstrução está em andamento. Os homens razoáveis, de ambos os partidos, encaram com desconfiança os seus extremistas e são capazes de oferecer tanto gestos de simpatia quanto o de respeito a seus oponentes.

Como já observamos, a escolha de um partido é, normalmente, ditada pelo temperamento, melhor do que pela convicção intelectual. Aqueles que podem ser encontrados no partido da mudança geralmente têm um temperamento mais imaginativo e impressionável do que aquele dos que encontram o seu lar espiritual no conservantismo, usando a palavra no seu sentido léxico e não no sentido político. É o mesmo tipo de pessoa que tem os ouvidos abertos para todas as coisas novas em qualquer setor de atividades mundanas; geralmente essa pessoa é inconvencional nos seus trajes e na sua alimentação; usa o cabelo comprido quando outras pessoas o usam curto, como nos tempos modernos; e curto quando as outras pessoas os estão usando compridos, como entre os puritanos ingleses; e reage violentamente aos seus próprios complexos em geral, não somente nas coisas em que tem convicção especial mas em todos os caminhos da vida, quer nos fúteis costumes sociais, quer nas coisas mais profundas e fundamentais do espírito.

Sendo o ocultismo, mais do que a maioria das coisas, um ponto de vista inconvencional, nós encontramos, entre seus partidários, uma elevada porcentagem de pessoas de mente liberal, e uma porcentagem comparativamente pequena daquelas que têm um ponto de vista convencional ou conservador. Não devemos, porém, cometer o engano lógico de confundir post hoc com propter hoc. As pessoas não se tornam radicais em seus pontos de vista porque qualquer doutrina as ensinou sob o véu do segredo, em lojas ocultas, mas tornam-se ocultistas porque são do tipo receptivo e aventureiro.

Além disso, há um certo tipo de reformador mais filosófico que, na procura de uma explicação que possa conduzi-lo às causas-raiz do descontentamento social, descobre que os ensinamentos esotéricos oferecem essa explicação, especialmente naquelas doutrinas referentes às mentes-grupo, às influências sutis e aos ciclos evolucionários. Um reformador social deste tipo estuda o ocultismo não com o propósito de aplicar o ritual mágico aos seus inimigos, como supõe a imaginação popular, mas para poder compreender as causas-raiz.

É raro encontrar o fanático de qualquer partido em círculos ocultos ou, diga-se de passagem, em quaisquer círculos que não concordem inteiramente com as suas ideias; ele tem uma mente tão orientada numa única direção e está tão concentrado no seu preconceito especial que não se interessa e nem tem tempo para gastar com qualquer outra coisa.

Com isso se poderá ver então, que, embora aquelas pessoas dotadas de pontos de vista avançados e inconvencionais predominem, inquestionavelmente, nos círculos ocultos, elas os procuram incidentalmente e por uma questão de temperamento, e não porque as doutrinas ocultas estejam imediatamente ligadas à política.

O Ocultismo e o Submundo

À parte aquilo que poderia ser chamado de uma genuína e sincera associação do ocultismo com pessoas e ideias subversivas - uma coisa que é puramente acidental e que depende do fato de que o mesmo tipo de temperamento se inclina para ambas as linhas de interesse - não se pode negar que, inextricavelmente misturada com o movimento oculto, existe uma perigosa linha subterrânea de atividades subversivas e as autoridades agiriam bem se ficassem de olho nela. O peculiar e absolutamente desnecessário sigilo observado pelos ocultistas transforma o movimento oculto numa capa muito conveniente para várias atividades que não resistiriam a uma inspeção.

A Scotland Yard está bastante alerta para este fato e, em consequência, mantém uma estreita vigilância sobre todas as organizações ocultas.

A natureza semipública, semiprivada, dos procedimentos prestam-se singularmente bem aos propósitos de pessoas cujas atividades, nos seus

esconderijos habituais, estão sob vigilância. Qualquer organização esotérica à qual seja solicitado permissão para que cartas sejam enviadas aos seus cuidados, que sejam recebidos pacotes de impressos, que depois serão apanhados por um carro particular, ou mesmo que permita o uso de telefones por estranhos, deve ficar em guarda. Ë um segredo mais do que conhecido que as cartas dos suspeitos são examinadas e que seus chamados telefónicos são ouvidos; conseqüentemente, é de grande importância, para tais pessoas, encontrar lugares livres de suspeitas onde possam receber comunicações. Raramente alguém pode apresentar uma boa razão para ter suas cartas enviadas para um endereço arranjado, e as organizações esotéricas, que são complacentes nessa questão, estão criando dificuldades para os próprios adeptos do movimento.

É uma grande infelicidade que a Sociedade Teosófica tenha ficado tão intimamente associada às atividades políticas da índia, embora deva ser dito, por justiça, que provavelmente não houve qualquer percepção dos extremos aos quais estas atividades finalmente levariam. Em razão disso, muitas pessoas olham para o movimento oculto como se ele fosse farinha do mesmo saco e têm medo de se meter em todos os tipos de complicação caso se liguem a ele, portanto, limitam os seus estudos à teoria da ciência esotérica e não encontram nenhuma oportunidade para experimentá-la na prática.

As organizações com inclinações fascistas, da Grã-Bretanha, parecem levar muito a sério a ameaça do ocultismo subversivo e parecem considerar que uma sociedade oculta é, ipso facto, subversiva, e como tal deve ser espionada. Nenhuma pessoa sensata faria objeção a ser inspecionada por representantes autorizados da lei e da ordem, porque, consentindo, elas estariam protegendo os seus próprios interesses; mas o detetive amador é uma amolação ofensiva e, como tal, deve esperar uma execução tão sumária quanto a do bolchevista.

Sob o aspecto menos apresentável do ocultismo, a parte representada pelo uso habitual de drogas foi grandemente exagerada. As drogas usadas são do tipo que produzem visões, tais como o analônio e o haxixe, e estas não são consideradas drogas viciantes no Ocidente. Nas doses em que são usadas para as experiências ocultas, elas não tem qualquer probabilidade de provocar um dano permanente.

As drogas que levam as pessoas ao vício são aquelas que produzem estimulação e imunidade ao cansaço, ou então são aquelas que amortecem a consciência e tornam suportável uma vida atormentada; as drogas que produzem visões não são encontradas em nenhum destes cabeçalhos. Ninguém tem possibilidade de provocar visões por meio do seu uso frequente, o bastante para poder correr o risco de tornar-se um viciado; e de qualquer maneira, o analônio não forma hábito.

O risco ao qual estas drogas expõem aqueles que as usam é psíquico, não físico; se o experimentador não é um ocultista perito, que tenha uma competência absoluta na questão de simbolismos e banimentos, elas podem deixar aquele que as utilizou aberto para a invasão psíquica e até mesmo para a obsessão, pois abrem as portas do astral para a consciência desprepa-rada - e, como todo o nadador sabe, uma coisa é nadar para longe e outra coisa é nadar de volta. Não estou preparada para negar que elas têm um lugar na pesquisa oculta, mas tal pesquisa só poderá ser empreendida por aqueles que estão adequadamente equipados, no que diz respeito aos seus conhecimentos tanto ocultos quanto científicos, e são indesejáveis sob todos os pontos de vista quando realizadas por aqueles que estão simplesmente procurando uma emoção nova.

Muito tem sido feito pelos escritores de ficção que tratam da Missa Negra, que consiste em profanar, por todos os meios e modos que uma imaginação superexcitada possa sugerir, os símbolos sagrados da fé

Católica. Para todos os propósitos práticos, esse é um processo que está limitado aos Católicos Romanos porque, como apontou Eliphas Levy, ninguém que não acredite fervorosamente numa Missa Branca poderá participar eficazmente de uma Missa Negra. Para o dissidente, as operações de uma Missa Negra não teriam sentido.

As orgias sexuais têm desempenhado uma parte nos Mistérios, e no caso de povos primitivos não devemos nos apressar em condená-las indiscriminadamente, sem levar em consideração o tipo de sociedade na qual elas têm lugar. Não podem ser usados padrões civilizados para julgar tribos primitivas, vivendo sob condições e normas inteiramente diferentes das nossas. Estas orgias não produzem, absolutamente, a degeneração que os missionários querem nos fazer acreditar. Elas não são, de modo algum, a mesma coisa que a promiscuidade sexual generalizada, mas estão estritamente limitadas a certos períodos. Um povo vivendo sob condições naturais, no mais íntimo contato com a natureza e competindo com as plantas e os animais pela posse do solo, tem outras necessidades sociais e, conseqüentemente, padrões morais muito diferentes daquele que teria uma população organizada e densa, cujo problema é alimentar-se com recursos retirados de uma área limitada. Para o primeiro, as orgias que estimulam a fecundidade podem ser tão necessárias e virtuosas quanto as restrições morais de outros tipos de sociedade.

E também não devemos cometer o erro de pensar que só porque uma raça tem, entre os seus símbolos sagrados, representações simbólicas dos órgãos de reprodução, ela seria necessariamente licenciosa, tanto quanto o fato de uma freira ser admitida numa Ordem religiosa com uma cerimônia de casamento poderia nos levar a suspeitar a mesma coisa. A reserva nas questões sexuais é uma questão de educação, não de moral.

Nestas coisas há verdades que não podemos ignorar, e por ignorá-las a civilização se torna mais pobre, mas nem por isso se torna mais limpa ou mais saudável. O problema, porém, tem início quando as pessoas que têm inclinações licenciosas começam a usá-las como uma justificativa e como uma cobertura. Alguma coisa neste estilo tem sido feita em nome do ocultismo, especialmente no Continente. Em sua maior parte, porém, a vida licenciosa nos círculos ocultos consiste numa coleção de "companheiros-de-alma" circulando livremente, e não tem maior significação oculta do que têm as condições similares em círculos artísticos. Não é feito nenhum uso mágico desses relacionamentos; o único contato oculto que eles têm reside no achado, em vidas passadas, de uma justificativa para os seus atos, uma justificativa que ninguém, a não ser as pessoas diretamente implicadas, leva muito a sério.

Em diferentes ocasiões, vários ocultistas tentaram pôr em prática as doutrinas freudianas. Ninguém que tenha qualquer percepção da vida poderá negar que há uma grande parcela de verdade nessas doutrinas e que, teoricamente, podem ser encontradas muitas justificativas para os atos de tais iniciadores. As consequências sociais, a tensão e a revolução geral de tais métodos são, todavia, tão graves que - seja o que for que possamos pensar a respeito deles do ponto de vista da ciência pura - na prática real é melhor deixá-los de lado. Em primeiro lugar, as forças utilizadas fogem ao controle com extrema facilidade e quando tais práticas são realizadas em grupo, a mente-grupo, assim formada, assume uma atmosfera demasiadamente elemental para ser tolerada por pessoas civilizadas. As orgias e a magia sexual grosseira já desapareceram do nível de consciência no qual as raças civilizadas funcionam, assim como também desapareceram o infanticídio e a eliminação dos idosos.

Há outros métodos para abordar os níveis elementais de consciência mais eficientes do que estes que não pertencem ao Caminho da Mão Direita. Através de métodos puramente psicológicos, o psicanalista alcança os

mesmos resultados; contudo, quando a experiência por ele realizada está unida ao conhecimento do esoterista é que são alcançadas as consequências mais profundas e as alturas mais supremas.
Certa vez tornou-se muito comum o uso de vícios anormais para propósitos mágicos; os fatos são bem conhecidos e deram origem a escândalos repetidos. Não há nada para ser dito no sentido de amenizar tais práticas; elas são antinaturais e destrutivas em todos os planos. Todavia, há razões para se acreditar que esta fase de Ocultismo Negro teve a sua época e agora está desaparecendo. O principal expoente tornou-se inapelavelmente insano e o seu exemplo parece ter ensinado um pouco de prudência para aqueles dos seus seguidores que não precisaram aprender a lição por meio da experiência. Não obstante, em certos círculos ainda resta um grande número de ensinamentos e de práticas corruptas que produzem uma rica colheita de psicopatologias. Mentes-grupo ficaram contaminadas e, através de ligações com elas, os indivíduos sensíveis estão sujeitos a experiências muito desagradáveis, a inúmeras perturbações psíquicas e até mesmo a doenças reais. Os líderes destes grupos não são, de modo algum, devotados ao mal, mas têm uma compreensão muito pequena das forças com as quais foram postos em contato. As repetidas erupções de problemas psíquicos que ocorrem entre eles são atribuídas ao ataque oculto vindo de fora, ou à desforra das forças do mal contra as quais estão lutando, e eles não percebem que são como pessoas que construíram suas casas na encosta de um vulcão. Contudo, é provável que a atmosfera venha a clarear gradualmente com o colapso do líder e que aquilo que é de valor seja desembaraçado dos inúmeros elementos infelizes que se reuniram ao seu redor.

O "Perigo Judeu"

Sempre existiu um forte sentimento anti-semita entre as nações continentais, embora nestas ilhas ele seja de um tipo muito modificado. Tem havido livros, publicados recentemente, que se determinaram a mostrar que a revolução na Rússia é um trabalho dos judeus e que a raça judaica, como uma unidade organizada, está decidida a destruir a civilização. Entre estes livros há alguns que tentam provar especificamente que o iniciado judeu é uma pessoa particularmente perigosa e que qualquer movimento oculto, no qual uma generosa proporção de judeus encontra acolhida, deve ser um movimento particularmente perigoso.
A fim de examinarmos os erros e os acertos desta proposição, primeiro devemos examinar a base onde ela repousa. Qual a causa do antagonismo geral contra os judeus? A maioria das pessoas diriam que é porque eles mataram Nosso Senhor, mas a verdadeira resposta para esta pergunta provavelmente é encontrada no fato de que há uma porcentagem mais alta de habilidade e de sagacidade intelectual - e uma porcentagem mais baixa das virtudes marciais - entre o povo judeu do que entre a maioria das outras raças. Isto, orgulho e o seu exclusivismo racial, irrita os gentios; e como raramente o judeu é uma pessoa belicosa, essa irritação pode ser livremente extravasada, com segurança. Além disso, por causa do seu dom peculiar para as finanças, o judeu é o agiota universal; e um sistema muito conveniente de botar um "pago" nas dívidas inconvenientes é providenciar um "pogrom" de vez em quando. Ambos os lados têm forças e fraquezas que fazem com que um tenha medo do outro e que, ao mesmo tempo, fazem com que um seja a presa do outro; um tal estado de coisas não pode produzir boa impressão e confiança mútua.
Ë perfeitamente certo que no Bolchevismo e, diga-se de passagem, nos círculos anarquistas em geral, há uma alta porcentagem de judeus. A razão

para isso não precisa ser procurada muito longe. O judeu é uma exceção para a regra geral de que um idealista nunca é prático. Quando um movimento idealístico deseja um organizador eficiente, geralmente não consegue encontrá-lo entre os gentios que estão em suas fileiras. Os judeus foram a espinha dorsal do movimento bolchevista pela simples razão de que o russo, entregue a si mesmo, não sabe organizar e carece, irremediavelmente, de senso prático. Portanto, o elemento judeu teve que vir para a Unha de frente. Esta não é uma peculiaridade do movimento bolchevista. Quando estava reformando a administração russa e alicerçando o Estado sobre linhas modernas, Pedro, o Grande, achou necessário importar administradores alemães pela simples razão de que naquela e'poca, como agora, os russos não podiam organizar ou administrar.

O judeu vem para a linha de frente nos círculos revolucionários, do mesmo modo que nos círculos literários e científicos, por causa da elevada porcentagem de habilidade e poder de impulso encontrada em sua raça. Mais uma vez, post hoc não é propter hoc.

O judeu é atraído para a Tradição Esotérica Ocidental porque ela está baseada na Cabala, a sabedoria mística de Israel, e porque o seu intelecto é de um tipo que aceita agradavelmente a filosofia esotérica. Parece haver uma ausência completa do elemento místico no judaísmo dos dias atuais, exceto no que concerne ao nacionalismo judaico. Isto, de fato, é especialmente marcante no caso das mulheres, pois elas não têm lugar na religião judaica a não ser como encarregadas dos costumes levíticos que se aplicam ao lar. Esta ausência parece ser agudamente sentida pelos judeus mais ponderados, que sentem necessidade do tipo de misticismo que o Cristianismo ensina, mas não podem aceitar o Cristo. Eles, e especialmente elas, acham este misticismo no ocultismo, sem qualquer tendência religiosa exclusiva, e podem adaptá-lo àquilo que honram na tradição de Israel. Em consequência disso, há muitos judeus no ocultismo ocidental e, como sempre, se eles aparecem na vanguarda é pela sua capacidade intelectual e pelo seu arrojo.

Para qualquer um que observe o assunto sob a luz da história e da psicologia racial, não pode deixar de ser óbvio que a raça judaica, como raça, é a que tem mais a perder, em relação a qualquer outra, por meio da revolução social e da desordem, pois os judeus são os prestamistas do mundo e a primeira coisa que se faz, depois de uma revolução, é apagar as dívidas passadas, tanto privadas quanto nacionais. Além disso, a raça judaica não é militarista; não que inexistam casos de lutadores entre os judeus, conforme mostra a história do pugilismo, mas seus dogmas religiosos peculiares, conforme aplicados aos costumes sociais, fazem com que se torne muito difícil, senão impossível, organizar um exército. Certa vez Jerusalém foi tomada de assalto porque os judeus não queriam operar suas defesas no Sabat.

Todavia, não resta dúvida que os homens da raça judaica têm desempenhado um papel importante na determinação do curso da História, dando ou negando o seu apoio financeiro a governos e monarcas belicosos.

Isto, porém, não tem sido uma questão de política nacional organizada, mas sim de aventura e especulação pessoal, pelo menos desde que os governos deixaram de obrigar o judeu a emprestar dinheiro dando como garantia a sua própria dentadura. Vale a pena notar que a ficha do homem de Estado judeu é singularmente limpa; ele serve à sua nação adotiva com uma integridade sincera e uma habilidade conspícua.

O judeu sempre tem sido proeminente no ocultismo ocidental; de fato, durante séculos ele foi o seu único guardião, pois a Igreja, com mão firme, acabou com todas as especulações e experiências ligadas a coisas espirituais. A Cabala tem sido a principal válvula de escape para o judeu espiritualmente inclinado, que achou que as ostentações de religiosidade

são coisas estéreis; e a Cabala tem magia cerimonial, tem um psiquismo altamente técnico e tem suas aplicações práticas. Em Israel é que pode ser encontrado o manancial da Tradição Ocidental; de fato, os ocultistas ocidentais precisam ter um conhecimento ativo dos elementos da língua hebraica a fim de poder desemaranhar o jargão inculto do hebreu bárbaro, que é a herança de lojas sem instrução.

O fanático que tem firmemente fixada em sua cabeça a ideia de que a raça judaica está empenhada na destruição de toda a ordem social, encara a presença do elemento e da influência judaica como sendo uma das provas mais evidentes da culpa do ocultismo. Nós podemos fazê-lo lembrar que o mesmo pode ser dito do Cristianismo, que tem suas raízes culturais no Judaísmo. Do ponto de vista histórico, Abraão, melhor do que Pedro, é que segura as chaves do céu para o mundo ocidental.

A Tradição esotérica não aceita exclusivismos; a própria essência do seu espírito é que ela não blasfema contra nenhum Deus que tenha sido consagrado pela devoção do homem. Ela vê todas as religiões como expressões do espírito do homem, melhor do que como a revelação pessoal de um Deus ciumento para o Seu povo eleito. Ela não padece de temor supersticioso e nem de temor fanático. Quando solicitada a tomar partido em qualquer disputa acrimoniosa, referente aos erros e acertos fundamentais, ela diz - Maldição sobre a casa de uma e de outra! O Caminho de Deus é o Caminho da Luz do relâmpago ziguezagueando entre os Pilares, e o lugar de equilíbrio fica no ponto central do Pilar do Meio.

GLOSSÁRIO ESOTÉRICO

Os ensinamentos sobre os assuntos esotéricos contêm tantos termos vagamente definidos que é conveniente que aqueles que estão estudando no nosso grupo conheçam, com mais exatidão, o que queremos dizer quando usamos certas palavras-chave. De fato, em alguns dos nossos escritos anteriores o significado nem sempre ficou tão claro quanto deveria ser, mas algum tempo se passou (como usualmente acontece) antes de que a necessidade destas definições se tornasse evidente. Não ditamos leis para outros grupos, mas as definições que damos concordam com os princípios que estão por trás dos nossos ensinamentos e já demonstraram, pela experiência, que são corretas; isto não quer dizer, porém, que as publicações esotéricas em geral usem os termos exatamente nestes mesmos sentidos e, de fato, as mesmas palavras, com significados ligeiramente diferentes, às vezes podem ser encontradas na mesma publicação, obrigando o leitor sério a se conservar sempre atento para não ficar com uma impressão falsa - isso se, de fato, o autor souber exatamente qual é a impressão que elas querem dar.

As palavras que temos em mente são dadas a seguir e em alguns casos são fornecidas informações adicionais sobre os assuntos.

O Logos é o termo usado para significar o Logos Solar, o Deus do nosso sistema solar. Nós geralmente descrevemos o Deus do Cosmo como o Primeiro Manifesto.

Os Manus são, originalmente, líderes "etnológicos" nos Planos Interiores das grandes Raças-Raiz. Eles representam, em si, alguma grande Ideia ou Princípio que estava por trás da missão esotérica da sua Raça-Raiz. Há mais de um tipo de Manu. O Manu de uma Raça também é o protótipo ou o Homem Ideal dessa Raça, e em conexão com isto a sílaba "MAN", em certas línguas, pode ser de extrema antiguidade e significação. Os Manus são os Três Primeiros Aglomerados os Senhores da Chama, da Forma e da Mente mas nem todos estes Senhores são Manus; os Manus são, realmente, do tipo Arcangélico, com um "Ego múltiplo". Esta é a descrição, em palavras, que mais se aproxima destes grandes Seres. Têm formas "personalizadas", porém, aparecem sob "disfarces humanizados".

Os Mestres são seres aperfeiçoados, da evolução humana, que guiam a humanidade e realizam certas atividades, em vez de "descansar"; eles são de vários tipos e graus. Não se tomam "Senhores da Humanidade" (veja Doutrina Cósmica) enquanto não passam além de tudo o que agora é conhecido como "humanidade" mesmo porque nenhum grau é estabelecido até que se tenha entrado no grau seguinte.

A Centelha Divina pode ser imaginada como o aspecto "exterior" do Átomo Cósmico carimbado com a Impressão Logoidal. Até que seja atingido um grau elevado, para todos os propósitos práticos ela deve ser considerada como o Átomo Cósmico a parte imortal de cada um de nós, enraizada no Grande Não-Manifesto, da mesma essência do Logos, porém imensamente infantil na questão de desenvolvimento, etc.

A Individualidade ou Eu Superior (1) é a unidade de uma evolução, formada pelos corpos dos três planos mais elevados (usando um sistema de sete planos) organizada em torno da Centelha Divina.

O Eu Inferior, a Personalidade ou a Projeção é a unidade de uma encarnação, consistindo dos "corpos" dos quatro planos inferiores (num sistema de sete planos). Depois da morte física, suas experiências são absorvidas, em essência, pelo Eu Superior, mas apenas isto não basta para determinar a próxima projeção, uma vez que o Eu Superior tem fases de desenvolvimento entre as encarnações baseadas largamente em experiências

pré-encarnató-rias (ou involucionárias) que também influenciarão a Projeção seguinte.
A Alma é uma das palavras mais frequentemente usada com significados diferentes. Nós a usamos para significar os aspectos interiores da Personalidade mais os aspectos exteriores do Eu Superior. Ela é, de fato, a unidade de evolução elevada até certo ponto (além de Chesed) (2). Os aspectos da sua Personalidade são (ou deveriam ser) absorvidos em essência pelo Eu Superior na ocasião da morte, e desse modo a própria alma seria condicionada para a sua próxima encarnação. (Isto se presta para uma exposição muito mais ampla.) Pode-se considerá-la como o veículo do homem em evolução, tanto quanto o Abismo na Árvore da Vida, e seu estado na morte e depois da morte tem muita relação com a próxima Personalidade projetada pelo Eu Superior. A ocorrência de certas "patologias" de uma natureza esotérica, afetando encarnações futuras, é possível em consequência de más ações e de atitudes mentais manifestadas por ela durante a encarnação e depois da morte.
O termo Raça-Raiz pode ser usado para significar a Raça Original da qual nasceram as sub-raças. Repetidas vezes ele se refere às sete grandes divisões da Raça Atlanteana, e estes protótipos raciais foram posteriormente desenvolvidos, no mundo pós-diluviano, transformando-se nas grandes "famílias" raciais conforme conhecidas exotericamente. Como termo, "Raça-Raiz" também pode se referir às quatro grandes divisões de cor da humanidade, e também aos cinco estágios de evolução humana neste globo isto é, o Hiperbóreo, o Lemuriano, o Atlanteano, etc. As divisões de cor e os estágios de evolução humana também tiveram Manus, pois há muitos tipos de Manu. A Raça Branca não somente contém os mais evoluídos os Arianos mas também tem os Semitas, que estavam destinados a trazer mais um outro ideal para a Raça Branca. E foi assim que o Manu Melchizedek preparou o caminho para Jesus, o Cristo, e assim a Ideia de um Messias foi enxertada na Tradição Semítica (no fundo de tudo isto há uma ligação com o Santo Graal). Por trás da história secreta de Israel, move-se o Sacerdote Arquetípico da Raça-Raiz Atlanteana-Semítica; e por causa de certos erros atlanteanos, os membros judeus dessa Raça trouxeram este Arquétipo para o Ocidente, sem que eles mesmos estivessem preparados para usá-lo, com exceção de pequenos grupos. Esta é a "Maldição dos judeus" e data de muito tempo antes do nascimento de Jesus e ela teria se tornado muito mais suave se eles tivessem aceitado Jesus. Também a sua Teocracia poderia ter-se transformado num Estado-Mundial, mas eles não quiseram comungar com outros.
Os Manus de certas Raças-Raízes são tradicionalmente conhecidos e alguns são enumerados:

RAMA foi o Manu da Raça Ariana.
MELCHIZEDEK foi o Manu dos Caldeus e das primitivas Raças Semíticas, além da sua ligação Atlanteana. NARADA foi o Manu da primeira Raça Atlanteana. ASURAMAYA foi um Manu de uma primitiva Raça Lemuriana que se tinha misturado com os antigos povos da Atlântida, onde "Viveu" em dias remotos. Ele foi o primeiro astrónomo e foi o "mestre da sabedoria das estrelas" para o mundo antediluviano assim como foi Melchizedek para o mundo pós-diluviano. Na Atlântida ele trabalhou junto a Narada e sob a sua orientação. Euclides que é um Senhor de um dos aspectos de Sabedoria da Tradição Ocidental (veja "Ordens Esotéricas") - não somente foi um grande mestre humano mas também teve, nos Planos Interiores, um aspecto manifestando um "raio" direto de Asuramaya (mais ou menos análogo, porém inferior em grau e origem, à manifestação do Cristo pelo Senhor Jesus), aspecto este que foi mais que um "sombreamento". Este assunto é por demais complexo para que aqui sejam feitas outras referências.

Os Semitas estavam destinados a ser "Sacerdotes do Altíssimo", mas apenas uma pequena parte alcançou este grau, em escala diminuta, numa evolução posterior. Os Arianos eram Magos e Colonizadores.
Os Arquétipos são os padrões ou modelos originais de uma Ideia Divina. Tais padrões originais (ou arquétipos) manifestam-se de várias maneiras:

(1) Através dos Instrutores Divinos, ou super-humanos, de certas raças ou nações, sobre cujas vidas estão baseados os rituais dramatizados e as iniciações de vários Mistérios.
(2) Através de formas não humanas, pertencentes aos tipos de desenvolvimento pré-terrestre e pré-humano tais como:

(a) os Signos do Zodíaco (na sua forma atual, não antropomorfizada).
(b) símbolos macrocósmicos relacionados com o microcosmo e baseados nas Forças Essenciais do Universo, tais como as ideografias geométricas e fálicas de importância fundamental. Estes passaram para a mente humana e emergem no simbolismo dos sonhos, mas são mais velhos do que a mente humana.

Os nomes tradicionais das grandes figuras arquetípicas são, com frequência, memórias raciais do item (1), isto é, dos Instrutores e pertencem às diferentes fases de evolução que foram atravessadas por seus grupos; a origem deles está ligada a algum mestre impalpável que, em tempos muito antigos, guiou algum grupo em particular. Eles não devem ser confundidos com a força arquetípica de um Manu que trabalhou sobre a principal "família" Coletiva da raça inteira da qual o grupo era uma parte. Rama, por exemplo, foi o grande líder da Raça Ariana, mas Orfeu, Osíris, Odin, Merlin, etc., foram instrutores de certos grupos Arianos, e suas memórias ancestrais foram transferidas para alguns dos deuses e heróis destes grupos. Pois, embora alguns deuses sejam "forças naturais", outros são memórias de mestres pré-históricos.
Anjos Raciais são seres elevados da Hierarquia Arcangélica ou Angélica, apontados como guardiães de certos grupos, desde o princípio do mundo; eles podem ser descritos como os "princípios personalizados do Fogo Arquetípico", que trabalharam primeiro com os Manus e depois, quando estes se afastaram, continuaram em contato com o mundo na qualidade de guardiães destes princípios e das forças que cercam o seu "ponto terrestre" (ou lugar em Malkuth). Um ser deste tipo é citado, na frase bíblica, como "O Príncipe dos Poderes da Pérsia", um grande Anjo Racial de um período anterior. Os Anjos Raciais guiam as raças para o território onde elas deverão lançar suas raízes, e enquanto essa nação permanece suficientemente forte (em muitos sentidos dessa palavra) o Anjo permanece como seu Eu superior, por assim dizer. Quando a nação decai até um ponto tal que o contato verdadeiro com o Anjo não é mais possível, ele se retira para uma nação mais capaz de expressar o Princípio interior que ele representa. Tais Anjos incorporarão, nos seus "domínios", seres tribais, menos importantes, de outras nações que ficaram profundamente unificadas por conquista ou de qualquer outro modo com o território original. O assunto é muito complexo, mas compensará um estudo; a conquista no plano físico nem sempre vence uma nação.
Anima e Animus. Estes termos psicológicos são bem definidos em manuais e deve ser feita uma referência a respeito de tais livros tal referência é especialmente necessária para as expressões psicológicas, muitas das quais são usadas com largueza e incorretamente. Tudo o que precisa ser dito aqui é que Jung deverá ser lido com grande atenção, visto que ele provavelmente sabia muito mais do que quis expressar claramente. Quando a integração com o Eu Superior se aproxima, é possível que a "anima", ou

"animus", possa dar lugar a figuras ideais, do mesmo sexo que a Personalidade, e num estágio ainda anterior tais figuras podiam até mesmo ser pressagiadas por pessoas sensíveis, em estados emocionais mais elevados.

A SOMBRA - O HABITANTE DO LIMIAR

A "Sombra" da psicologia junguiana não deve ser confundida com o "Habitante do Limiar". A Sombra representa o material subconsciente da presente encarnação, o material de uma única vida, embora, naturalmente, havendo a possibilidade dele ser afetado pelas vidas anteriores. O "Enfrentar a Sombra" implica na compreensão da realidade da mente subconsciente e na aceitação do material que difere, com frequência, daquele da mente consciente. Por conseguinte, isso acontece num estágio comparativamente primitivo do processo de integração correspondente, na Árvore da Vida, ao 32° Caminho (O Poço) e à Yesod.

A expressão "Habitante do Limiar", conforme usada na nossa terminologia, representa o passado inteiro do indivíduo, tudo o que contribuiu para fazer dele aquilo que ele é. Portanto, é o agregado de todas as suas "Sombras". O "Enfrentar o Habitante do Limiar" é o confronto com o passado inteiro e requer a aceitação total desse passado e de tudo o que contribuiu para fazer do indivíduo aquilo que ele é agora. Isso ocorre num estágio posterior, no processo de integração. Na Árvore da Vida ele corresponderia a uma iniciação Chesédica, cujas realizações são completadas em Daath, onde "o Passado se torna Presente". Ë provável que a implicação total do "Habitante do Limiar" não tenha sido explicitamente exposta em escritos psicológicos. Ë preciso notar que a integração aqui mencionada não é a iniciação menor (por assim dizer) de Tiphareth, porém uma muito mais completa, que jamais foi tratada amplamente em qualquer livro publicado, isto pelo que eu sei.

O "Habitante do Limiar" poderá ser percebido em visões por aqueles que têm tais experiências, e não deve ser tomado por uma figura angélica ou elemental do tipo usual. Ele é uma manifestação da dívida conjunta que se apresenta numa forma personalizada, ou poderá provir de uma percepção dessa dívida, as formas variando de acordo com a natureza da dívida. Esta "visão", ou "percepção", deve ser encontrada antes de que se possa efetuar a integração realmente profunda e o progresso espiritual mais avançado. Ë possível que ela venha a absorver o lado não regenerado da Personalidade (a imagem ou aspecto "regenerado"), e algo bastante parecido com este ensinamento moderno foi prefigurado pelos egípcios na sua figura do "Devorador de Corações". Por mais terrível que possa ser o confronto com o "Habitante do Limiar", apesar de tudo ele é apenas um aspecto "oposto" do Eu Superior ("potencialmente" ou "não absorvido") e pode ter algo de Divino na sua aparência, pois está relacionado com o sofrimento do Eu Superior, que "se transforma em pecado" para redimir suas projeções uma reflexão que merece uma meditação profunda. Em resumo, o Habitante do Limiar é a soma-efeito das vidas passadas do indivíduo, seu próprio caráter oposto emergido dele para uma vida aparentemente independente.

Os Mestres (como complemento de referências prévias) Assim como em certos períodos o trabalho esotérico e a posição de indivíduos em encarnação são avaliados, assim também o trabalho da Hierarquia é avaliado em sua relação com o Grande Todo. Ë preciso que seja claramente entendido que um Mestre é alguém cuja função se relaciona com a evolução Solar Logoidal, e os Mestres devem ser concebidos por aquilo que são, e o seu poder funcional deve ser compreendido. Para que seja possível atuar plenamente na evolução Solar Logoidal, um grande desenvolvimento Cósmico tem que ser feito. As "Iniciações Estelares", em todas as suas graduações, devem ser completadas.

SÍMBOLOS ANIMAIS-RACIAIS

A Alma-Raça exsuda uma "influência" baseada num aspecto do seu caráter, e esta "influência" pode assumir uma forma etérica; é uma espécie de "totem". Conforme a Raça vai se desenvolvendo, este se transforma num dos seus símbolos especiais. Neste sentido, o símbolo da Bretanha originalmente dos Celtas e dos Saxões é um Cavalo Branco. O Leão, como símbolo, não tem uma origem tão antiga e também não é tão importante, sendo de origem normanda e heráldica. O Cavalo Branco é um símbolo muito antigo e, se for considerado como um desenvolvimento do Eo-Hippos, teve ligação com a Atlântida. Nenhuma posição especial - tal como "empinado", etc. é prescrita.

Formas Arquetípicas e Psicologia (veja anteriormente) Para conveniência na utilização, é possível dividir os tipos de Formas Arquetípicas em: (1) os Arquétipos Macrocósmicos, tais como os Deuses, que são personalizações de grandes forças macrocósmicas, (2) os Arquétipos Microcósmices - tais como o Pai, a Mãe, o Mago, a Mulher Sábia, etc., -representam a ligação da alma em desenvolvimento com certas "linhas de força" do macrocosmo, ou, em outras palavras, a apresentação da natureza humana para Deus ou para os Deuses. (Assim sendo, por trás dos Mestres está a Força Superna, que pode ser descrita como "O Grande Sacrifício" e que está relacionada com o Deus Sacrificado da Árvore da Vida.) Em adição aos Arquétipos aqui mencionados, existe aquilo que poderia ser chamado de "Formas Complementares" de vários aspectos do Microcosmo, tais como o Anjo, o Demónio, etc., e o confrangedor tipo de Corpo Mágico animado com a Essência Elemental e variadamente chamado de "Habitante do Umbral" e de "Génio Maléfico". Para estes é possível representar grupos ou famílias inteiras, porém, uma discussão minuciosa sobre eles seria demasiadamente longa e difícil para um artigo como este: o termo psicológico "aspecto renegado", aplicável à psique, também é aplicável a eles.

A Imagem Contra-sexual. Este é um fenômeno psicológico bastante comentado: quando reduzido àquilo que realmente é, pode ser uma ligação especial entre a Personalidade e o Eu Superior, sendo um aspecto do Anjo do Pilar oposto ao sexo físico isto é, fêmea para o Pilar de Prata e macho para o Pilar Negro. (Estes Pilares se referem ao glifo composto da Árvore da Vida e dos Pilares um símbolo Cabalístico.)

Notas sobre o Graal e simbolismos semelhantes

Os contatos e forças dos Planos Interiores são recebidos no plano físico através de um grupo, ou então através de um indivíduo que transfere para um grupo, em benefício dos membros deste, os contatos que ele próprio fez. O primeiro método foi a base do Graal do Velho Testamento a Arca; o segundo foi a base do Graal do Novo Testamento a Taça ou Cálice. Ambos estes receptáculos transformaram-se em símbolos, conforme também aconteceu com outras formas de tais receptáculos o Prato, a Concha, a Pedra. Antes de se tornarem símbolos, eles foram fatos. A Arca, continha, na realidade, uma substância dos Planos Interiores que criou um contato direto entre Deus e o Grupo. Na Atlântida, a Taça ou Concha era a Concha-da-Lua (da Velha Lua e dos mais remotos estágios da humanidade), na qual havia uma substância em contato real com o Superno. Estas "substâncias" são Mistérios, na verdade, uma versão daquilo que em dias mais distantes foi conhecido como "a Presença Verdadeira", e das lembranças destes fatos foram desenvolvidos os ritos sacramentais de vários c.redos. O achado da Taça que tinha sido retirada do homem por causados seus pecados está por trás da lenda do Graal, na qual a Taça do verdadeiro contato com o Mais Recôndito melhor do que a Taça como um símbolo desse contato aparece para certas pessoas. Há infinitas possibilidades na meditação sobre este

tema, mas muito pode ser colhido por intermédio daquilo que já foi dito. Nós pensamos em Melchizedek trazendo de volta, para Abraão, o símbolo sacramental; pensamos no seu lar em Vênus-Lúcifer e na velha lenda que existe, que conta que o Graal foi esculpido numa esmeralda caída da coroa de Lúcifer. A Taça, porém, foi o antigo contato Atlanteano com Deus acumulado dentro da Concha-da-Lua - essa concha não continha "vinho" no sentido literal. O Senhor Jesus (um sumo-sacerdote da Ordem de Melchizedek) tornou a instituí-la (como também o fizeram, em seus próprios níveis, salvadores tais como Orfeu, Mitras, etc.): Por trás de tudo isto está a história secreta de Israel, em cujo substrato move-se o Sacerdote Arquétipo da Raça-Raiz Semítica Atlanteana.

NOTAS VARIADAS SOBRE ASTROLOGIA

1. O Zodíaco está sob a influência dos (12) Raios Cósmicos e a verdadeira influência Zodiacal sobre o ser humano não começa a partir daquela que está atuando no momento do nascimento da sua presente encarnação, mas vem desde os "agrupamentos" Cósmicos que estavam em atividade na época em que a Centelha Divina, descendo através dos planos (veja "Doutrina Secreta") foi estampada com uma determinada força Zodiacal especial. Caso fosse realmente discernida, esta força seria aparente nas posições astrológicas de cada encarnação e também seria possível calcular as influências que estão atuando sobre o Espírito, um cálculo de certo modo análogo àquele da Precessão dos Equinócios agindo sobre o Sol: o assunto é difícil e requer um conhecimento aperfeiçoado e especializado. Cada Centelha Divina é respectivamente influenciada por um dos doze grandes "Conceitos da Verdade", que estão por trás dos Doze Grandes Raios. Esta é a verdadeira astrologia fundamental, que cobre uma evolução. Em comparação com ela, a influência do Zodíaco Menor durante uma encarnação é trivial, embora o fato de compreendê-la possa ser muito útil.
2. O Zodíaco não é um cinturão assim tão imaginário, na forma de "zonas" ou "raios" de influência tocando a Terra em certas estações. Ê melhor considerá-lo em conjuntos de quatro constelações. Os três modos de força - Cardeal, Fixo e Mutável - referem-se aos três Raios de Vida; há três conjuntos destes Raios de Vida, equilibrados com os Três Raios de Destruição. Cada modo Zodiacal está alinhado com um destes Raios de Vida. Os Raios de Vida e os Signos Zodiacais equacionados com eles variam em cada evolução: as quatro Criaturas Sagradas da evolução atual não tinham a mesma categoria antes desta evolução - a despeito da influência que derramaram. Na próxima evolução, os quatro Signos "Mutáveis" serão "sagrados". Os Signos do Zodíaco são a base mística do Cosmo.
3. A passagem do Sol através do Zodíaco assemelha-se à "reunião dos membros de Osíris", isto é, à construção da Individualidade pelas experiências ganhas por meio das várias encarnações. De um modo, estas podem ser consideradas como "tipos de evolução" no Caminho. Assim, os Cavaleiros do Rei Artur, os Doze Apóstolos, e outros grupos similares, podem ser imaginados como figuras alegóricas e também, em certos casos, como fatos históricos.
Se considerarmos a força do Sol, no horóscopo, como tendo os quatro aspectos de horizonte [nascente], zênite, ocaso e nadir, e como agindo não somente através do signo Solar em si e daquele do ascendente, mas também através de qualquer Signo ou Planeta que se encontre na cúspide das Casas 10ª, 7ª e 4ª, respectivamente, descobriremos que isto é refletido, no horóscopo do iniciado, pelos quatro grandes aspectos egípcios Ra, Osíris, Tum e Kepra. O próprio Sol é um reflexo de Sirius: Vénus eventualmente é transcendida em Sotis (Sirius), a morada de Ísis.
4. As mudanças evolucionárias já estão começando nas esferas Cósmicas. Ao se aproximar o fim de uma Evolução, (abrangendo uma vasta expansão de tempo) a própria forma começa a se alterar conforme aconteceu no final da Era Atlanteana. Numa época como essa, grandes Seres Cósmicos assumem o lugar daqueles que estavam encarregados anteriormente e as condições "exteriores" da terra e do homem começam a mudar, em grande parte por causa dos "raios" ou "influências", vindas de distantes forças estelares, que começam a operar.
(Contatos com o Eu Superior/Eu Inferior. Martírio, Morte por uma ''Causa")

O Eu Superior estabelece contato com o Eu Inferior de muitas maneiras. No princípio os contatos são raros, e no caso daqueles que "não renasceram" eles podem acontecer apenas uma ou duas vezes durante uma vida inteira, revelando-se sob a forma de uma percepção intuitiva antes de algum evento importante. Um mártir é sempre um iniciado em algum grau, mesmo que não tenha qualquer experiência ou treinamento esotérico: num tipo destes, uma convicção muito profunda pode ser transmitida pelo Eu Superior, uma convicção que deve ser posta em ação a todo o custo, pelo Eu Inferior, mesmo que o resultado seja sofrimento e morte. Naturalmente, o Eu Superior não está preocupado com aquilo que o Eu Inferior entende como direitos políticos ou religiosos, mas está preocupado com alguma questão cármica que precisa ser ajustada pela morte do Eu Inferior, ou então com alguma outra questão, derivada da Lei Cósmica, absolutamente desconhecida pelo Eu Inferior, velada por trás de alguma doutrina ou conceito. O mártir pode muito bem selar com o seu sangue uma causa da qual ele não tem, no seu Eu Inferior, a menor percepção.

O Glifo da Crucificação (considerado sob dois aspectos) 1. Um símbolo dos mais importantes é aquele da Alma-Mundo e sua Crucificação. No seu tipo de morte, Nosso Senhor "concretizou" ou deu uma "qualidade terrena" a este glifo. A Alma-Mundo, porém, está crucificada sobre a Cruz dos Elementos, uma cruz que está expandindo continuamente os seus braços através do desenvolvimento evolucionário e também, nas questões materiais, através da pesquisa científica. A Cruz Elemental tem que alcançar os seus mais extremos limites de expansão no mundo atual e ao mesmo tempo tem que ter cada um dos seus braços em perfeito equilíbrio com os outros. A Macrocósmica Mãe das Tristezas e o Grande Mestre, um de cada lado da Alma-Mundo que está sobre a Cruz Elemental, formam este grande glifo. Microcósmicamente estes dois são representados por Nossa Senhora e São João, um de cada lado da Cruz do Calvário. Assim, o "aspecto negro" de Binah (Ama) é uma figura em pé (o "aspecto branco", Aima, é uma figura sentada). O hino Stabat Mater Dolorosa é muito significativo, pois é, em forma e força, um rito de Binah (3), equilibrado com a sua estrutura rítmica tripla.

No macrocosmo a tristeza implica em compreensão da Grande Lei, mas no microcosmo ela implica em não-compreensão. Não obstante, quanto mais profunda é a capacidade de sentir dor, mais profunda é a compreensão eventualmente alcançada.

2. O Universo é uma forma-pensamento Logoidal e o seu desenvolvimento é o desenrolar, por assim dizer, de um sonho de Deus. Tal como acontece com os sonhos do homem, o Drama Superno é "interpretado" através de um código de condições semelhantes àquilo que o homem chama de símbolos. O criptograma deste mundo é melhor descrito como uma Figura sobre uma Cruz. O Logos tem percepção da sua criação, numa forma sumarizada que gradualmente desenrola o seu significado; imagens deste tipo podem ser chamadas de Arqui-Arquétipos. Não importa muito qual o nome que é dado ao Símbolo-Mundo. Ele pode ser chamado de "Espírito crucificado na matéria" ou de "Homem na Cruz dos Elementos", e pode ser alinhado com o evento histórico ocorrido nas proximidades de Jerusalém cerca de 2.000 anos atrás. Um tal Símbolo eventualmente está destinado a ficar esotericamente ligado a cada um que alcança a sua meta nesta Evolução. A meta é primeiramente conquistada através de um Redentor, que trás a Imagem para Malkuth; e finalmente é alcançada pelo próprio indivíduo, num sentido particular. Há uma figura em cada lado da Alma-Mundo uma é a da Virgem-Mãe, que produz tristeza tanto para geração como para regeneração; a outra é a da Mente da Alma-Mundo, que está ali, ao seu lado, vigilante, para dar coragem e para ajudar, e que é o símbolo dos Guias e dos Mestres. A história do Cristianismo tomou Nossa Senhora e São João como

representantes de um imenso glifo Cósmico que existiu antes do Tempo. Todavia, estes representantes, estando alinhados com o glifo no Tempo, eles próprios se tornam "glifos do glifo".
A vinda do Cristo Cósmico na Era de Aquário, e o retorno, para as esferas Raciais, das figuras redimidas de "Merlin", de "Artur" e dos personagens Arturianos, refere-se à hora em que o próprio homem assumirá os remanescentes do seu Carma, os remanescentes que não foram ajustados pelo último Grande Redentor. Este Carma individual entenda-se, a última parte do Carma deve ser plenamente compreendido para que então possa ser removido. Nosso Senhor tomou sobre si mesmo aquilo que poderia ser descrito como "desiquilíbrio global" da Evolução inteira e aqueles aspectos do pecado individual que estavam obstruindo a Maquinaria do Universo. O peso de milhões de anos de pecado foi, portanto, colocado sobre o Divino Bode Expiatório, que efetuou a sua remoção no curto espaço de tempo que já sabemos. Este feito mostra a vasta importância da realização, comparado com o valor relativamente insignificante do próprio tempo. Ë vitalmente importante compreender o que é REALIZAÇÃO e compreender que ela tem pouca relação com a marcação do tempo no plano físico. A verdadeira realização, em seus incontáveis graus de intensidade, implica em alguma medida de remoção do Carma e na retirada do Ve'u que há entre o homem e a sua origem Cósmica; este Véu foi interposto, na Era Lemuriana, pelo pecado Lemuriano. Antes deste pecado e da diferenciação dos sexos na evolução, o ser humano consistia do Eu Superior em Contato com a Centelha Divina; não havia Personalidade conforme nós agora a conhecemos. As primeiras "projeções" vindas do Eu Superior, conforme nós agora as entendemos, evoluíram ao redor do "Ego" criado em consequência da Sombra Lemuriana.

NOTAS SOBRE LOUCURA, PECADO LEMURIANO, ETC.

Em relação à loucura, a atitude Aquariana será muito diferente desta da Era Pisciána, que tem sido acompanhada por tanta vergonha e constrangimento. Até agora foi considerada uma coisa terrível ter um membro da família num asilo de loucos, mas na Era de Aquário muitas e muitas pessoas serão tratadas abertamente, em hospitais mentais, e muitas irão para esses hospitais por sua livre e espontânea vontade. A cura na Era de Aquário será mais dirigida para os conflitos e problemas mentais do que para as doenças físicas. Isto está relacionado com o começo da dissolução final da separatividade do "Ego" e com a compreensão correta do Círculo do Caos (4). A loucura implica na recusa a aceitar a realidade do Círculo do Caos como um bloqueio, e na negação da necessidade de aceitar e de procurar a Mudança. Ê uma visitação muito severa das forças do Terceiro
Sephira Sagrado (Binah) pois as forças de Mãe Negra (Ama) e do Círculo do Caos são uma só. A dissolução do Ego é o Terceiro Nascimento e envolve uma esotérica, deliberada e totalmente controlada "perda da nossa razão" no Todo Cósmico. Qualquer recusa em aceitar a dissolução do Ego trará como resultado a desordem mental, pois nesse estágio, se o Ego não quiser prestar obediência à Lei evolucionária, ele poderá ficar tão enfunado que romperá seus limites involuntariamente e perderá todo o controle consciente. Pode-se dizer que a diferença entre a loucura e o Terceiro Nascimento está em que, na loucura, o Ego rompe os seus limites involuntariamente e, no Terceiro Nascimento, o Ego, com conhecimento e dedicação, é conscientemente dissolvido há uma consciente e deliberada "retirada do Véu", e o adepto assume o seu trabalho como uma parte evoluída do Todo Maior, uma parte "individual", mas não "separada".
A "Sombra Lemuriana" foi, basicamente, o "Pecado da Separatividade". No início a intenção era que a evolução progredisse pela experiência da diferenciação como um resultado dos fatores epigenéticos existentes no Átomo (usando a terminologia da "Doutrina Cósmica"), mas o resultado do Pecado Lemuriano foi a separação entre o Eu Superior e o veículo inferior e a forma física, havendo então, como um dos muitos resultados adversos, a perda da memória dos estados de consciência mais elevados. A Centelha Divina (ou Consciência Logoidal) não teve possibilidade de impedir que isto acontecesse, como não podia proporcionar, no seu próprio plano, o aspecto formativo necessário à manifestação. A manifestação no plano físico, portanto, desenvolveu a consciência "Ego" a consciência de um ser separado. Se tivesse havido "diferenciação", mas não "separação", a consciência resultante teria sido aquela da "individualização"; há uma grande importância na compreensão e na percepção da diferença entre aquilo que teria sido a "consciência de individualização" e aquilo que é a "consciência de Ego" ou "consciência de separação". Eventualmente, o homem deve alcançar a "consciência de individualização" na qual a Centelha Divina, o Eu Superior e o Eu Inferior estarão todos operando em harmonia e a consciência do corpo de Malkuth será reconhecida por aquilo que realmente é, uma célula no corpo da "Mãe-Terra".
Um problema básico da evolução humana, resultante da "Queda", é o conflito, no indivíduo, entre os aspectos Elemental e Espiritual da Vida Ünica. Nas suas formas mais graves, este conflito leva a um tipo de esquizofrenia no qual a vida Elemental da pessoa passa a ter uma existência absolutamente separada da vida espiritual.
Nota: Este assunto é muito profundo e difícil. A linguagem usada e as ideias transmitidas são meras "aproximações", isto é, uma forma de levar

a uma compreensão do assunto, melhor do que as definições rápidas e secas. Estas observações também se aplicam ao Glifo da Crucificação. Falando de modo geral, tais ensinamentos da Tradição são dados para auxiliar a mente a chegar às suas próprias percepções e conclusões.

Pan como um Símbolo. O "Grande Deus Pã", quando finalmente compreendido, é uma figura de Chokmah no Sistema Solar Logoidal. É um símbolo que tem relação com o símbolo da "Serpente-que-segura-a-sua-cauda-na-sua-boca". No Grande Deus Pã reside a compreensão tanto do começo quanto do fim da força-sexo. Ele representa o "despertar de Kun-dalini" e também representa aquela força usada a serviço da mais elevada magia de sabedoria. Contudo, qualquer figura que represente as duas coisas juntas, começo e fim, ainda é um símbolo e deve, eventualmente, desaparecer para dar lugar à Realidade. A Realidade do Grande Deus Pã não pode ser outra coisa senão uma parte do Logos Solar.

O ditado "todos os deuses são um só deus e todas as deusas são uma só deusa e há um Iniciador" deve ser constantemente ativado. O "um Iniciador" é a percepção cada vez maior, em consequência da integração cada vez maior, do Eu Superior e da Personalidade, que leva à "Sala Vazia" em Daath. Conseqüentemente, em graus variáveis e sobre níveis diferentes, todos os deuses e deusas representam aspectos do Deus Único, que tanto é "macho" quanto "fêmea".

Byron. Às vezes, Forças não-humanas lançam a sua sombra sobre seres humanos e trazem influências de outros grupos Raciais que não são aquele destes humanos. Os vários grupos Raciais diferem em suas influências, daí os diferentes tipos de Elementais "vistos" em vários países. Byron é uma ilustração do caso de uma pessoa influenciada por forças de mais de um Grupo Racial. Além disso, ele tinha uma demoníaca forma de "daimon" sombreando o seu Eu Superior, e este "daimon" não tinha, naquela encarnação, nenhuma outra possibilidade de manifestação a não ser principalmente através do intelecto. As forças revolucionárias que estavam em atividade naquela época de Byron puderam usar este "daimon" dinâmico até certo limite, porém mais da metade ficou sem ser dito. Ê por isso que há uma sensação de alguma coisa "rasgando-se em pedaços" durante todo o tempo e tendo que fazer tudo o que tinha que fazer com a maior urgência possível, uma vez que o tempo era curto. (O poeta morreu aos 36 anos de idade.)

Forma (em Binah e Yesod). Binah representa o conceito por trás da Forma e o seu Arcanjo representa a Inteligência por trás da Forma, o "Construtor sem Forma, da Forma", trabalhando por trás de ambos os aspectos, Escuro e Brilhante. Yesod representa a trama etérica da Forma.

A Cura e os Quatro Elementos. A Era de Aquário está especialmente envolvida com a "cura pelo Ar", através do uso da mente humana e de certas Forças do Ar daí as referências de Steiner ao valor do visco (erva de passarinho), que é um símbolo do Ar. Nesta Era, além do aspecto especial do Ar, os valores curativos de todos os Quatro Elementos serão restabelecidos e o poder de cada um deles será entendido. Em cada Elemento há Forças tanto perniciosas quanto curativas. Os grandes curadores das Eras anteriores trabalharam principalmente através de um certo "raio" do Sol e sobre diferentes níveis desse raio. Nosso Senhor usou este raio solar, trazendo-o através de si mesmo e derramando-o sobre os outros. Outros curadores solares usaram outro nível deste raio e o colocaram em contato com o Eu Superior do paciente e, desse modo, o raio pôde chegar a esse paciente; naturalmente, eles não tinham capacidade para entrar em contato com esse raio no mesmo grau de força usado por Nosso Senhor.

Arquétipos (veja, também, as notas anteriores). Ê Preciso lembrar que os Arquétipos, embora possuindo um certo grau definido de força, trabalham

em fases. Assim sendo, os três grandes Aspectos Logoidais (Amor, Sabedoria, Poder) trabalham, cada um, em três fases. Por exemplo, o Aspecto Sabedoria trabalha através de Sabedoria-Sabedoria, Sabedoria-Poder, Sabedoria-Amor. No desenvolvimento de um iniciado, às vezes poder-se-á ter a impressão de que há uma regressão para um tipo de manifestação que se pensava já ter sido descartada, mas o que realmente acontece é que durante o desenvolvimento iniciatório cada Caminho é retraçado sobre um arco mais elevado. Desse modo, uma força arquetípica poderá retomar o trabalho de anos anteriores, mas num nível mais alto. A curva inferior de uma nova espiral de evolução corresponde à curva ascendente da espiral anterior.

O Vigia (o Vigia na Torre.) Esta é uma figura arquetípica que às vezes é usada, pelos Planos Interiores, para ajudar a alma a ter percepção do seu verdadeiro destino. Representa a parte eterna, indestrutível, de cada um - ligando o Eu Superior com a Centelha Divina.

Reconhece apenas a Realidade e, em consequência, suas ações têm por alvo destruir tudo aquilo que venha a impedir a realização do destino de uma alma. No final, a parte temporal de cada um é destruída porque não é reconhecida pelo Vigia. Ele é uma figura da Eternidade, inamovível, imutável, pertencendo ao Passado, ao Presente e ao Futuro, fazendo dos três uma coisa só. O Vigia é uma figura Daath, relacionada com os Planos Causativos e com a Mente Abstrata.

Hórus às vezes é chamado de Senhor da Era de Aquário. Ê um ser alado e completo, contendo dentro de si o seu pai Osíris e a sua mãe Ísis. Nos dias primevos, fsis e Osíris eram um único ser: mais tarde, dividiram-se em dois. Hórus representa cada um deles no novo arco unidos uma vez mais em um único ser. Assim, Ísis e Osíris representam a primeira e boa Era Lemuriana, e Hórus representa a versão Aquariana, completa, dessa era elevada a um nível espiritual daí, as asas.

Almas presas à terra

As almas presas à terra podem ser divididas em dois tipos.

1. O tipo de alma que, em virtude de implicações cármicas, tem um forte contato com as condições terrenas.

Na fase logo após a morte física, um tal tipo pode ser facilmente atraído de volta para cá porque as vibrações "terrenas" são mais fortes do que o corpo espiritual da alma, isto após a decorrência de um certo espaço de tempo, no qual o corpo espiritual possa ser construído para atuar nos planos mais elevados e mais sutis. Esta é uma das razões por que "anjos" estão presentes na hora da morte de um homem eles o protegem durante a fase de ajustamento às novas condições, e suas vibrações o ajudam a mudar-se para uma "nova mansão".

Se a alma é atraída de volta, isto geralmente se deve a uma fraqueza na natureza ética, ou a uma submersão pelas forças da terra por causa de fatores cármicos evolutivos especiais, nos quais ela está envolvida com frequência, relacionados com pessoas que ainda permanecem no plano físico. Tais almas são sempre auxiliadas, nos Planos Interiores, por seres humanos mais evoluídos e também por anjos.

2. O tipo forte de alma que, para favorecer a sua própria conveniência, deseja permanecer o mais próximo possível das condições terrenas, recusando submeter-se às experiências subjetivas que constituirão o corpo espiritual.

Este tipo de alma compreende que, sem um "corpo", as forças começarão a se desintegrar, a dispersar-se, e isto significará destruição para a sua maneira de viver. Ela, portanto, arma uma tremenda luta, causando aquilo que é conhecido como "assombração", e para manter-se pode usar a obsessão de animais e de criaturas de desenvolvimento mais inferior. Ë necessário que os Adeptos tratem de tais casos porque a "vontade" de um homem está

envolvida. Se um caso for de tal gravidade que a "vontade" tenha que ser quebrada - o resultado seria a desintegração da alma humana os Adeptos trabalham para mudar a "vontade", se isso de algum modo for possível. Os sintomas desagradáveis, assustadores e às vezes perigosos da assombração são devidos ao fato de que, em virtude do seu grau mais elevado, este ser humano falecido pode, durante um certo período de tempo - até que as forças Cósmicas superiores tenham construído uma parede de pressão para impedir que isso ocorra , manipular e controlar vibrações da "terra" ou de um tipo mais inferior do ser.
Um Adepto do Plano Interior, ao trabalhar sob tal condição, sente-se prejudicado pelo fato de não ter uma forma física com a qual ou através da qual possa operar, isto porque as forças mais elevadas, que são trazidas para cá com o objetivo de construir a parede de pressão que envolverá efetivamente a alma, isolando-a dos contatos terrenos, precisam "encarnar" através de uma forma física. De outro modo a parede, embora forte, carecerá de raízes e a alma acorrentada à terra, possuidora de grande força, a derrubará. Além disso, a assombração se alimenta do medo. Por estes motivos, num trabalho deste tipo, os Adeptos precisam de um Adepto forte no Plano Físico, dotado de compassiva compreensão. Os Adeptos que estão nos Planos Interiores lidam com as forças Cósmicas e com a lndividualidade do homem: a cooperação do Adepto do Plano Físico é necessária nos níveis inferiores das forças da Terra e da Personalidade do homem envolvido. Se for adequadamente entendido, um trabalho deste tipo terá um efeito regenerativo sobre todos os que de algum modo estão envolvidos.
A Terra e Vénus. A Terra foi "encarnada" na esfera de Vénus numa fase muito primitiva. Conseqüentemente, há um contato entre Vénus e Terra.
Netzach tem a Rosa e a Lâmpada - dois grandes símbolos Rosacru-cianos como seus próprios símbolos, e também tem o cinto ou zona. Netzach tem uma significação mais ampla do que a que tem como esfera do "romance". Aqui são encontrados três símbolos usados pelos Rosacrucianos e aqui está a esfera da qual o grande Manu trouxe as três dádivas para o homem.
A zona ou cinto guarda a significação interior dos contatos da Terra com Vénus. (A lenda do cinto de Ishtar - a última coisa que ela possuía e que foi intimada a entregar, no Mundo Subterrâneo, quando estava à procura de Tammuz deve ter tido um profundo significado espiritual.
A Terra entrou em contato com uma profunda percepção espiritual durante a sua fase de Vénus e, na sua fase atual, obteve dela o ensinamento espiritual via Manu Melchizedeck. Entre os três símbolos de Netzach na Cabala Mística, e aquelas três dádivas do Manu, há uma correspondência interior de significado, embora não de forma; assim, a Lâmpada está em correspondência com o Asbestos, pois somente quando um homem pode suportar o Fogo e a Água espirituais é que ele poderá segurar essa Lâmpada em suas mãos. Esta é a esfera que contém a Lâmpada que guarda e irradia a Chama. A Chama é tirada de Chokmah e é insuflada por Geburah, mas é mostrada para a Terra por Netzach. Em uma Tradição, Netzach também é a fonte do Graal a esmeralda que caiu da coroa de Lúcifer quando ele veio para a Terra.
Astrologia
1. Diz-se que as primeiras forças formativas jorraram sobre a Terra vindas da Constelação de Tauro associada com Aldebarã.
2. Nos primitivos dias Lemurianos, certos Adeptos chegaram à Terra vindos do planeta Júpiter, que guarda um "esquema secreto" relacionado com a Terra.
Forças Raciais. Nesta Era, todas as forças Raciais estão sofrendo mudanças; os próprios Anjos Raciais estão recebendo influências vindas de esferas mais remotas, enviadas por outros Seres Cósmicos.

Quando um homem torna a encarnar, a Raça para a qual ele é enviado não é, de modo algum, uma questão de acaso, pois as diferentes lições necessárias e os diferentes detalhes cármicos que devem ser solucionados nem sempre podem ser encontrados na Raça dentro da qual ele possa ter tido uma gravitação natural em vidas anteriores. Podemos encontrar, neste fato, uma explicação que nos permitirá compreender o "traidor", o "pacifista agressivo" e outras figuras do mesmo tipo, que na última encarnação provavelmente tiveram ligações com uma Raça, ligações que naquela época foram legítimas, mas que agora não se justificam. Com frequência, o homem não evoluído é, até certo ponto, dominado pelo seu Anjo Racial anterior. O homem mais evoluído compreende que o seu dever é para com o Anjo Racial atual, mas em tempo de guerra a sua vida passada poderá capacitá-lo a enfrentar a "força inimiga" com habilidade especial.
Atualmente as Raças são menos definidas através do sangue; elas tendem a dividir-se em categorias de linguagem, estando o sangue cada vez mais e mais misturado. As influências do território sobre o qual uma Raça foi primeiramente assentada continuam a existir, muito embora como elemento subconsciente - ou, colocando de forma diferente, as pessoas da mesma linguagem são herdeiras das forças da terra na qual essa linguagem amadureceu. O laço de sangue representa o Elemento Fogo, ao qual, na verdade, os Anjos Raciais realmente pertencem. O laço de Linguagem representa o Elemento Ar. No estudo do ocultismo da linguagem, há muito que ser aprendido com referência a isso. À medida que o tempo for passando, tenderemos a retornar para uma Raça Raiz, e a Europa agora está encaminhando-se para isso (inclusive a Inglaterra). A Raça russa está inclinando-se para o Oriente e, através da Sibéria, irá juntar-se uma vez mais com as forças mongólicas. Por trás destas forças mongólicas há forças do bem operando muito lentamente sobre a Rússia, irradiadas do Tibé.
A figura simbólica da Raça e da Linguagem é a Torre de Babel. Esta Torre foi construída no Tempo, portanto, teve que ser destruída. Agora ela deverá ser reerguida, pois agora estamos inclinados a "alcançar os céus" da maneira certa e ter "uma linguagem".
Vaidade. À parte das suas manifestações mais facilmente reconhecíveis, a vaidade pode ser o resultado de uma forma de ódio e aversão à Personalidade, da parte de um aspecto "oposto" do Eu Superior. Em tal caso, provavelmente será descoberto que a Personalidade dos dias passados foi desprezada por aquele aspecto oposto, e o instrumento providenciado para aquela encarnação foi recusado, ou suas experiências rejeitadas.
Durante todo o tempo, enviado por algo que parece estar nos níveis inferiores da Personalidade, uma espécie de ódio pode ser dirigido contra a própria Personalidade, resultando numa lenta e insidiosa forma de suicídio. Os elogios ou até mesmo o consolo, oferecidos por outros, não são aceitáveis para este tipo de Vaidade, que só pode perceber o seu próprio reflexo pervertido. Desse modo, as opiniões pervertidas da Imagem falsa, ou aspecto, tendenciam todas as questões concernentes a esse Eu. O amor a si mesmo e o ódio de si mesmo são dois lados da mesma moeda.
Anjos Raciais (veja também acima)
Estes Anjos, evoluindo de uma forma que se parece com a evolução do Eu Superior dos seres humanos, têm que passar para outros estágios de desenvolvimento, o que, no caso deles, significa trabalhar por trás de uma Raça diferente. Tal como acontece com os homens, a força principal do Anjo Racial poderá ser focalizada fora do alinhamento verdadeiro com a sua fonte, e então, com muita frequência, um poder maléfico usará essa força do Anjo Racial, do mesmo modo como uma Personalidade maléfica utilizará, para coisas erradas, a força do seu Eu Superior.

Até certo ponto, os Anjos Raciais podem-ser comparados aos Anjos da Guarda ligados aos indivíduos. Estes últimos são corporificações da Vontade Logoidal dividida em entidades, cada uma ligada a cada unidade humana quando a diferenciação espiritual teve lugar. Os Anjos Raciais são entidades que conservam um dos aspectos especiais do Manu que primeiro guiou o ramo principal da Raça. (Assim, o Líder Ariano Rama deixou aspectos da sua força em várias Raças Arianas).
Os Anjos Raciais quando convenientemente evoluídos ganham um assento na Mesa Redonda sideral. Algumas vezes é introduzida uma medida política que determina esse conceito. Outras, também se descobrirá que o assento não poderá ser ocupado senão depois de um longo tempo assim como um homem não poderá sentar-se na Mesa Redonda antes de tornar-se um rei de si mesmo. Os Anjos de raças grandes e pouco desenvolvidas não estão no mesmo estágio em que estão os Anjos de nações relativamente desenvolvidas. Há uma falta de coesão em tais veículos raciais, que, em geral, não estão adequadamente unidos com a mente-Grupo. Em tais condições, um partido forte e ardiloso poderá interpolar um "falso" Anjo e este "falso" Anjo poderá tomar o lugar do verdadeiro Guardião Racial que não estava fortemente ligado com o Grupo.
Quando várias Raças são amalgamadas em uma, os vários Anjos Raciais ficam em uma única aura, e esta aura poderá ser considerada como uma vasta Superalma. Deste modo, os vários grupos felinos estão incluídos na Superalma ou aura do Arquileão, e a Terra e a Lua atual fazem parte de uma Superalma ou aura.
Uriel e Sandalphon. Uriel é o Regente do Elemento Terra; San-dalphon é o Regente da Esfera da Terra (Malkuth), e ambos têm um relacionamento interligado, cada um sendo o Regente de um aspecto de força mais denso. Sandalphon domina sobre a estrutura das formas-vida dentro deste planeta assim, ele governa a evolução da consciência e da forma sobre a terra, portanto, é o Regente das "Almas de Fogo", sendo este o nome simbólico dado à consciência dos átomos. Uriel governa as forças básicas da Terra em si, particularmente as forças sísmicas, e estava ligado a este planeta antes mesmo de que a sua forma se solidificasse, quando a Terra estava atravessando seus estágios ígneo e aquoso. Diz-se que ele previu os cataclismos Atlanteanos e que foi o mestre de Enoch. Uriel trouxe o grande Dilúvio pelo menos, ministrou-o à Terra, na qualidade de servidor de Poderes Mais Altos. Por seu intermédio, o Fogo, a Terra e o Ar têm, eso-tericamente, "permissão" para trabalhar sobre a terra. Em um outro tempo Uriel foi o Regente da Velha Lua, portanto, uma parte do seu poder está relacionado com a Terra Interior.
As Potências da Terra Interior. Estas se relacionam com a Velha Lua (a Lua que precedeu o satélite atual) e com os dias pré-Atlanteanos, quando a consciência humana era mais ou mesmo da mesma natureza do Atziluth de Yesod. A Terra Interior está relacionada com um certo tipo de cura física porque contém a primeira manifestação dos Quatro Elementos e também os componentes primários do corpo humano.
Rafael e Micael. Às vezes, ambos são atribuídos ao Sol. Rafael representa as forças básicas do Sol, uma vez que ele "está dentro do Sol". Micael representa as forças solares no seu aspecto de poder espiritual. Desse modo, ele dirige um aspecto do poder que está por trás do "Herói do Sol" quer seja um deus, um semideus ou um humano - e, como representante do Fogo Eterno, está encarregado de guardar a consciência contra as abordagens do Fogo Infernal. Ele é o governante dos sagrados Beni Elohim. Uma parte "não sagrada" destes Beni Elohim colaborou na Magia Negra da Atlântida.

Resignação. O conceito esotérico de resignação como uma virtude não é, de modo algum, o de uma forma de "mentalidade escrava"; é a força das rochas que não podem ser movidas, é a percepção plena dessa força.

Saturno e uma nota sobre os Animais

A "evolução-Saturno" da Humanidade foi a Idade de Ouro, pois Saturno foi o primeiro "sol" da nossa humanidade - não "o-Sol-por-trás-do-Sol", mas simplesmente o primeiro Sol. Então, a matéria foi retirada daquele planeta e usada em outros planos, e Saturno se tornou o "planeta da Morte e da Constrição". (Os arcos mais elevados da Mãe Negra tratam do colapso e da reconstrução dos escombros do universo, isto é, do Caos.)

Houve o Éden, ou a Idade de Ouro, e o seu simbolismo é muito interessante. Saturno está relacionado com ambos os desenvolvimentos, solar e lunar, de Eras muito remotas. Seu metal mágico é o chumbo; a transmutação deste metal básico em ouro é uma operação alquímica, simbólica, muito conhecida. A profundidade deste simbolismo reside no fato de que o chumbo precisa voltar a ser transformado em ouro. Na Doutrina Cósmica há uma menção da estrela Alfa Centauro, e a estrela "7" (Gama) dessa constelação do Centauro foi a primeira a ter o contato com a Mente Logoidal, quando esta contemplava o início da evolução humana na forma. Os animais superiores são desenvolvimentos das "experimentações" Logoidais, que poderiam ter sido humanos se as suas superalmas não tivessem falhado em certos pontos. Contudo, os quatro tipos mais elevados têm um papel importante no destino do homem - as quatro Criaturas Vivas Sagradas. Não obstante, foi na esfera do Centauro que algo do verdadeiro destino foi alcançado. Daí ser o Centauro uma constelação de grande importância, e o seu equivalente astrológico, num horóscopo, poderá indicar uma aptidão especial para compreender a humanidade. Ê fácil ver, também, como o uso profundamente degradado do conhecimento desses assuntos foi uma espécie de inspiração maléfica para os pecadores Lemurianos.

Arquétipos (veja também acima)

A união com um Arquétipo Cósmico é um ato muito significativo. Isso quer dizer que um conceito espiritual, recebido da Mente Logoidal, toma-se realidade em Malkuth porque é sobrevivido. Este conceito é inicialmente dado à humanidade na forma de um mito - e um mito pode ser comparado a um sonho do Inconsciente Logoidal, que depois passa a ser transportado para uma Projeção do consciente humano. Ativar um Arquétipo ajuda uma alma, um grupo ou uma nação, a redimir e a assimilar um aspecto de si mesma, que anteriormente fora rejeitado ou projetado. Há, portanto, muitos tipos de Arquétipos, alguns especificamente relacionados com a Personalidade, outros com a Individualidade, além de que também há Arquétipos universais e Logoidais que podem ser aplicados a grupos e a nações. Todos fazem parte do processo de integração.

Pendragon. O símbolo do Dragão, de Artur, refere-se à Lemúria, quando a constelação Draco continha a Estrela Polar. Ela também passou a ser a Serpente Alada da Mais Alta Sabedoria, ou a Serpente Maligna.

Morte, Mudança, Reencarnação, etc. No princípio, o sistema de "mudança" que mais tarde passou a ser "morte" constava de estágios de afastamento do plano terreno, isto quando a corrupção do veículo físico ainda não se tornara estereotipada. O próprio veículo físico quase que não era físico, no sentido em que atualmente se dá a essa palavra; era um veículo etérico denso, que podia ser retirado mais ou menos como uma pele completa que um outro ser humano podia usar enquanto o ocupante anterior retornava para outras fases do plano interior, até voltar a entrar em contato mais uma vez - em percepção - com as suas próprias origens, no momento da entrada no Sistema Logoidal Solar percorrendo uma vez mais, num processo inverso, o caminho da evolução humana conforme então ele era. Uma tal

jornada, para a qual o ser em encarnação trazia a sua própria experiência e aduzia a sua própria quota de desenvolvimento, nessa época era muito mais simples e curta do que é agora, pois estamos falando do início da história humana. Agora o processo é longo e complexo, pois após o término, pela morte física, de um período de desenvolvimento sobre a terra, o espírito do homem faz uma longa viagem de processos inter-encarnacionais, nos quais as fases evolutivas do Eu Superior são recapituladas através dos elos anteriores do seu desenvolvimento antes de que a humanidade passasse a viver na Terra atual. Ao mesmo tempo que isto acontece, a Personalidade e os veículos mais elevados recapitulam e absorvem, em meditação, as experiências da encarnação que acabam de terminar.

Todo o progresso segue a lei da recapitulação, que envolve as grandes leis da mudança, da transmutação e do sacrifício. A recapitulação física pode ser observada nos primeiros estágios do embrião humano. Na Era de Aquário, Yesod irá estar muito ocupado com a redenção e o equilíbrio. Notas sobre os veículos interiores do homem. Na "Idade Heróica", (e até mesmo em dias posteriores, entre os filósofos gregos) a mente não trabalhava exatamente do mesmo modo como hoje trabalha. Na Idade Heróica a mente concreta certamente estava em uso e desenvolvendo-se, mas ainda não tinha alcançado o desenvolvimento que alcançou mais tarde. Segue-se que os Grandes Arquétipos e, antes deles, os Princípios, trabalharam através do corpo etérico, de uma forma que hoje não é mais possível. Ê por isso que nas estórias daqueles dias pode-se discernir uma grandeza macrocósmica no microcosmo. A mente concreta desempenhou uma parte relativamente pequena na composição do homem, mas a mente Abstrata estava, normalmente, em contato com o "pensador" da época. No presente o caso é inverso, pois a Mente Abstrata declinou nos não-iniciados em geral, e o destino do homem moderno é trabalhar o mais possível através da sua mente concreta. Desse modo, atualmente, tudo é necessariamente visto numa perspectiva diferente. Na verdade, o grande heroísmo existe hoje em dia, mas não se reflete, por assim dizer, diretamente sobre o corpo etéreo, vindo de níveis macrocósmicos. Para a mente moderna, por exemplo, o arrastamento do corpo de Heitor, por Aquiles, depois de Heitor ter sido assassinado por ele, parece cruel e chocante, mas é provável que naquela época nem mesmo os Troianos tivessem essa opinião. Aquela foi uma vindita "gigantesca", em grande escala, entre Heitor e Aquiles uma vindita na qual tomaram parte as Superalmas tanto dos Gregos quanto dos Troianos. É desse modo que nasce o drama, ou, na linguagem dos Mistérios, é desse modo que os rituais são estruturados e operados.

Os Mestres (veja também acima)

No Oriente especialmente na índia as condições e a atmosfera são muito mais fáceis de manipular, desde os Planos Interiores, com o propósito da manifestação. Estas são manifestações dos aspectos etéricos ou sutis da matéria, e sendo da matéria podem ser chamadas de "físicas", mas então a palavra tinha um significado um pouco diferente daquele que normalmente se entende por ela. Quando a Sociedade Teosófica foi inaugurada, foram necessárias manifestações o mais fortes possíveis, dos Adeptos do Plano Interior, com o objetivo de imprimir a doutrina mas, quando este objetivo foi alcançado, a mesma força de manifestação já não foi mais necessária.

Com respeito às "encarnações" dos Adeptos do Plano Interior, a questão é mais complexa do que geralmente se pensa e existem diferenças entre os graus de encarnação. Um discípulo adequado, de um determinado Mestre, pode ser usado como um tipo de encarnação por esse Mestre, com o consentimento e a cooperação do discípulo e o resultado pouco diferiria de uma encarnação genuína durante todo o tempo exigido pelo objetivo do

Mestre. Contudo, a Força encarnada só estaria encarnada intermitente e temporariamente, e a Personalidade assim manifesta não seria a sua verdadeira Projeção. Segundo se diz, um exemplo disto, no mais elevado dos níveis, foi a manifestação, durante três anos, de um aspecto do Cristo no Senhor Jesus, com o propósito de realizar um grande trabalho, tendo o alto Iniciado, que manifestou a Força, vivido outras vidas na terra, dirigidas por seu próprio Espírito.

O Arcanjo Sandalphon

Este Arcanjo é o guia do planeta Terra o regente de Malkuth (veja Doutrina Cósmica). Ele tem guiado a Terra desde os dias Lemurianos e muitas das suas relações com a Terra figuram em mitologias e nos mitos de certos deuses. O seu desenvolvimento afeta a humanidade, mais ou menos da mesma maneira como a evolução da humanidade afeta o desenvolvimento da Terra (o Espírito Planetário), conforme descrito na Doutrina Cósmica. Os Anjos Raciais estão na sua jurisdição especial e certos países e suas influências, num sentido profundo, são o resultado dos seus próprios estágios de crescimento.

Palas Atena. A Sabedoria é virgem e inadulterada; até certo ponto, é velada, pois o mundo não poderia sobreviver à sua visão nua; quanto mais fundo ela penetra na matéria, mais ela deve ser resguardada, portanto, está armada para a sua própria proteção; usa um elmo, para que o próprio fogo não destrua o cérebro; ela é gerada, não é feita; é nascida do pai, isto é, da Centelha Divina, através do contato Logoidal; ela usa a lança e guarda todo o conhecimento. Em síntese, ela é Palas Atena e no seu escudo está a cabeça da Gorgona, velada ou sem véu.

1 - A Sociedade da Luz Interior agora usa os termos Personalidade Evolucionária e Personalidade Encarnatória, respectivamente.
2 - Na Árvore da Vida, da Cabala.
3 - Veja Árvore da Vida.
4 - Veja A Doutrina Cósmica.